



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB)  
FACULDADE UNB PLANALTINA (FUP)  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO  
RURAL – PPG/MADER

JONATHAS FELIPE AIRES FERREIRA

AS ASSENTADAS NA AGRICULTURA FAMILIAR DE BASE AGROECOLÓGICA DO  
PEQUENO WILLIAN – PLANALTINA - DF: CONDIÇÕES DE VIDA, TRABALHO E  
MEIO AMBIENTE

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural pelo Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural, linha de pesquisa Desenvolvimento e Políticas Públicas para o Meio Ambiente e o Campo, Universidade de Brasília (UnB), Faculdade UnB Planaltina (FUP).

Orientadora: Professora Dr<sup>a</sup> Tânia Cristina da Silva Cruz

Planaltina – DF

2016

JONATHAS FELIPE AIRES FERREIRA

AS ASSENTADAS NA AGRICULTURA FAMILIAR DE BASE AGROECOLÓGICA  
DO PEQUENO WILLIAN – PLANALTINA - DF: CONDIÇÕES DE VIDA,  
TRABALHO E MEIO AMBIENTE

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural pelo Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural, linha de pesquisa Desenvolvimento e Políticas Públicas para o Meio Ambiente e o Campo, Universidade de Brasília (UnB), Faculdade UnB Planaltina (FUP).

BANCA EXAMINADORA

---

Professora Dr<sup>a</sup> Tânia Cristina da Silva Cruz – Orientadora  
Universidade de Brasília – Faculdade UNB Planaltina

---

Professora Dr<sup>a</sup> Regina Coelly Fernandes Saraiva – Membro Interno  
Universidade de Brasília – Faculdade UNB Planaltina

---

Professor Dr<sup>o</sup> Rafael Litvin Villas Bôas – Membro Externo  
Universidade de Brasília – Faculdade UNB Planaltina

---

Professora Dr<sup>a</sup> Joelma Rodrigues da Silva - Suplente  
Universidade de Brasília – Faculdade UNB Planaltina

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

AF383a Aires Ferreira, Jonathas  
As Assentadas Na Agricultura Familiar De Base  
Agroecológica Do Pequeno Willian - Planaltina - DF:  
Condições de Vida, Trabalho e Meio Ambiente /  
Jonathas Aires Ferreira; orientador Tânia Cristina da  
Silva Cruz. -- Brasília, 2016.  
170 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Meio Ambiente  
e Desenvolvimento Rural) -- Universidade de Brasília,  
2016.

1. Assentadas. 2. Pequeno Willian. 3.  
Agroecologia. 4. Relações de Gênero. 5. Condições de  
Vida. I. Cristina da Silva Cruz, Tânia, orient. II.  
Título.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente a minha família por me conceder mais essa oportunidade de avançar nos meus estudos e que além de tudo me apoiaram em minha decisão de adiar a entrada no mercado do trabalho em prol de uma educação acadêmica mais aprimorada. Sobretudo à minha mãe por compreender essa decisão e me apoiar. À minha avó pela sua dedicação, paciência e contribuição na minha criação.

Agradeço minhas amigas de longa data: Amanda Nunes, Mabby Camarda, Taiane Pereira, Daylane Rosa, Lauriane Monteiro, Daiane Ricarda, Samara Martins, Pollyana Otánasio pelas vivências, experiências, pelas discussões inteligentes e descontraídas, apesar de possuímos projetos particulares, apesar de não estarmos juntos como na graduação que nossa amizade permaneça e que sobretudo onde quer que estejamos ela continue.

A minha lacradora e elegante Professora Dr<sup>a</sup> Tânia Cristina da Silva Cruz pela oportunidade de me conceder 6 anos de presença acadêmica e constante, pelo seu jeito contagiante e humano de ser, sua pessoa única, sua simpatia singular, sua disponibilidade mesmo com a chegada da tão almejada Tarscila. Espero que essa relação permaneça e continue hoje e sempre.

Agradeço à minha estimada turma de Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural pelo clima contagiante, momentos de estudo e lucidez, pelas provocações oportunas que contribuíram para o amadurecimento da presente dissertação.

Gratidão por todos os professores do MADER pelas relações acadêmicas proveitosas, pelos debates enriquecedores, pelas inúmeras contribuições e preocupações para com a chegada da presente dissertação.

Pelas Grandes Assentadas do Pequeno Willian, gratidão imensurável pois, sem a sua colaboração, ajuda, disponibilidade e generosidade em participar dessa pesquisa nada disso seria possível. Pela ausência por alguns minutos do trabalho, dos filhos, das obrigações para dedicar seu tempo à uma pesquisa de um estranho que deseja informações tão particulares e cruciais para o andamento e conclusão deste trabalho.

Por fim à todos que de alguma maneira somaram, contribuíram e se preocuparam com a presente pesquisa.

À todos vocês, Minha Gratidão!

## Resumo

Esta pesquisa teve por **objetivo geral** analisar se os papéis sociais ancorados no manejo dos recursos naturais, realizados pelas mulheres do Assentamento Pequeno Willian, lhes conferia empoderamento e autonomia produtiva. Como **justificativa** buscou-se problematizar os papéis desempenhados pelas mulheres nos espaços rurais, que são vistos apenas como uma ajuda e não complementação de renda para a família. A sustentabilidade do processo produtivo no meio rural depende muito da participação da mulher porque ela também usa e maneja a terra com amplo conhecimento tradicional. Elas demonstram ter grande controle sobre os conhecimentos da biodiversidade e a compreensão fundamentada nos domínios dos fenômenos naturais da importância da conservação da natureza. E, para além disso, mantém a unidade familiar que é o próprio alicerce dessa produção agrícola. Consequentemente os **objetivos específicos** foram: a) identificar os trabalhos produtivos e reprodutivos das assentadas na comunidade e quais as implicações nas relações de gênero b) identificar mobilização social e as consequências desse engajamento na vida dessas assentadas c) apontar valores ambientais presentes nos usos, práticas e conservação da terra no assentamento. A **questão principal** deste trabalho foi descobrir se houve empoderamento para as assentadas por meio desses papéis sociais. As **questões de apoio** foram: As atribuições da mulher assentada da agricultura familiar afetam a sua qualidade de vida produtiva e reprodutiva? Como essa mulher percebe o cerceamento das suas liberdades? Há um nível de consciência das relações de dominação e opressão? Como é o envolvimento com movimentos sociais do campo? Quais são os usos da terra e do meio ambiente que as cerca? Como **hipótese** indicou-se o seguinte: se essa mulher assentada possui um papel de destaque originário no manejo dos recursos naturais, isso lhe confere maior empoderamento e reconhecimento de suas atividades sociais e o capital político e acesso à terra as torna emponderadas e politicamente autônomas. Em **termos metodológicos** este é um estudo de caso, de cunho qualitativo-descritivo em que os instrumentos foram observação participante e entrevista em profundidade visando captar a história de vida de 5 assentadas e a análise ocorreu através de filtragem por categorias. Os **resultados** alcançados foram a) a identificação de práticas ambientais sustentáveis, agroecológicas e artesanais nas parcelas das entrevistadas; b) o que as atribui empoderamento na sua realidade rural é a titularidade de terra e a autonomia decisória que elas têm dentro da parcela e, c) com a prática agroecológica elas possuem um grupo de artesanato a qual elas trabalham com fibra de bananeira para geração de uma renda complementar.

**Palavras-Chave:** Assentadas, Condições de Vida, Pequeno Willian, Agroecologia, Relações de Gênero.

## Abstract

The **main goal** for this Research was to analyze if social papers based on the management of natural resources performed by women from Pequeno Willian settlement give them empowerment and productive autonomy. As **justification** sought to problematize environmental papers performed by these women in rural spaces that only can be seen as help and not supplementary incomes for family. The productive service sustainability in rural spaces depends largely from women participation because she also uses and manages the land with large traditional knowledge. They demonstrate big control over biodiversity knowledge and understanding grounded in natural phenomenon domain of relevance of nature conservancy, and beyond that keep the family unity that is the agricultural production foundation. Consequently, the **specific goals** are: a) Identify productive and reproductive works of this seated women on this community and which implication on the gender relations b) Identify social mobilization and the consequences of this engagement in this seateds women c) Point environmental values in uses, practices and land conservation in this settlement. This dissertation **main issue** is to find out if there is empowerment for seateds women through this environmental papers. The **issues of support** were: the women seated attributions from familiar agriculture affects her productive and reproductive life quality? There is a domination and oppression consciousness? How is the involvement with rural social movements? Which uses they give to the land and environment around them?. The following **hypotheses** were: if this women have projection in her community grounded in managing natural resources, she will be empowered and will be social recognized and the political capital, access to the land makes her empowered and politically autonomous. **Methodologically** this is a study case, qualitative-descriptive nature, where the instruments were participant observation and depth interview aiming to capture 5 seated women life story and the analysis occurred through filtering categories. The results achieved were a) Identification of environmental sustainable, agroecological and craft on their houses b) what gives them their empowerment in their rural reality is land ownership and decisional autonomy which they have in the own house and c) they have a craft group which they work with fiber banana to generate a family income.

**Key-Words:** Women seated, Life Conditions, Pequeno Willian, Agroecology, Gender Relations

## Lista de Figuras

Figura 1: Organização das Parcelas do Assentamento.....	28
Figura 2: Itinerário Para Chegar no Assentamento Pequeno Willian.....	31
Figura 3: Artesanato Local.....	33
Figura 4: Fibra de Bananeira para fins artesanais.....	34
Figura 5: Produção Valdira Sena Santos.....	36
Figura 6: Assentada Adriana Fernandes Souza.....	47
Figura 7: Parcela Drica Fernandes.....	49
Figura 8: Manu Camile Gomes.....	55
Figura 9: Parcela Manu Camile Gomes.....	61
Figura 10: Gustavina Alves da Silva.....	66
Figura 11: Parcela Gustavina Alves da Silva.....	69
Figura 12: Valdira Santos de Almeida.....	83
Figura 13: Parcela Valdira Santos de Almeida.....	87
Figura 14: Zuleide Laurindo de Souza.....	92
Figura 15: Parcela Zuleide Laurindo de Souza.....	98

## Lista de Tabelas

Tabela 1: Assentada Adriana Fernandes Souza.....	53
Tabela 2: Assentada Manu Camile Gomes.....	64
Tabela 3: Gustavina Alves da Silva.....	81
Tabela 4: Valdira Santos de Almeida.....	91
Tabela 5: Zuleide Laurindo de Souza.....	101
Tabela 6: Quadro resumo da análise funcional descritiva.....	102

## **Lista de Abreviaturas**

APP – Área de Proteção Permanente

ASPRAFES – Associação dos Produtores Rurais e Agricultura Familiar Esperança

CAESB - Companhia de Saneamento Ambiental do Distrito Federal

CEB - Comunidade Eclesial de Base

BOPE – Batalhão de Operações Policiais Especiais

DF – Distrito Federal

EMATER – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural

EMBRAPA– Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

FHC – Fernando Henrique Cardoso

GDF – Governo do Distrito Federal

IFB – Instituto Federal de Brasília

INCRA – Instituto de Nacional de Colonização Agrária

UDR - União Democrática Ruralista

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

MTST – Movimento dos Trabalhadores Sem Teto

SENAR – Serviço Nacional de Aprendizagem Rural

PA – Projeto de Assentamentos

PAIS – Produção Agroecológica Integrada e Sustentável

PNRA – Plano Nacional da Reforma Agrária

PT - Partido dos Trabalhadores

SAF - Sistema Agroflorestal

SPU - Secretaria de Patrimônio da União

## Sumário

Introdução.....	11
1 Contexto Histórico da Questão Agrária de 1560 até hoje.....	14
1.1 A Questão Agrária Durante o Período Militar.....	18
1.2 Reforma Agrária Brasileira nos Governos Pós Ditadura.....	20
1.3 As estratégias dos Assentamentos no Brasil.....	22
1.4 A Ocupação Fundiária no Distrito Federal.....	24
1.5 O Assentamento Pequeno Willian.....	26
2 Sistemas de Produção e Conhecimentos Tradicionais.....	35
2.1 As Agroflorestas.....	39
2.2 Conhecimentos Tradicionais no Assentamento Pequeno Willian.....	41
3 Materiais e Métodos de Pesquisa com as Assentadas do Pequeno Willian/DF e Suas Relações De Gênero.....	44
3.1 Adriana Fernandes Souza.....	47
3.3 Manu Camile Gomes.....	55
3.4 Gustavina Alves da Silva.....	66
3.5 Valdira Santos de Almeida.....	83
3.6 Zuleide Laurindo de Souza.....	92
3.7 As relações de Gênero no Pequeno Willian.....	103
3.8 O Eco Feminismo.....	111
3.9 O Empoderamento das Assentadas.....	112
Considerações Finais.....	115
Referências.....	118
Apêndice A - Roteiro de Entrevista.....	122
Apêndice B - Degrações das Entrevistadas.....	123
Apêndice C - Termos de Autorização.....	166

## Introdução

Em um contexto rural nacional de acirramento das disputas pela posse da terra e concentração fundiária, o Pequeno Willian é um assentamento da reforma agrária do movimento dos trabalhadores rural sem terra - MST com 22 famílias que opera com uma agricultura de bases agroecológicas, que visa permitir aos seus moradores inclusão social e produtiva em que é possível produzir garantindo a soberania e segurança alimentar.

O Patriarcado-capitalismo-racismo como sistemas de dominação-exploração instituído em nossa sociedade limita o acesso das assentadas-negras-pobres em situação de vulnerabilidade econômico-social de acessarem uma educação inclusiva e transformadora comprometendo o estabelecimento de espaços de discussão que as empoderem, incluam e as permitam uma ascensão social.

A relevância científica da presente dissertação está em discutir os papéis de subalternidade desempenhados pelas mulheres nos espaços rurais que são vistos apenas como uma ajuda e não complementação de renda para a família. Estas realizam uma dupla jornada de trabalho para garantir seu sustento assim como do grupo que a pertencem, no entanto, estes afazeres não são reconhecidos como geradores de uma renda significativa (SANTOS; SCHMITZ, 2013). O trabalho doméstico assim como o do campo é subalternizado e pouco valorizado e com o aumento da distância e da ausência de uma educação adequada, as mulheres rurais enfrentam dificuldades no mercado de trabalho e acesso à informação. Como justificativa social faz-se clara: assenta-se na compreensão de que a mulher do campo está envolvida diretamente com a produção de alimentos, originários dos fazeres e práticas tradicionais. Elas são raizeiras, parteiras, benzedeadas e ex-garimpeiras, ou seja, profundas conhecedoras do meio onde vivem e por meio desses conhecimentos locais e culturais extraem ervas medicinais, alimentos regionais e recursos para a sua família (SARAIVA, 2012).

A partir da apresentação dessa realidade local em que se encontram as assentadas do Pequeno Willian o objetivo geral da presente dissertação é: analisar os papéis sociais desempenhados pelas mulheres assentadas na agricultura familiar do Pequeno Willian - Planaltina-DF e identificar se o desempenho de tais papéis as atribui maior reconhecimento social e empoderamento. Os objetivos específicos são: a) identificar os trabalhos produtivos e reprodutivos das assentadas na comunidade e quais as implicações nas relações de gênero b) identificar mobilização social e as consequências

desse engajamento na vida dessas assentadas c) apontar valores ambientais presentes nos usos, práticas e conservação da terra no assentamento.

As seguintes hipóteses (principal e secundária, respectivamente) foram consideradas nesta pesquisa: 1ª) se essa mulher assentada possui um papel de destaque originário no manejo dos recursos naturais, então isso lhe confere maior empoderamento e reconhecimento de suas atividades sociais<sup>1</sup> e por conseguinte 2ª) o capital político e a titularidade da terra, advindos da luta política e comunitária lhe confere maior empoderamento e autonomia política local.

Em termos metodológicos a presente pesquisa é um estudo de caso situado no universo de um grupo de assentadas da agricultura familiar do Assentamento Pequeno Willian, da região rural de Planaltina-DF. A abordagem do estudo foi de cunho qualitativo-descritivo, pois teve como material de análise as falas das assentadas e suas trajetórias de vida norteadas por um roteiro de questões. Outro instrumento de coleta de dados foi a observação participante desenvolvida a partir de constantes visitas no assentamento durante o período de novembro de 2015 até maio de 2016. Para a análise das falas recorreu-se à análise funcional-descritiva por meio das seguintes categorias: empoderamento, condições de vida, relações de gênero, papéis sociais, meio ambiente e divisão sexual do trabalho.

A questão principal deste trabalho foi descobrir se houve empoderamento para as assentadas por meio desses papéis sociais. As questões de apoio foram: Atribuições da mulher assentada da agricultura familiar afetam a sua qualidade de vida produtiva e reprodutiva? Como essa mulher percebe o cerceamento das suas liberdades? Há um nível de consciência das relações de dominação e opressão? Como é o envolvimento com movimentos sociais do campo? Quais são os usos da terra e do meio ambiente que as cerca?

A dissertação está organizada em 3 capítulos: o primeiro capítulo está voltado à contextualização histórica da questão agrária e suas implicações estabelecidas na posse da terra desde o período de 1560 até os governos pós ditadura. A questão agrária aqui compreendida como espaço de disputa pela terra, enquanto poder e espaço de reprodução de modelos distintos de produção.

---

<sup>1</sup>As razões que justificaram a primeira hipótese estão assentadas em uma pesquisa anterior por meio de incursões em uma comunidade tradicional quilombola da Chapada dos Veadeiros constatou-se que as quilombolas que lá viviam possuíam um diferencial que eram seus papéis sociais ancorados no manejo dos recursos naturais, tais como raizeiras, parteiras e benzedeiras, e isso as permitiu desfrutar de reconhecimento social e empoderamento (FERREIRA, J.F.A, 2013).

O segundo capítulo é dedicado aos sistemas produtivos e conhecimentos tradicionais presentes no assentamento, por meio de uma formação advinda do MST os assentados possuem experiências sustentáveis agroecológicas e agroflorestais na sua produção, além dos conhecimentos tradicionais que são fundamentais no seu plantio e conservação das sementes crioulas para garantir a soberania e segurança alimentar.

O terceiro capítulo está focado em apresentar as assentadas do Pequeno Willian com suas falas, vivências e a realidade em que se encontram. Ao longo desta apresentação há um quadro-análise das falas de cada assentada entrevistada.

Por fim, nas considerações finais são apresentados os pontos mais relevantes para a presente pesquisa.

# 1 Contexto Histórico da Questão Agrária de 1560 até hoje

A Questão Agrária no Brasil remonta um período histórico em que a terra assumiu diferentes significados, principalmente para aqueles que detinham sua posse. Após a chegada dos portugueses e por meio de uma organização histórica da ocupação fundiária do litoral brasileiro, se instituiu as capitanias

[..] eram imensos tratos de terras, que foram distribuídos entre fidalgos da pequena nobreza, homens de negócios, funcionários burocratas e militares. Entre os capitães que receberam donatarias, contam-se feitores, tesoureiros do reino, escudeiro real e banqueiros. A capitania seria um estabelecimento militar e econômico voltado para a defesa externa e para o incremento de atividades capazes de estimular o comércio português (DINIZ, 2005:3).

A desigualdade social e a concentração fundiária têm marcado a sociedade brasileira e tem sua origem desde o processo de colonização portuguesa que instaurou o regime de sesmarias que era fundamentado na posse da terra oriunda da Portugal e que foi transplantado para o Brasil. Nesse regime o agricultor tinha o direito de posse e o rei (ou o Estado) mantinha o domínio das terras. No entanto, no período de colonização apenas os brancos, “puros de sangue” e católicos tinham o direito à posse da terra, enquanto que escravos, índios, judeus, mouros, etc não possuíam o mesmo direito. Assim, os senhores de engenho, que eram “puros” obtinham uma grande área para plantar cana-de-açúcar, enquanto a maioria da população que não possuía as mesmas origens não detinha o direito da posse pela terra (MIRALHA, 2006).

O modelo colonial no Brasil se constituiu por meio de três componentes fundamentais na organização social: a grande propriedade fundiária, a monocultura de exportação e o trabalho escravo e outra característica presente nesse contexto, é a forma familiar de produção agropecuária que sempre esteve presente desde o processo de ocupação do Brasil, no entanto, a produção familiar existia de uma forma subordinada à grande propriedade, produzindo principalmente produtos alimentícios, como cereais para a subsistência e para o consumo de pequenos mercados locais, pois, as grandes lavouras, na época, só produziam cana-de-açúcar para ser escoado para Portugal (MIRALHA, 2006).

A sesmaria era uma subdivisão da capitania, que tinha o objetivo de ser aproveitada. A ocupação da terra era baseada em um suporte mercantil lucrativo para atrair os recursos disponíveis já que a Coroa não possuía meios de investir na colonização, consumando-se numa forma de solucionar as dificuldades e promover a inserção do

Brasil no Antigo Sistema Colonial (DINIZ, 2005).

As sesmarias eram caracterizadas pelo:

[...] espírito latifundiário, com homens de posse (futuros senhores de engenho e fazendas) de que iria se formar a aristocracia econômica da sociedade colonial. Fidalgos e homens de distinção recebiam de sesmaria tratos enormes de terras, que depois de divididos, repartiam entre os povoadores, ainda por concessão de sesmarias. A população colonial se estabeleceu obedecendo, não a um plano de distribuição geográfico predeterminado, mas ao arbítrio e à conveniência individual (ROCHA; CELESTINO, 2010:2)

Por meio dessa medida institucionalizada pelo Coroa Portuguesa, foi conferido legitimidade para que o latifúndio se tornasse realidade, pois apenas aqueles com relações influentes nas esferas de poder exceto estrangeiros conseguiram a concessão e apenas uma única vez, com limitação de até três léguas de extensão (ROCHA; CELESTINO, 2010).

As sesmarias também eram uma unidade produtora autônoma e forte. No espaço do engenho havia uma constelação de atividades e pessoas comprometidas com o mesmo objetivo da produção de açúcar e seu derivado, a aguardente. Havia, além das instalações industriais, a casa grande – onde viviam o proprietário e sua família –, as senzalas – residência dos negros escravos – e espaços destinados a outras atividades complementares (GERMANI, 2006).

O sistema *plantation* foi o modelo produtivo de organização escolhido definido como:

[...] a forma de organizar a produção agrícola em grandes fazendas de área contínua, praticando a monocultura, ou seja, especializando-se num único produto, destinando-o à exportação, seja ele a cana-de-açúcar, o cacau, o algodão, gado etc., e utilizando mão de obra escrava. Produzindo apenas para o mercado externo, sua localização deveria estar próxima dos portos, para diminuir custos com transporte. Essas unidades de produção adotavam modernas técnicas, ou seja, apesar de utilizarem a força de trabalho da mão de obra escrava, do ponto de vista dos meios de produção, das técnicas de produção, os europeus adotaram o que havia de mais avançado. Havia também, nessas unidades, a produção de bens para a subsistência dos trabalhadores escravizados, visando reduzir o seu custo de reprodução, assim como oficinas para a fabricação e reparo de instrumentos de trabalho (STÉDILE, 2012:23).

Durante esse período o foco da produção residia em no mercado externo e com grandes extensões de terra, monocultura principalmente de açúcar, agroexportadora e de mão de obra escravista africana. No entanto pressões externas de outros mercados como o da Inglaterra já demandavam que o Brasil abolisse a escravidão ainda vigente nesse período no país caracterizada pela

[..] retirada violenta de africanos de suas comunidades, conduzidos para trabalhar como escravos em terras distantes a fim de povoar e explorar as riquezas tropicais e minerais das colônias no Novo Mundo. principalmente em áreas ligadas à agricultura de exportação, como cana-de-açúcar e com suas péssimas condições de vida e maus-tratos. O trabalho forçado também era imposto às populações nativas. O índio escravizado era chamado de “negro da terra”, distinguindo-o assim do “negro da guiné”, como era identificado o escravo africano nos séculos XVI e XVII. Com o aumento da demanda por trabalho no corte do pau-brasil e depois nos engenhos, os colonizadores passaram a organizar expedições com o objetivo de capturar índios que habitavam em locais mais distantes da costa. Através das chamadas “guerras justas”, comunidades indígenas que resistiram à conversão ao catolicismo foram submetidas à escravidão (ALBUQUERQUE; FRAGA FILHO, 2006: 39).

Então em 1850 é promulgada a primeira lei de terras do Brasil. Essa lei institui a apropriação privada da terra, enquanto meio para produção que poderia ser comprada apenas mediante acordo com a coroa, impedindo então que ex-escravos possuíssem algum terreno após a sua libertação. Já que esses se encontravam em situação de vulnerabilidade, poucos recursos principalmente financeiros para realizar a aquisição dessas terras.

A lei normatizou, então, a propriedade privada da terra e estabelecia que qualquer cidadão brasileiro poderia se transformar em proprietário privado de terras, permitindo transformar sua concessão de uso em propriedade privada, com direito à venda e compra. Mas, para isso, deveria comprar, visando, sobretudo, impedir que os futuros ex-trabalhadores escravizados, ao serem libertos, pudessem se transformar em camponeses, em pequenos proprietários de terras, pois, não possuindo nenhum bem, não teriam, portanto, recursos para “comprar”, pagar pelas terras à Coroa. E assim continuariam à mercê dos fazendeiros, como assalariados (STÉDILE, 2012:24).

Esta Lei veio para mudar, significativamente, o sistema de propriedade da terra quando, no seu artigo 1º, declara que “ficam proibidas as aquisições de terras devolutas por outro título que não seja o de compra”. E no artigo 2º determina que “os que se apossarem de terras devolutas ou alheias, e nelas derrubarem matos ou lhes puserem fogo, serão obrigados a despejo, com a perda de benfeitorias, e demais sofrerão a pena de dois anos a seis meses de prisão e multa de 100\$, além da satisfação do dano causado...”. Se para o trabalhador livre, para o mestiço, esta lei significou o “cativeiro” da terra, para o capital significou sua liberdade. A terra já não estava livre para ser ocupada, como no regime anterior, mas livre para ser transformada em mercadoria e ser adquirida pelos que tivessem condições para isso; por fim, estava “livre” para gerar a renda capitalista da terra (GERMANI, 2006).

Com a apropriação por parte dos colonos das melhores terras nos grandes centros urbanos, o que restou aos ex escravos foi a ocupação dos topos dos morros, as terras

mais distantes e improdutivas, constituindo assim a marginalização daqueles que não conseguiram se inserir nesse modelo de uso e posse da terra. Conseqüentemente fluxos migratórios para o centro do Brasil e estabelecimento das primeiras favelas.

Essa lei pregava que todas as terras devolutas só poderiam ser apropriadas mediante a compra e venda, e que o governo destinaria os rendimentos obtidos nessas transações para financiar a vinda de colonos da Europa. De um lado, restringia-se o acesso às terras (devolutas ou não) apenas àqueles que tivessem dinheiro para comprá-las. De outro, criavam-se as bases para a organização de um mercado de trabalho livre para substituir o sistema escravista (SILVA, 1981).

A questão agrária faz parte do cotidiano daqueles que vivem no campo, dois projetos produtivos antagônicos: latifúndios usufruindo da força de trabalho dos imigrantes aprimorada para a monocultura e centrada na exportação e do outro o camponês com pequena produção voltado para necessidades familiares e uso da sua força produtiva na propriedade.

Porém, na entrada no século XIX a questão dos ex-escravos e como inseri-los socialmente, dentro de uma sociedade que anteriormente os tratava como mercadoria e a restrição imposta pela lei de terras deixa a questão agrária sem resolução.

A sociedade que se forja no Brasil depois da abolição carrega no seu âmago duas questões mal resolvidas do século anterior: as relações agrárias arbitradas pelo patriciado rural, mediante Lei de Terras (1850), profundamente restritiva ao desenvolvimento da chamada "agricultura familiar"; e uma lei de libertação dos escravos que nada regula sobre as condições de inserção dos ex-escravos na economia e na sociedade pós-abolição. Tal sociedade de grandes proprietários de terra e de poucos homens assimilados ao chamado mercado de trabalho inaugurou o século XX impregnada pela desigualdade de oportunidades e pelas condições de reprodução humana impostas à esmagadora maioria dos agricultores não proprietários e trabalhadores urbanos não inseridos na economia mercantil da época (DELGADO, 2004: 18).

O período da República Velha (1889-1930) foi dominado pela oligarquia cafeeira, com a mão de obra do setor agrícola passando a ser desempenhada, principalmente, pelos imigrantes europeus e japoneses. Nesse período, houve aumento do número de propriedades e de proprietários, mas sem alterações profundas na estrutura fundiária. A oligarquia cafeeira se reconfigura com a revolução de 1930, que, entre outras mudanças, promoveu o processo de industrialização e introduziu a legislação trabalhista sem, porém, intervir na estrutura agrária brasileira. (SPAROVEK, 2003).

A questão agrária se caracterizou pela subordinação econômica e política da agricultura à indústria em que as oligarquias rurais continuavam donas das terras,

continuavam latifundiárias e produziam para exportação, mas não detinham o poder político. Já as elites políticas – a burguesia industrial - estavam no poder e faziam alianças com a oligarquia rural, no entanto tomaram seu poder mas a mantiveram como classe social (ENGELBRECHT, 2011).

A concentração de poder nas mãos dessas oligarquias apenas acentuou conflitos no campo, exclusão dos camponeses das suas atividades agrícolas familiares e a exportação de mão de obra do campo para as cidades e para indústrias articuladas com essa burguesia rural.

## **1.1 A Questão Agrária Durante o Período Militar**

O período da ditadura no Brasil além de ser marcado pelas propostas tímidas voltadas para o campo, foi definido por severas penalizações e desaparecimentos de pessoas contrárias ao regime além de possuir características repressivas à liberdade de expressão, intensa policiamento, censura e medidas contrárias aos direitos humanos, além disso as principais lideranças camponesas foram presas e exiladas, quando não assassinadas. Logo após o golpe, também os camponeses pertencentes a sindicatos, às ligas foram duramente perseguidos e/ou mortos a mando dos latifundiários, que agiam sobre a proteção dos militares. Todas as organizações de trabalhadores rurais foram fechadas. Alguns sindicatos que sobraram mudaram completamente seus métodos, passando a ter caráter assistencialista (MORISSAWA, 2001). O AI5 - Ato Institucional nº 5 é a personificação prática dessas violações, em que era permitido ao presidente

[...] cassar mandatos, suspender direitos políticos, demitir e aposentar juízes e funcionários, acabar com a garantia do habeas corpus e reforçar repressão (MORISAWA, 2001: 96).

O golpe militar de 1964 teve como um dos seus frutos a lei Lei 4.504, intitulada Estatuto da Terra, a primeira lei criada para realizar a reforma agrária no Brasil. O mesmo introduziu novos conceitos que indicavam diferentes tipos de propriedades da terra: o minifúndio, o latifúndio por extensão, o latifúndio por exploração e a empresa rural. Para medir e classificar as propriedades rurais a lei cria o “módulo rural”, área de terra, medida em hectare, que apresentava condições suficientes para a sobrevivência de uma família.

Mas, ao mesmo tempo o Estatuto da Terra consagra a propriedade empresarial, fundamentalmente capitalista, e inviabiliza a realização da reforma agrária a nível nacional (DINIZ, 2010).

Essa lei foi criada em um momento de fortes demandas por parte das Ligas Camponesas que se encontravam insatisfeitas com as políticas agrárias vigentes além dos atritos frequentes no campo enquanto espaço de ocupação de duas formas distintas de desenvolvimento agrário, então como forma de resposta aos seus anseios essa lei foi redigida como primeira iniciativa para reduzir os clamores camponeses e iniciar a reforma agrária.

Junto com o Estatuto da Terra foi criado o IBRA – Instituto Brasileiro de Reforma Agrária, o órgão governamental responsável por todas as questões referentes à terra no Brasil. Nunca houvera no Brasil um órgão com essas atribuições, tal era o poder dos latifundiários (MORISSAWA, 2001).

O Estatuto teve componentes liberais com um evidente cunho reformista em que diante da crise econômica brasileira do início dos anos 60, buscou-se através da reforma fundiária ampliar o mercado interno e configurar uma classe média rural consumidora de produtos industriais e também neutralizou os conflitos e tensões no campo. Assim, em lugar de expressar resolução de problemas essa e outras leis anteriores e posteriores expressaram a continuidade das pendências e conflitos.

O Estatuto da Terra teve como especificidade o fato de conter em seu bojo duas estratégias distintas: uma claramente “distributivista”, voltada à democratização da propriedade da terra; e, outra, “produtivista”, concentradora, sinalizando a opção da chamada “modernização conservadora”. Enquanto se iniciava a implementação da política produtivista, no plano da sociedade política remanesceu um espaço de disputa pela reforma agrária (ENGELBRECHT, 2011).

Por fim é possível compreender a questão agrária como movimento do conjunto de problemas relativos à apropriação da terra e sua produção por uma minoria e das lutas de resistência dos trabalhadores rurais, que são inerentes ao processo desigual e das relações capitalistas de produção, além das raízes históricas que influenciaram na forma da ocupação da terra.

Os problemas referentes à questão agrária estão relacionados, essencialmente, à propriedade da terra, conseqüentemente à concentração da estrutura fundiária; aos processos de expropriação, expulsão e exclusão dos trabalhadores rurais: camponeses e assalariados; à luta pela terra, pela reforma agrária e pela resistência na terra; à

violência extrema contra os trabalhadores, à produção, abastecimento e segurança alimentar; aos modelos de desenvolvimento da agropecuária e seus padrões tecnológicos, às políticas agrícolas e ao mercado, ao campo e à cidade, à qualidade de vida e dignidade humana. Por tudo isso, a questão agrária compreende as dimensões econômica, social e política (FERNANDES, 2013).

## **1.2 Reforma Agrária Brasileira nos Governos Pós Ditadura**

A reforma agrária para (COUTINHO, 1959 *apud* MAGALHÃES, 1988) é concebida como a revisão e o reajustamento das normas jurídico-sociais e econômico-financeiras que regem a estrutura agrária do país, visando à valorização do trabalhador do campo e ao incremento da produção, mediante a distribuição, utilização e explorações sociais e racionais da propriedade agrícola, à melhor organização e extensão do crédito agrícola e ao melhoramento das condições de vida da população rural.

A reforma agrária é um termo utilizado para descrever distintos processos que procuram dar acesso à posse da terra e aos meios de produção para os trabalhadores rurais que não a possuem ou possuem apenas em pequena quantidade (SPAROVEK, 2003). Por meio dela seria realizada a reestruturação do uso e posse da terra que durante tanto tempo foi negligenciado desde os períodos coloniais com as capitânicas hereditárias em que a organização da terra foi fundada e caracterizada pelo latifúndio.

Após o período da ditadura militar os primeiros governos democráticos começaram a ouvir os clamores populares e deram início na elaboração dos Planos Nacionais de Reforma Agrária – PNRAs. O primeiro PNRA foi elaborado em 1985 (governo Sarney) sob a coordenação de José Gomes da Silva (1987;1989).

O PNRA buscava, a princípio, atender às demandas sociais mais urgentes no âmbito rural, visando as desapropriações que permitissem o assentamento de trabalhadores sem terra nas áreas de maior potencial de conflito do país, sobretudo o norte – Pará e Maranhão – e o Nordeste. Nesse documento, a reforma agrária aparecia consignada como uma das prioridades do novo governo e era igualmente explorado ao máximo o potencial reformista daquele documento que lhe embasara: o antigo estatuto da terra, do governo Castelo Branco, reapropriado e ressignificado para a nova conjuntura histórica (MENDONÇA, 2010)

Para nossa surpresa as mais vigorosas reações à proposta foi a dos representantes dos proprietários de terra, que, um mês após seu anúncio, fizeram um congresso nacional

em Brasília para discutir o Plano apresentado. Desse encontro nasceu uma nova organização de representação de seus interesses: a União Democrática Ruralista (UDR). A estratégia do governo FHC de isolar politicamente a Reforma Agrária foi interrompida em virtude de duas fatalidades que ceifaram a vida de 24 trabalhadores ligados ao MST. A primeira se refere ao Massacre de Corumbiara, em Rondônia, em 1995 e a segunda fatalidade diz respeito ao Massacre de Eldorado dos Carajás, no Pará, em 17 de Abril 1996 (ALBUQUERQUE, 2006).

Esses episódios violentos demonstram a conivência e corrupção das autoridades até mesmo do judiciário em se posicionar e compreender as especificidades do campo, enquanto espaço de luta para que a terra seja usada para fins sociais e redistribuída para aqueles que desejam produzir.

E o segundo PNRA encabeçado por Plínio de Arruda Sampaio, durante a primeira gestão do Governo Lula 2003-2006. Porém o Plano não foi bem sucedido naquilo que se propunha e

[..] também não elaborou nenhum outro plano de reforma agrária para o segundo mandato, abandonando as políticas de reforma agrária na continuação de seu governo, passando a adotar deliberadamente políticas compensatórias a fim de minimizar os conflitos em torno das disputas de terras em diferentes locais do país (PEREIRA; SIMONETTI: 12).

Acreditava-se que pelo fato do Partido dos Trabalhadores sempre fazer parte das lutas sociais e possuindo em suas origens reivindicações pela reforma agrária que ao assumir a presidência, Lula a realizaria como defendia no seu programa de governo. Os movimentos sócias, principalmente o MST, acreditavam que seus clamores seriam atendidos devido às origens do PT.

Com Lula eleito presidente, renovam-se as esperanças na realização de uma efetiva reforma agrária e, ao mesmo tempo, esta bandeira, apesar de integrar as prioridades de governo, passa também a ser um dos seus grandes desafios. Os trabalhadores rurais, principalmente os sem terras, esperam muito mais deste governo do que de governos anteriores, principalmente em razão da trajetória histórica de apoio aos movimentos sociais. A não realização da reforma agrária prometida pode ser, igualmente, transformada em decepção maior do que aquelas que os trabalhadores já experimentaram repetidas vezes (HEINEN, 2004:5).

Devido as fortes articulações promovidas pelos setores conservadores e pelo agronegócio de ambos os períodos, os PNRAs não conseguiram atingir os seus objetivos, apenas medidas mitigadoras nas zonas de conflito e compensatórios que não foram

ousadas em trazer qualidade de vida substancial ao homem do campo.

### 1.3 As estratégias dos Assentamentos no Brasil

No Brasil, a ocupação tornou-se uma importante forma de acesso à terra. Nas últimas décadas, ocupar latifúndios improdutivos tem sido a principal ação da luta pela terra. Por meio das ocupações, os sem-terra espacializam a luta, conquistando a terra e territorializando o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra – MST e outros movimentos que lutam para possuir um pedaço de terra como o MTST – Movimentos dos Trabalhadores sem teto. Devem decidir também sobre qual terra ocupar, onde ocupar. Há várias fontes de informações sobre a localização das terras que não cumprem com sua função social. Possuindo a informação dos inúmeros latifúndios, pelos quais muitas vezes estão cercadas, até informações nas diversas instituições governamentais ou não governamentais que trabalham com a questão agrária. Definida a terra, falta somente a decisão de quando ocupar. Ocupando, é dessa forma, que os trabalhadores sem-terra vêm a público, dimensionam o espaço de socialização política, intervindo na realidade, construindo o espaço de lutas e resistência, quando ocupam a terra ou acampando nas margens das rodovias. (FERNANDES, 2001).

Para o movimento os termos “ocupações” e “invasão” como são colocados pela mídia para a grande massa são distintos e possuem diferentes significados quando ocupam um latifúndio a qual não cumpre sua função social:

Na maioria das vezes, a imprensa usa a palavra **invasão**, em vez de **ocupação**, para designar a entrada e o acampamento dos sem-terra dentro de uma fazenda. É preciso que fique claro que a área ocupada pelos sem-terra é sempre, por princípios, **terra grilada, latifúndio por exploração, fazenda improdutiva** ou **área devoluta**. Invadir significa um ato de força para tomar alguma coisa de alguém em proveito particular. Ocupar significa, simplesmente preencher um espaço vazio - no caso em questão, terras que não cumprem sua **função social** - e fazer pressão social coletiva para a aplicação da lei e desapropriação (SILVA, 1996 *Apud* MORISSAWA, 2001:114-123).

A organização de uma ocupação decorre da necessidade de sobrevivência. Quando um grupo de famílias começa a se organizar com o objetivo de ocupar terra, desenvolve um conjunto de procedimentos que toma forma, definindo uma metodologia de luta popular. Na formação do MST, os sem-terra criaram distintas metodologias de luta. São procedimentos de resistência desenvolvidos na trajetória da luta. Essas ações são

diferenciadas em todo o Brasil. Na espacialização da luta pela terra, os espaços de socialização política podem acontecer em momentos distintos, com maior ou menor frequência. Os acampamentos são de diversos tipos: permanente ou determinado a um grupo de família. As formas de pressão são distintas, de acordo com a conjuntura política, bem como as negociações. Os elementos que compõem as metodologias são a formação, a organização, as táticas de luta e negociações com o Estado e os latifundiários, que têm como ponto de partida o trabalho de base. As Comunidades Eclesiais de Base – CEB's, os sindicatos de trabalhadores rurais, as escolas e as próprias moradias são alguns dos principais lugares e espaços sociais, onde se realizam as reuniões dos trabalhos de base (FERNANDES, 2001).

Em um primeiro momento os assentados priorizam as necessidades mais prementes e básicas em busca de abrigo, alimentações, infraestrutura básica para cobrir suas necessidades e dos companheiros de luta.

[...] nos primeiros dois anos de assentamento, em geral, as famílias se preocupam em resolver seu problema de comida. Eles passam a produzir apenas para comer. Aceitamos isso, porque é praticamente uma fome histórica. De maneira que não temos nenhum assentamento em que haja fome, todo mundo come bem, o que já seria uma grande conquista numa sociedade que tem 32 milhões de pessoas que passam fome todos os dias (O MST e a questão agrária, 1997:74).

As experiências de luta do Assentamento Pequeno Willian se remetem ao processo de ocupação de terras ociosas e enfrentamentos cotidianos para manter uma mínima infraestrutura local:

*São muitas dificuldades. Dificuldades...cê vê a infraestrutura que, a água, nós passamos muita dificuldade por água, falta de água, energia elétrica, por exemplo, a gente comprava vela pra estudar, porque não tinha energia, então assim, tinha que ascender as velas à noite pra poder estudar o que tinha que estudar à noite, “ah, vai ter prova, vai ter trabalho, ah vai ter não sei o que”, a gente tinha que colocar várias velas em cima da mesa pra poder estudar, porque não tinha outra solução, entendeu? Ai quando vinha a gente falava “vamos estudar hoje à tarde, beleza!”. Ai vinha aquela chuva forte, você tinha que fechar as portas, você tinha que fechar as portas de cima, de baixo, ai ficava escuro, ai você não podia estudar, rrsrrsrs. (Gustavina Alves da Silva, Mãe, 3 filhos, casada, 43).*

Além dos enfrentamentos policiais:

*Muita luta, pra gente conseguir foi muita luta, perdi meus filhos em ação. Quando tinha ação, tinha que ir. Né? Ganhei muito gás com pimenta com meus filhos. Né?*

*Meu filho foi pegado pelas calças e jogado pro outro lado. Então foi muita luta, perdi meus filhos. Meus dois filhos mais velho perdi na luta, ai depois de muito tempo que eu consegui arranjar eles. Né? O povo arranjou. Então nós passou por muita dificuldade. Muita precisão, né? Das coisas, a gente acabou com nossas coisas, né? Pra não morrer de fome, foi muita luta que eu passe (Valdira Sena Santos de Almeida, Mãe, 6 filhos, casada, 30).*

Esta também é a essência de outras dimensões da luta pela terra, pois com os assentamentos conquistados, desdobraram-se demandas relativas à luta de resistência na terra, como por exemplo: políticas agrícolas, de crédito, de subsídios, de mercado; formas de organização política e do trabalho, da produção e da comercialização, políticas de habitação, educação, saúde, saneamento, eletrificação rural, transporte, telefonia etc. Afinal, a transformação do latifúndio em assentamento é a construção de um novo território. É outra lógica de organização do espaço geográfico. Essas políticas não nascem somente do interesse do Estado, mas muito mais da organização dos trabalhadores. Lutar pela infraestrutura básica dos assentamentos é parte de um processo que acontece concomitantemente às ocupações de terra. Faz parte do universo da luta, que não acaba com a conquista do assentamento. Esse é um caro princípio do MST, que em seu movimento amplia a luta, dimensionado-a. Esse é o processo de territorialização, de crescimento, de multiplicação do Movimento que o governo tenta refrear (FERNANDES, 2013).

#### **1.4 A Ocupação Fundiária no Distrito Federal**

Apesar de ser consagrada pela UNESCO em 1987, como Patrimônio Cultural da Humanidade, Brasília cresceu e tem problemas que se agravam a cada dia, a exemplo das metrópoles e cidades litorâneas das quais ela se “emancipou” desde a sua origem, não apenas pelo seu posicionamento distante do litoral, mas pela sua própria concepção urbanística e arquitetônica inovadora e “moderna”. Esses problemas tomam as formas de invasões dos espaços públicos, poluição visual, trânsito caótico, falta de acessibilidade e de transporte coletivo de boa qualidade. Além disso, a cidade luta para manter a sua qualidade ambiental no que dependa da integridade dos processos ecológicos e dos seus recursos naturais (GUIMARAES ; KOWARICK; GRANDO, 2013).

As principais causas da ocupação irregular de terras no Distrito Federal podem ser

explicadas pela ocorrência da população que não é atendida pelo mercado imobiliário, tornando-se um grave problema social. Não há, por parte das autoridades, política pública que atenda satisfatoriamente à população carente no que concerne à habitação social. Por outro lado, há a expectativa daqueles que procuram conquistar um espaço, não propriamente para moradia, mas para ser valorizado e alugado ou revendido posteriormente, gerando lucros. Há ainda aqueles que, embora tenham poder aquisitivo elevado, investem em local bem localizado para adquirirem um local para lazer ou recreio de final de semana (PRADO, 2012).

Dentre diversos obstáculos na consolidação de um assentamento, principalmente no Distrito Federal, onde o Pequeno Willian está inserido convém citar as ocupações irregulares que podem ser consideradas ilegais pois, em regra, contrariam as leis e as regras urbanísticas, ambientais, de propriedade e de planejamento das cidades e contam com a contínua omissão do Poder Público (CAROLO, 2011).

As residências de baixa renda são caracterizadas basicamente pela falta de infraestrutura (equipamentos e serviços públicos essenciais) e também pela ocupação desordenada de terrenos, sejam eles públicos, sejam privados, sejam os sem utilização, que não despertam interesse do setor imobiliário ou que geralmente são inadequados ao parcelamento, dadas as restrições ambientais ou urbanísticas (CAROLO, 2011). Além disso essas ocupações ilegais desencadeiam muitas inseguranças para os seus moradores, dentre elas como de ordem ambiental pois ocupam regiões como morros, Áreas de Proteção Permanente - APPs e sem uma análise técnica que prevê a destinação daquela região própria para moradia, além dos desconfortos jurídicos quando há a construção de condomínios em que a documentação exigida não atende as normas legais.

Outra questão importante na ocupação da terra no DF é a especulação imobiliária que contribui para o afastamento dos cidadãos de baixa renda do centro, pois os bens e serviços disponibilizados e muito valorizados, sobretudo as moradias são destinados para um perfil de público pretendido pelo mercado imobiliário do Distrito Federal (FONTOURA, 2013).

Uma das facetas dessa especulação imobiliária é com relação às ocupações irregulares de terras personificada pelos condomínios. De acordo com a legislação em vigor, o condomínio pressupõe uma copropriedade dividida em frações ideais. Entretanto, os chamados condomínios no Distrito Federal não passam de uma gleba de terra que foi dividida em lotes individualizados que são objeto de posse individual, não se enquadrando

como propriedade condominial (PRADO, 2012).

Para que haja um melhor ordenamento territorial sobretudo na forma como é tratada a terra para que haja uma distribuição justa e solidária é necessário que a sociedade sinta-se parte do planejamento urbano e da gestão ambiental municipal, definindo suas prioridades, suas reais necessidades. É preciso capacitar nossa população para que ela possa, com discernimento, opinar e ser ouvida. Nesse contexto, é essencial que o Poder Público passe a disponibilizar dados, informações, estudos à população com o propósito de disseminação de uma nova cultura urbana democrática, incluyente, redistributiva e, sobretudo, sustentável, pautada pelas ações de sensibilização, mobilização e divulgação, para fins de qualificação do processo de tomada de decisão (CAROLO, 2011).

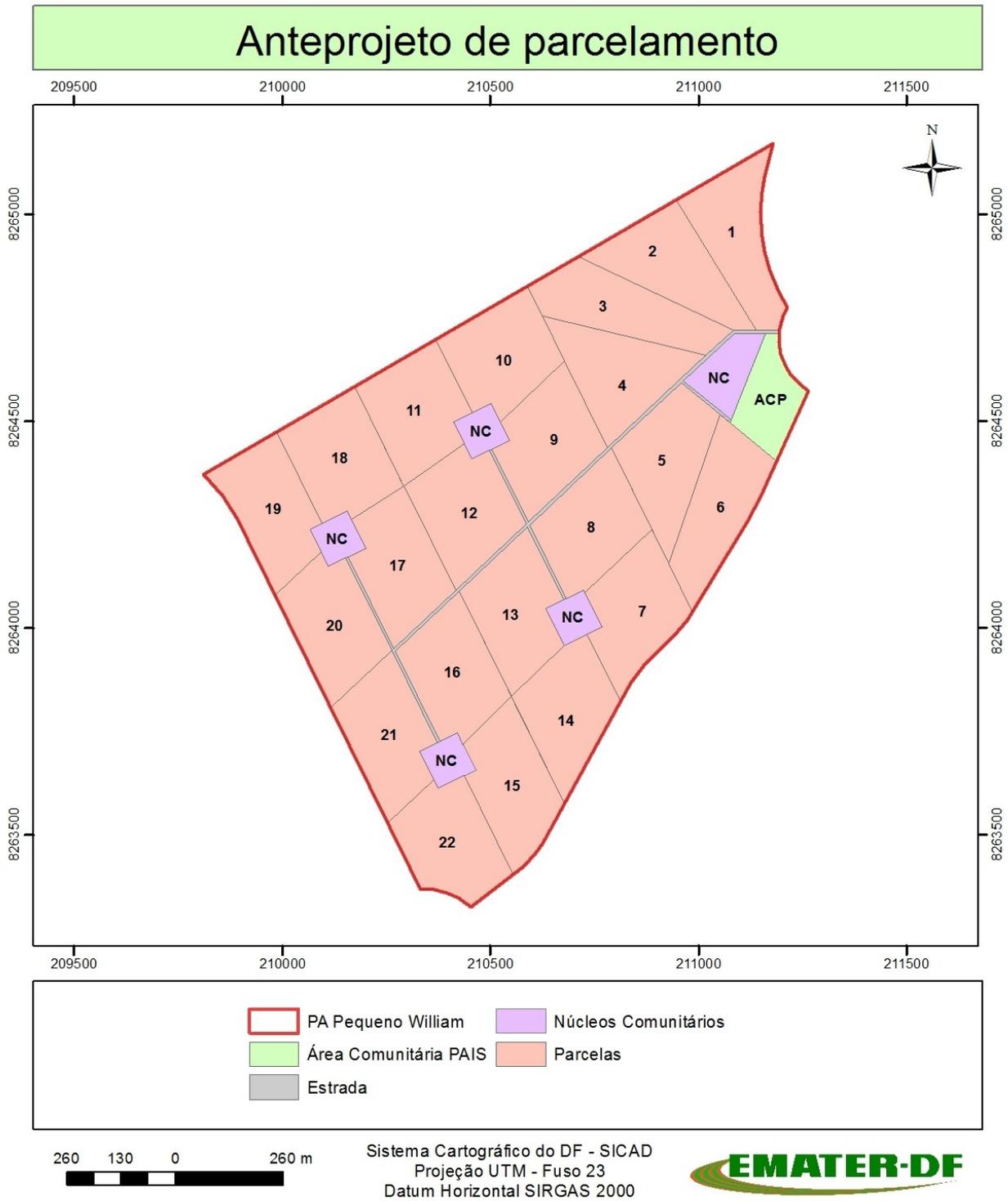
## **1.5 O Assentamento Pequeno Willian**

Nesse contexto, temos a criação do assentamento Pequeno Willian/DF que possui uma produção agroecológica e busca a construção de novos paradigmas e técnicas na recuperação da natureza degradada. Por consequência há uma busca neste assentamento pela qualidade de vida das famílias assentadas, desconstruindo conceitos do processo dos modelos implantados e utilizados pelo agronegócio. No Pequeno Willian há trabalhos e estudos que incorporam saberes e culturas tradicionais populares na organização da produção de uma alimentação saudável livre de agrotóxicos dentro das áreas dos assentamentos do Movimento dos Sem Terra - MST (SOUZA, 2015).

O acampamento Pequeno Willian foi formado a partir da luta pelo direito à terra de trabalhadores organizados pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). As famílias estão organizadas desde 2004 quando foi realizada a primeira ocupação na fazenda Toca da Raposa no DF. Tendo sofrido o despejo no mesmo ano, algumas famílias permaneceram acampadas em área em frente à fazenda e formaram o acampamentos Ireneo Alves, e um outro grupo ocupou uma área onde a Embrapa anteriormente havia realizado experimentos, na fazenda Sálvia situada às margens da BR-020, e ali permaneceram por 3 meses. Após uma negociação entre o INCRA, GDF, Embrapa e Secretaria de Patrimônio da União - SPU, foi efetuado a transferência do acampamento para a área da Polícia Rodoviária Federal na BR 020 há 3 km da cidade de Sobradinho com a promessa que ficariam ali por seis meses até serem assentados. O Acampamento Pequeno Willian permaneceu nesta área por 5 anos e em outubro de 2010 foram para a

área atual onde estão assentados (BRASÍLIA, 2013).

Figura 1: Organização das Parcelas do Assentamento



Fonte: EMATER, 2013

O Assentamento desde sua fundação tem como concepções a produção agroecológica, o desenvolvimento de um artesanato local com fibra de bananeira e biojoias, a implantação de Sistemas Agroflorestais - SAFs com produção de hortaliças em uma fase inicial, em conjunto com animais.

A razão por trás do modelo produtivo de biojoias é justificado pela valorização dos saberes tradicionais e culturais presentes no assentamento, assim como a valorização dos recursos naturais que usados de forma sustentável podem propiciar geração de renda para as assentadas.

A agroecologia personificada pelos SAFs significa para os assentados a segurança, ou seja controle da sua produção de alimentos (a segurança alimentar dos assentados) orientada pelas seguintes vertentes: Como plantar?, Quando e o Quê plantar? E tendo controle sobre sua produção e autoconsumo, levando em consideração suas necessidades e as do mercado. A partir dessa autonomia produtiva os assentados não se tornam reféns das corporações e de seus pacotes agrícolas, garantindo assim sua autonomia produtiva.

A segurança alimentar aqui é pautada por três vertentes:

O primeiro determinado pela qualidade nutricional dos alimentos. A produção para autoconsumo é sempre interpretada pelos agricultores como geradora da segurança alimentar por conter uma qualidade nutritiva que seria «superior» aos alimentos comprados. Isto se deve ao fato de que, geralmente, esta prática é realizada sem agrotóxicos e outros produtos químicos. O Segundo é relacionado com a produção para autoconsumo refere-se ao fornecimento de uma alimentação coerente com os hábitos de consumo locais. Isto significa que o agricultor pode ter acesso a uma alimentação que condiga com o que ele e a sua família gostam de comer em suas refeições diárias, possibilitando às famílias suprirem as suas necessidades. E por último concerne à diversidade de alimentos que podem ser produzidos e consumidos nas unidades familiares. A agricultura familiar guarda todas as possibilidades de alimentar os membros do grupo doméstico com uma alimentação diversificada e que contenha todos os tipos de «alimentos funcionais», contemplando os proteicos, os carboidratos, os gordurosos ou lipídicos etc (GRISA, GAZOLLA, SCHNEIDER, 2008: 74).

Com a portaria nº 136/11 de, 26/12/2011 foi criado oficialmente o PA Pequeno Willian, Imóvel Rural denominado Fazenda Sálvia, localizado a 10 Km da cidade de Planaltina. Possui área registrada de 144,17 há, com Reserva Legal de 60,73 Há a capacidade de assentamento de 22 famílias. Na atualidade as famílias do Pequeno Willian se organizam e fazem representar pela Associação Esperança que tem sido o instrumento jurídico constituído coletivamente.

As 22 famílias estão organizadas e distribuídas em 5 núcleos de moradia, sendo 4

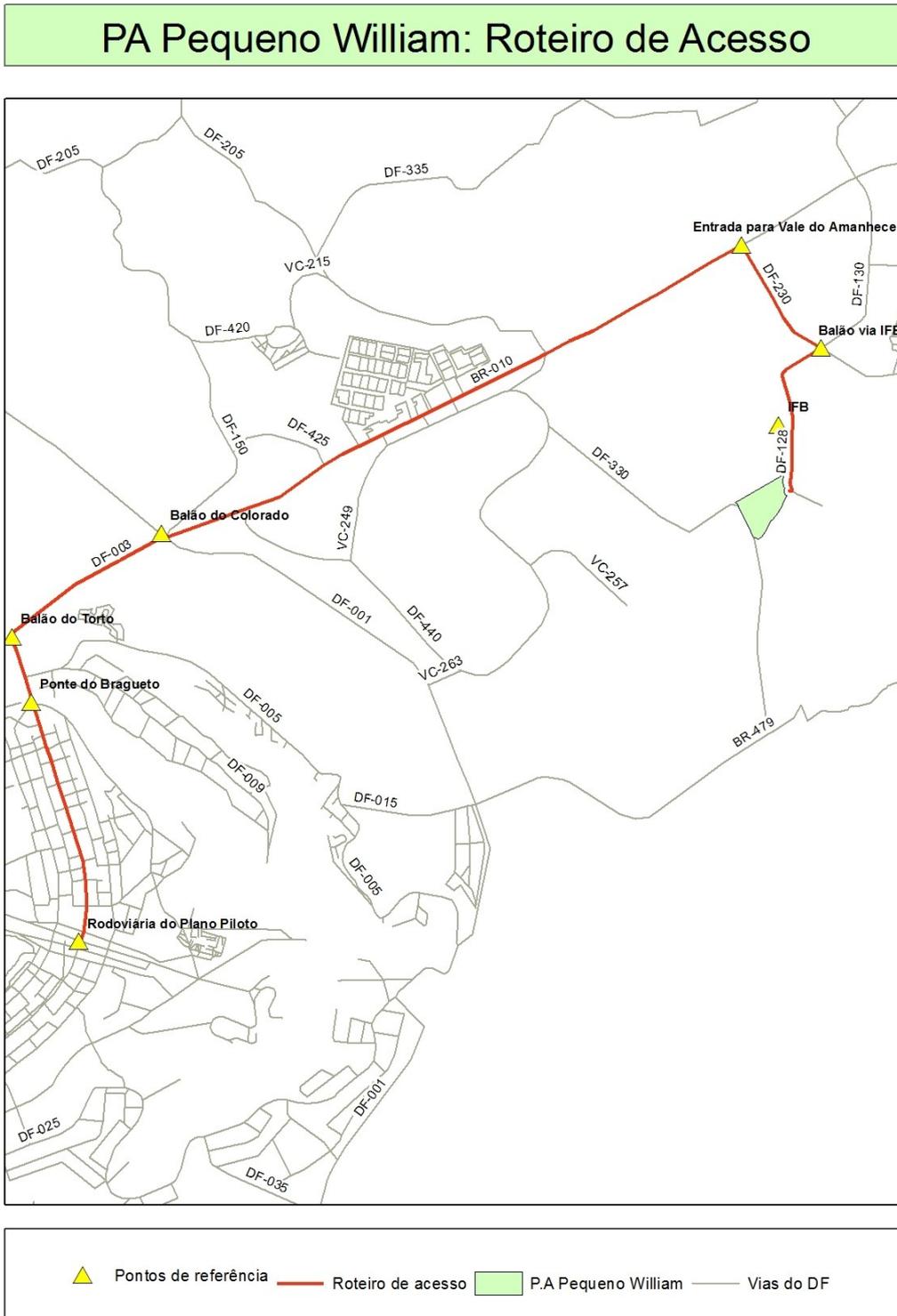
núcleos compostos por 4 famílias cada e 1 núcleo composto por 6 famílias. Cada núcleo possui uma área comunitária de 1 hectare que será destinado prioritariamente para implantação de projetos coletivos (agroindústrias, área de lazer, espaço cultural, etc.). Cada família possui área média de 5,5 hectares onde deverão manejar de forma sustentável, preservando o meio ambiente e garantindo a segurança alimentar e produção de excedentes para o mercado (Assentamento Pequeno Willian).

O nome do assentamento advém de uma dura história. Após seis meses de permanência no acampamento Ireno Alves, algumas pessoas foram intoxicadas pelo consumo da água de uma mina, contaminada por agrotóxicos da fazenda Toca da Raposa, desconhecendo sua procedência e qualidade. Uma das vítimas foi uma criança, um sem terrinha de dois anos e dez meses chamado de Willian, que no dia 28 de maio de 2005 veio a óbito. No hospital regional alegou-se meningite, entretanto por causa da intoxicação de outros integrantes é apontado que a causa mortis foi fruto do consumo dessa água.

No MST há a tradição de nomear os espaços com nomes de integrantes do movimento: sejam acampamentos, assentamentos, escolas, centro de formação, bibliotecas ou outros espaços, homenageando com nomes de companheiros e companheiras que tombaram (morreram) na Luta. Em homenagem ao sem terrinha Willian mudou-se o nome do acampamento de Ireno Alves II para Pequeno Willian (SOUZA, 2015).

Para chegar ao Assentamento, partindo da região central de Brasília, pela BR-020 sentido Planaltina, siga até a entrada da DF-230, conhecida como entrada para o Vale do Amanhecer, continue até o primeiro balão, pegando à direita e pegue a DF-128 sentido IFB Planaltina, passando o instituto siga cerca de 2,5 km até o final do asfalto e entre na primeira propriedade a direita. (BRASÍLIA, 2013). O itinerário de deslocamento está representado na imagem abaixo:

Figura 2: Itinerário Para Chegar no Assentamento Pequeno Willian



Fonte:

EMATER, 2013

Atualmente o assentamento possui carências em acesso à alguns serviços essenciais como um posto de saúde e escolas no próprio assentamento. Geralmente as crianças tem que se deslocar para escolas distantes assim como as mães contam com a solidariedade das colegas para cuidarem de seus filhos quando vão trabalhar.

O transporte público é deficitário cobrindo o itinerário que termina no Instituto Federal de Brasília – Campus Planaltina. Geralmente os assentados possuem carros próprios ou senão se deslocam para **DF 438** em busca de alguma carona. O assentamento não é asfaltado, significando que há um limitador para o escoamento da produção e para a entrada de serviços como correios e caminhões-pipa, mesmo com poucas parcelas produzindo e comercializando.

Em casos de doença geralmente os assentados apelam para os usos dos conhecimentos tradicionais, xaropes artesanais ou ervas para curar males e doenças. Não há postos de iluminação dificultando a mobilidade assim como a segurança no local.

Geralmente os assentados são solícitos e solidários uns com os outros, seja na construção de uma casa, na abertura e receptividade da sua parcela para visitas de estudantes e na ajuda mútua na resolução de problemas por meio de reuniões, que porventura venham a atingir o assentamento.

O assentamento possui uma associação chamada Associação dos Produtores Rurais e Agricultores Familiares Esperança – ASPRAFES e defende os interesses dos moradores do assentamento, inclusive há presença de assentadas na composição dessa associação.

A produção é diversificada, há parcelas com criação de galinhas, e outras com produção de hortaliças, ervas medicinais, uso da fibra de bananeira para confecção de objetos artesanais como caixas e esculturas. As famílias mais promissoras em termos produtivos a prioridade é o autoconsumo familiar e logo depois é voltada para o mercado.

Figura 3: Artesanato Local



Fonte: Trabalho de Campo. Elaboração FERREIRA, J.F

E essas práticas produtivas de autoconsumo podem se compreendidas como:

(...) práticas de autoconsumo figurando como uma importante estratégia de reprodução social das famílias assentadas, para além da atribuição estritamente econômica. No espaço dedicado à produção de autoconsumo não há interesse num cultivo em particular, mas num conjunto de produtos que abastece a família. Muitas vezes, o agricultor não se importa em vender o que dá em seus pés de fruta, pois de qualquer forma, tem consciência de que os frutos serão reaproveitados ou para trocas/doações com os demais assentados ou nas próprias atividades agropecuárias ou estará alimentando a fauna silvestre local e mesmo a microvida do solo. Portanto, a partir do autoconsumo podem ser apreciados princípios e práticas agroecológicas e de segurança alimentar (DUVAL; VALENCIO; FERRANTE, 2008:129).

Figura 4: Fibra de Bananeira para fins artesanais



Fonte: Trabalho de Campo. Elaboração FERREIRA, J.F

Essas formas produtivas e organizadas podem ser consideradas pelos assentados meios e saídas para melhorar a sua qualidade de vida, pois com o deslocamento deficitário local e pouco acesso à bens e serviços, mecanismos precisam ser criados para manter sua sobrevivência e assegurar a renda familiar. Sobretudo permitir que essas formas produtivas se mantenham, pois representam a identidade e reprodução social de um grupo socialmente excluído que para manter suas raízes precisa resguardar suas tradições e meios de vida.

## 2 Sistemas de Produção e Conhecimentos Tradicionais

A luta histórica para garantir a soberania e segurança alimentar está presente no DNA do MST, por isso em falas informais com as entrevistadas, as mesmas deixam claro que se estão trabalhando em um sistema agroecológico é devido a conscientização e instrumentalização que o movimento as concedeu, desencadeando uma reflexão sobre sistemas produtivos mais sustentáveis. Por isso a agroecologia se faz presente no assentamento, como mecanismo de contraposição à hegemonia da agricultura patronal que gera conflitos no campo e contamina os recursos naturais.

As assentadas do Pequeno Willian possuem uma trajetória de práticas agrícolas com a terra. Muitos relataram para a presente pesquisa que desde jovens foram iniciados por familiares ou que mais tarde por razões de necessidade se depararam com a realidade em que necessitaram plantar para autossustentação e manter sua própria família.

*Ah eu porque assim a minha vida foi morando em fazenda, né? De caseira dos outros, porque a gente não paga aluguel. A gente não dava conta, né? E outra, pagar aluguel e eles não aceitam com um monte de menino. Né? Porque eu só fui tendo meus filhos, então é muito difícil pagar aluguel e eu aguentei muita humilhação em casa de sogra. Né? Então a minha vida e a dele onde ele tava, onde arranjava chácara, fazenda pra gente morar e de caseiro, eu sempre morei, então eu fui acostumando e também na Bahia também, a gente só mexia com roça, né? Então já era acostumada em mexer com roça, já com prantação, essas coisas já era acostumada (Valdira Sena Santos de Almeida, Mãe, 6 filhos, casada, 30).*

Apesar dos enfrentamentos de vida vivenciados pelas entrevistadas em dar continuidade à uma agricultura familiar e de base agroecológica, modelo produtivo escolhido e em andamento no Pequeno Willian. Em algumas parcelas minoritárias é possível perceber uma produção que além de permitir a alimentação da família está em comercialização do mercado e com valor agregado por vir de uma produção familiar agroecológica.

Figura 5: Produção Valdira Sena Santos



Fonte: Trabalho de Campo. Elaboração FERREIRA, J.F

Por meio da agroecologia os assentados possuem autonomia de produtiva e empoderamento de escolha no que irão produzir além levar em consideração as

[...] particulares condições locais e na singularidade de suas práticas culturais. Ela hibrida uma constelação de múltiplos saberes e conhecimentos. Mas sua consistência, suas perspectivas de validação e confiança dependem de sua articulação em torno de um novo paradigma produtivo. Pois, mais além de seus direitos próprios como práticas singulares de agricultores, sua existência se debate frente a uma racionalidade econômica e tecnológica que vai conformando e condicionando as formas de intervenção na terra, para extrair seus frutos, onde a produtividade de curto prazo prevalece sobre os princípios da produção sustentável e sobre as formas de apropriação da natureza (HENRIQUE, 2002:39).

A partir dos dados empíricos produzidos durante o campo foi identificado o uso da força de trabalho familiar e com baixa mecanização por parte dos assentados e uma grande preocupação em não usar produtos químicos ou agrotóxicos durante a produção, já que todos os integrantes da família irão consumir esse alimento. Além disso por não possuírem o licenciamento ambiental para desmatar e adaptar o ambiente à suas necessidades muitos contam com a ajuda dos companheiros de luta para produção.

*A principio tamos bem no início porque a gente está montando um pomar no sistema agroflorestal, temos um viveiro para fazer as mudas, produzidos pela gente mesmo, e a ideia é como não saiu a licença ambiental não posso desmatar então faço parceria com meus vizinhos, tem um hectare lá embaixo, para arar, braquiária, milho, feijão, abóbora (Adriana Fernandes Souza, Mãe, 3 filhos, Solteira, 46).*

A agroecologia em si não se remete apenas à produção, mas também às dimensões sociais, econômicas e ambientais, éticas, culturais e ecológicas de uma determinada comunidade e que compõem a sustentabilidade, ou seja não discutir somente a produção, mas sim outras vertentes que influenciam e são específicas à uma realidade em questão (CAPORAL; COSTABEBER, 2002).

Dada a realidade rural do Pequeno Willian e as carências que persistem nesse assentamento valoriza-se então aquilo que os assentados podem oferecer em termos de conhecimento já que a trajetória deles com a terra é antiga:

Nesta perspectiva, o conhecimento local torna-se um elemento central, assim como são centrais e devem ser respeitadas as matrizes culturais dos diferentes grupos sociais. As estratégias de desenvolvimento rural propostas pela agroecologia devem considerar, ademais, o comportamento reprodutivo das unidades familiares de produção não isoladamente, mas na matriz de seu universo sociocultural, significando que o desenho de agroecossistemas sustentáveis somente será possível se entendermos os comportamentos econômico, social, ecológico e cultural presentes na realidade. Adicionalmente, considerando que as racionalidades econômica e ecológica presentes no conhecimento local são o resultado da unidade entre agricultura e cultura, unidade esta construída mediante ensinamentos históricos e métodos de tentativa e erro desenvolvidos no cotidiano das atividades humanas, a Agroecologia sustenta a necessidade de uma perspectiva sistêmica e um enfoque holístico, ainda que a intervenção participativa e localmente intencionada determine alto grau de especificidade para as estratégias de desenvolvimento rural (CAPORAL; COSTABEBER, 2002:107).

No capítulo anterior ressaltou-se que a terra sempre esteve nas mãos de poucos, ou seja caracterizando concentração de terra, e terra aqui entendida como forma de poder. Em diversos momentos históricos da ocupação territorial brasileira. No entanto parte da população que ensejava em dar continuidade aos seus modos de vida, à manutenção das suas características culturais e especificidades regionais foi excluído desse modelo de desenvolvimento enquanto espaço também de reprodução da sua identidade cultural não se beneficiando desse desenvolvimento econômico, desencadeando a marginalização desses assentados.

Esse modelo de agricultura que existe

[...] desde a década de 1960, gerou a intensificação da concentração fundiária, a expropriação e a expulsão de milhões de famílias. Nesse processo de exclusão, os trabalhadores intensificaram a luta pela terra. A elaboração e não realização de políticas de reforma agrária como o Estatuto da Terra e o Plano Nacional de Reforma Agrária são partes desse conjunto de fatores condicionantes. Portanto, quanto mais se intensificam a expropriação e a exploração, mais cresce a resistência. Nessa realidade, a ocupação da terra é criação dos trabalhadores sem-terra para a sua própria ressocialização (FERNANDES, 2001:4).

A modernização dessa agricultura acarretou em prejuízos ao solo como o desmatamento de florestas para conversão desses espaços para extensas monoculturas, compactação do solo e conversão da mão de obra humana por máquinas, desencadeando fluxos migratórios do campo para cidade em que acarretam nos

[...] danos socioculturais, estes por sua vez, estão relacionados também a um estilo de desenvolvimento rural imposto pelo binômio capital estado, que privilegia a mecanização em larga escala, força o êxodo rural e rompe sistemas culturais incompatíveis com a territorialização do capital vinculada aos interesses da agroindústria transnacional (MOREIRA; CARMO, 2004:13).

A agroecologia não visa somente os aspectos produtivos de uma realidade, mas também está voltada para os aspectos sociais, culturais, econômicos e éticos da produção em questão, ela integra e articula conhecimentos de diferentes ciências, assim como o saber popular, permitindo tanto a compreensão, análise e crítica do atual modelo do desenvolvimento e de agricultura industrial, como o desenho de novas estratégias para o desenvolvimento rural e de estilos de agriculturas sustentáveis, desde uma abordagem transdisciplinar e holística. (CAPORAL; COSTABEBER; PAULUS, 2006).

As aplicações da agroecologia em assentamentos rurais permite aos seus praticantes uma série de benefícios e aplicações, dentre elas convém destacar o uso racional e consciente dos recursos, a valorização das potencialidades produtivas locais como os frutos do cerrado por exemplo, assim como uma preocupação nos preparos e usos do solo para fins de autoconsumo ou mercadológicos.

Essa sustentabilidade na produção garante maior empoderamento para a comunidade em termos de assegurar e determinar o que será consumido e produzido, empregar os conhecimentos ancestrais, o uso da mão de obra e dos conhecimentos locais garantindo autonomia para os assentados que estão situados em um contexto de vulnerabilidade social.

Essa sustentabilidade

[...] pode ser definida como: 1) a ruptura das formas de dependência ecológica, socioeconômica e/ou política que ameaçam os mecanismos de reprodução etno ecossistêmica; 2) a utilização dos recursos que permitem que os ciclos materiais e energéticos nos agroecossistemas sejam os mais fechados possíveis; 3) a utilização dos impactos benéficos derivados dos ambientes ecológico, econômico, social e político existentes nos níveis de propriedades rurais até o da “sociedade maior”; 4) a não alteração substantiva do meio ambiente, mesmo quando estão implicadas transformações significativas nos fluxos de materiais e energia, e que permitam o funcionamento do ecossistema; 5) o estabelecimento dos mecanismos bióticos de regeneração dos materiais deteriorados, para permitir, no longo prazo,

a manutenção da capacidade produtiva do agroecossistema; 6) a valorização, recuperação e/ou criação de conhecimentos locais para a sua utilização como elemento de criatividade, com intuito de melhoria da qualidade de vida da população, definida a partir da identidade local; 7) o fortalecimento dos circuitos curtos de produção e de consumo de mercadorias que permita uma progressiva expansão espacial, a partir dos acordos participativos alcançados pela sua forma de ação social coletiva; e 8) a potencialização da diversidade biológica e sócio cultural (CAPORAL; COSTABEBER, 2000:23).

Os assentamentos rurais estabelecidos pelo movimento dos sem terra são espaços favoráveis para o desenvolvimento de experiências agroecológicas, promovendo assim a sustentabilidade social, ecológica e econômica para os seus integrantes. Dada as suas características espaciais e especificidades produtivas é possível consolidar por meio de uma construção participativa a implantação de uma agricultura sustentável.

Dessa forma, percebe-se que a agroecologia ultrapassa os aspectos produtivos, articulando aspectos econômicos, sociais, culturais, políticos e ambientais que envolvem a produção de alimentos, bem como busca influenciar o consumo responsável de alimentos favorecendo a saúde dos consumidores. Como um grande guarda-chuva, a agroecologia abarca a produção agroflorestal como uma de suas técnicas possíveis. O método utilizado na elaboração e condução das agroflorestas é uma tentativa de replicar as estratégias usadas pela natureza para aumentar a vida e melhorar o solo, indo ao encontro da agricultura sustentável na perspectiva de uma maior e melhor relação do ser humano com a natureza; relação esta que tem o alimento e a alimentação como elementos de ligação (FONINI; SOUZA-LIMA, 2013).

## **2.1 As Agroflorestas**

Os Sistemas Agroflorestais (SAFs) constituem sistemas de uso e ocupação do solo em que plantas lenhosas perenes (árvores, arbustos, palmeiras) são manejadas em associação com plantas herbáceas, culturas agrícolas e/ou forrageiras e/ou em integração com animais, em uma mesma unidade de manejo, de acordo comum arranjo espacial e temporal, com alta diversidade de espécies e interações ecológicas entre estes componentes (ABDO; VALERI; MARTINS, 2008).

Dentro do Pequeno Willian há uma produção agroecológica promissora em algumas parcelas e determinadas assentadas estão preparando seus terrenos para o sistema agroflorestal, mesmo sendo uma ideia ainda incipiente, pois não possuem licença para

desmatar, porém é uma ideia louvável pois leva em consideração os potenciais locais e tenta conciliar uma produção saudável com um manejo racional dos recursos naturais.

Os SAFs têm por objetivo otimizar a produção por unidade de superfície, respeitando sempre o princípio de rendimento contínuo, principalmente através da conservação/manutenção do potencial produtivo dos recursos naturais renováveis (conservação dos solos, recursos hídricos, fauna e das florestas nativas). São considerados como uma das alternativas de uso dos recursos naturais que normalmente causam pouca ou nenhuma degradação ao meio ambiente, principalmente por respeitarem os princípios básicos de manejo sustentável dos agroecossistemas. Os SAFs operam numa lógica distinta, em contraposição ao modelo de monocultivo que implica na eliminação da diversidade biológica de uma região ou seja um sistema em que há o uso conjunto de técnicas alternativas de utilização dos recursos naturais nos quais, espécies florestais são utilizadas em associação com cultivos agrícolas e/ou animais em uma mesma superfície (MACEDO; VENTURIN; TSUKAMOTO, 2000).

O assentamento Pequeno Willian possui modificações estruturais causadas pelas ações dos seus moradores em busca de melhorias de infraestrutura, pois converteram parte das parcelas em algum tipo de cultivo, expansão da moradia, construção de poço artesiano. Por outro lado a comunidade pode considerar trabalhar em um sistema agroflorestal uma alternativa interessante por ainda haver vegetação nativa de grande diversidade biológica vegetal nativa. Algo que alguns deles já projetam para o futuro

*Com esse tempo que ficamos lá no acampamento, você pode passar por lá e vê que nós deixamos uma agrofloresta pronta, lá? Tem limão produzindo, manga produzindo, goiaba, então nós deixamos banana, abacate, graviola, sabe? Jaca. Tem tudo lá. Até um pé de atemoia eu deixei lá, porque não deu pra trazer pra cá, ia sofrer muito e passei pro chão. Então assim tem uma agrofloresta pronta. Então eu espero ter uma aqui também. Nós já estamos fazendo, então eu acho que daqui a uns 3, 5 anos com certeza vai tá produzindo (Gustavina Alves da Silva, Mãe, 3 casada, 43).*

Ao propor sistema agroflorestal também colocamos em discussão a soberania alimentar, ou seja assegurar que a população de uma comunidade ou país determine “o que, como e porque plantar?”. Do mesmo modo, torna-se relevante destacar que em direção a esse quadro de fome e pobreza e do acesso restrito a alimentos de qualidade estão as grandes corporações transnacionais que dominam a cadeia agroalimentar, das sementes às prateleiras dos mercados e, conseqüentemente, têm grande influência sobre

as condições de alimentação da população. Cumpre lembrar que essas empresas movimentam mais recursos que alguns países, tendo enorme impacto sobre a economia global, principalmente ao atuar além das fronteiras, com acentuado alcance sobre os países menos ricos. Nesse contexto situa-se o debate sobre a soberania alimentar e as crises alimentar e ambiental, deflagradas por uma série de conflitos socioambientais em torno da fome, da alta dos preços dos alimentos, da sobre utilização do ambiente e da insustentabilidade do sistema econômico vigente que respalda o crescimento destas transnacionais (FONINI; SOUZA-LIMA, 2013).

Com os SAFs os assentados tem controle sobre a sua produção, a forma e como produzem constituindo então uma nova forma em que a produção de alimentos atualmente está assentada privilegia a não observância e o distanciamento do consumidor daquilo que se está consumindo, com isso os consumidores não conhecem a procedência dos alimentos e muito menos a realidade dos seus produtores.

## **2.2 Conhecimentos Tradicionais no Assentamento Pequeno Willian**

Os conhecimentos tradicionais se fazem presentes no assentamento Pequeno Willian, transferidos por meio da oralidade e preservados por meio das práticas recorrentes na feitura de chás, garrafadas, no plantio da horta e nas sementes crioulas.

O conhecimento tradicional pode ser definido como o saber e o saber-fazer, a respeito do mundo natural, sobrenatural, gerados no âmbito da sociedade não-urbano/industrial, transmitidos oralmente de geração em geração. Para muitas dessas sociedades, sobretudo as indígenas, existe uma interligação orgânica entre o mundo natural, o sobrenatural e a organização social (DIEGUES, 2000).

Em uma realidade em que muitos desses assentados estão desassistidos na cobertura de serviços públicos, estes narraram (quando perguntadas/os sobre como faziam para tratar a saúde no assentamento) como era o tratamento de doenças que os pais recorriam quando mais jovens:

*Olha... a minha avó, quando ela faleceu, eu era muito criança, eu não me lembro assim direito, mas com certeza lá era tudo assim, com remédios mesmo do mato, com ervas. Porque não tinha farmácia, não tinha hospital, não tinha nada (Gustavina Alves da Silva, Mãe, 3 filhos, casada, 43).*

Como o assentamento é distante de Planaltina-DF, então não há um hospital ou posto de saúde e pelas dificuldades de distância e locomoção, tratamentos alternativos são amplamente usados, então apoiados no cultivo de ervas medicinais em suas parcelas.

*Tenho erva cidreira, capim santo, tenho hortelã, tenho uns três tipos de hortelã, tem poejo, tem bálsamo, iche....tenho várias (Gustavina Alves da Silva, Mãe, 3 filhos, casada, 43).*

A manutenção e a transmissão desses conhecimentos tradicionais desempenham um papel-chave na manutenção da identidade desses assentados que por meio desses saberes conseguem em meio a desassistência Estatal manter o seu núcleo familiar.

Para SCHNEIDER (2010), o sistema produtivo da pequena propriedade em geral se assenta no trabalho da terra, principalmente os núcleos familiares do Pequeno Willian, concentrados na produção de hortaliças, frutas, galinhas destinados prioritariamente à satisfação das necessidades internas da propriedade e do grupo doméstico (composto pelos membros da família). Nessa forma de organização do trabalho e da produção, as atividades agrícolas quase sempre coexistem e se complementam com outras atividades não agrícolas, como o artesanato e o comércio. Com viés produtivo agroecológico a maioria dos assentados possui estocados em suas parcelas sementes crioulas para a continuidade e manutenção da produção em suas propriedades, definidas como:

Sementes crioulas são aquelas sementes que não sofreram modificações genéticas por meio de técnicas, como de melhoramento genético, inclusive, nesse contexto, a transgenia. Estas sementes são chamadas de crioulas ou nativas porque, geralmente, seu manejo foi desenvolvido por com unidades tradicionais, como indígenas, quilombolas, ribeirinhos, caboclos etc (TRINDADE, 2006: 4).

A forma como são cultivadas essas sementes, voltadas para a unidade familiar, reforça a preocupação com a qualidade de vida e uma dieta que atenda às necessidades nutricionais familiares:

*Feijão, feijão de corda, tem quiabo, quento, milho crioulo, mudas, né? Abacaxi, manga até pêssego tem porque foi feito no aqui, feito para a gente comer. Tem uma diversidade boa. Tem crotalária. Tem algumas coisinhas, né? (Adriana Fernandes Souza, Mãe, 3 filhos, Solteira, 46).*

A luta pela continuidade no cultivo das sementes crioulas é assegurar a soberania alimentar dos assentados em buscar da sua autonomia produtiva e resguardar os saberes daqueles que não foram inseridos no ciclo vicioso e excludente do agronegócio. É uma forma diferenciada de vida comunitária com a predominância do trabalho familiar, não assalariado, não capitalista. Mas esta forma de agricultura não se define só pela forma como trabalha, a agricultura familiar vive e sobrevive com pouca terra. Nisto se distingue da agricultura capitalista, feita em grandes áreas e com trabalho alheio (ALVES; MENDONÇA 2013).

Além disso há uma preocupação recorrente com aquilo que irão consumir e com a preservação dos recursos naturais do assentamento:

*Ah assim, por vários fatores, principalmente é... eu gosto muito de estar com a natureza, né? Eu gosto de plantar, eu gosto muito de comer uma comida limpa, saudável, então eu sei que pra mim comer uma comida saudável eu tenho que produzir, entendeu? e...também, estar em contato com a terra, é... cuidar de tudo, cuidar do meio ambiente, de todas as formas de vida que existe, porque eu não mato nada, não mato nem uma galinha pra eu comer, então assim, são vários fatores, eu gosto realmente, gosto de viver no meio do mato, gosto de lidar com a terra, entendeu?, e assim produzir, e quando eu penso em produzir uma comida limpa, não só pra mim, entendeu? Mas pra outras pessoas também, eu tenho essas coisas aqui, eu sempre ofereço pra alguém levar, as vezes o menino vem aqui e leva a sacola de folhas pra salada, que eu acho que é o mínimo que eu posso fazer, né? Entendeu? Não só pra mim, não só produzir pra mim, mas pro outros também (Gustavina Alves da Silva, Mãe, 3 filhos, casada, 43).*

As estratégias encontradas a nível local para garantir meios de subsistência, evidenciaram a criatividade e também a forte presença da articulação local entre os diferentes atores sociais, mostrando que a integração está permitindo meios produtivos que os permita garantir sua identidade e autonomia. As dificuldades elencadas como o acesso à água, pavimentação e acesso à cobertura de saúde pelas assentadas e assentados entrevistados, deixa claro que são necessárias políticas públicas e parcerias institucionais, nos diversos âmbitos, a fim de amenizar as dificuldades elencadas para a manutenção e promoção do uso das sementes tradicionais, chás e práticas tradicionais de uso e manejo do solo (PELWING; FRANK; BARROS, 2008).

### **3 Materiais e Métodos de Pesquisa com as Assentadas do Pequeno Willian/DF e Suas Relações De Gênero**

A presente pesquisa é um **estudo de caso** que foi situado no universo de um grupo de assentadas da agricultura familiar do Assentamento Pequeno Willian, da região rural de Planaltina-DF, cujo o foco foi orientado nas atribuições, trabalhos, saberes e fazeres das assentadas no que diz respeito aos usos e manejos com a terra e sua biodiversidade.

A abordagem da presente pesquisa foi de cunho qualitativo-descritivo, pois teve como material de análise central as falas, vivências e histórias das assentadas do Pequeno Willian, ou seja, trata-se uma pesquisa que teve por núcleo ouvir e compreender sujeitos, historicamente situadas em seu lugar de vida, em seus espaços de fala. É também uma pesquisa de vertente crítico-dialética uma vez que o intuito é levantar maiores informações acerca das atividades produtivas e reprodutivas das assentadas e como o desenvolvimento de tais atividades condicionam seu lugar na comunidade.

O assentamento possui cerca de 22 parcelas. Dentro do universo amostral 5 assentadas foram entrevistadas em profundidade, a escolha por essas 5 é baseada nos seguintes critérios: idade, engajamento na vida acadêmica e política, envolvimento com práticas artesanais e produtivas ambientais nas suas respectivas parcelas.

As escolhas por esse grupo limitado de assentadas em detrimento das outras é explicado pela aplicação de um questionário que antecedeu as entrevistas em que foi percebido que a sua maioria tinha dificuldade com as questões, mesmo com os esclarecimentos durante a condução da aplicação dos questionários as respostas não foram satisfatórias para a presente pesquisa. E além disso a pesquisa desde sua concepção objetivava em pesquisar essas assentadas com suas especificidades

A Observação participante consistiu nas contantes visitas no assentamento durante um período, para um envolvimento com o cotidiano das assentadas, de modo que foi possível ter uma maior inserção na realidade local, desenvolver uma aproximação com as assentadas e assim extrair relatos das vivências e experiências. Todo o processo de trabalho de campo ocorreu no assentamento Pequeno Willian no período de novembro de 2015 até maio de 2016. Além disso durante a condução dessa observação participante foi possível experimentar a alimentação dessas assentadas, dormir nas dependências de uma delas, percorrer os caminhos para acessar as parcelas de cada uma, desenvolver conversas informais não relatadas neste trabalho e acompanhar as alterações estruturais

nas parcelas de cada uma.

Durante o processo para a tomada das assinaturas do termo de autorização foi realizado uma leitura conjunta entre entrevistado e entrevistada deixando claro os limites da pesquisa e que as informações concedidas são para uso restritamente acadêmico não gerando ônus financeiro para ambas as partes.

Fez-se a opção de transcrever (com filtros), ao longo desta dissertação, as “falas/narrativas” das mulheres pesquisadas por duas razões:

a. A primeira por uma estratégia política de dar visibilidade às falas e vivências das assentadas pesquisadas. Ou seja, deixar claro que elas são portadoras de uma narrativa própria, com história e demandas atinentes à condição de mulheres assentadas da agricultura familiar;

b. E, em segundo lugar, uma questão epistemológica/metodológica: em pleno século 21 a ciência não pode se furtar a identificar e registrar o discurso dos “sujeitos entrevistados”. Dito de outra maneira, faz-se fundamental reconhecer que o grupo investigado também é produtor de conhecimento. Por isso as falas seguem transcritas a seguir, filtradas a partir das categorias escolhidas para este estudo: empoderamento, condição de vida, relações de gêneros, papéis sociais e conhecimentos tradicionais.

Cabe ainda ressaltar que o estudo das falas transcritas foi feito pela técnica de análise de dados funcional-descritiva. Isso quer dizer que as falas foram mapeadas e estudadas dentro da dinâmica social na qual ocorrem, ou seja: trata-se de um estudo que considera a função e atividades dos sujeitos pesquisados a partir da sua relação social, posição na comunidade e visão de mundo. No caso, mulheres assentadas da agricultura familiar do DF.

Fez-se essa opção, a de uma análise funcional-descritiva em detrimento da análise de discurso, vez que se tratou como matéria prima a história de vida das assentadas, engendradas no circuito social da comunidade em que vivem e por elas mesmas verbalizadas. O estudo ora aqui consolidado buscou “a fala” “a vivência” a partir das categorias de estudo escolhidas para esta pesquisa (já citadas acima) e não registros escritos sobre as mulheres do assentamento.

Dito de outro modo, não houve contraponto das falas das assentadas com textos escritos ou midiáticos, o que se caracterizaria como um recurso de estudo da técnica de análise do discurso (CRUZ, 2013), visto que a análise do discurso é um recurso metodológico que consiste em analisar a estrutura de um texto e, a partir disto,

compreender as construções ideológicas presentes no mesmo.

Análise do discurso ou análise de discurso da Europa é uma prática e um campo da filosofia e da comunicação especializado em analisar construções ideológicas presentes em um texto. É muito utilizada, por exemplo, para analisar textos da mídia e as ideologias que os engendram. A análise do discurso é proposta a partir da filosofia materialista que põe em questão a prática das ciências humanas e a divisão do trabalho intelectual, de forma reflexiva. De acordo com uma das leituras possíveis, discurso é a prática social de produção de textos. Isto significa que todo discurso é uma construção social, não individual, e que só pode ser analisado considerando seu contexto histórico-social, suas condições de produção; significa ainda que o discurso reflete uma visão de mundo determinada, necessariamente, vinculada à do(s) seu(s) autor(es) e à sociedade em que vive(m). Texto, por sua vez, é o produto da atividade discursiva, o objeto empírico de análise do discurso; é a construção sobre a qual se debruça o analista para buscar, em sua superfície, as marcas que guiam a investigação científica (CRUZ, Tânia. Notas de aula. Metodologia de Pesquisa. Programa de Pós-graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural Sustentável (MADER), jun 2013.

As assentadas do Pequeno Willian possuem uma longa relação e forte vínculo com as questões agrárias, luta pela terra e com movimentos sociais como o MST. Esse capítulo será dedicado a apresentar essas assentadas que possuem desafios na consolidação das suas demandas para sua comunidade. Ao final de cada assentada apresentada há um quadro descritivo organizado da seguinte forma:

<b>Quadro - Análise Funcional-descritiva</b>			
<b>Pergunta</b>	<b>Fragmento-fala</b>	<b>Categoria de estudo</b>	<b>Análise</b>

As perguntas foram mantidas ao longo das seguintes falas, pois foram as questões que foram norteadoras durante a condução da entrevista e fazem parte do Roteiro de Perguntas (**Apêndice A**) e sobretudo a disposição do texto com recuo é para enfatizar e dar destaque à cada um dos fragmentos relevantes para a pesquisa.

### 3.1 Adriana Fernandes Souza

Figura 6: Assentada Adriana Fernandes Souza



Fonte: Trabalho de Campo. Elaboração FERREIRA

*Me chamo Adriana Fernandes Souza. Sou de Goiânia. Estou em Brasília desde 1974. Tenho 46 anos. Sou produtora Rural, Artesã e Professora. Sempre trabalhei como autônoma e como diarista. Tenho três filhos. Moram comigo duas meninas e uma neta.*

***A Sr<sup>a</sup> chegou no movimento como?***

*Eu cheguei no movimento primeiramente estimulada pela visão da chegada da marcha de São Paulo à Brasília em 97, quando vi chegando as pessoas do aeroporto e eu desconhecer esse povo com tanta coragem e em 98 eu tive a oportunidade de conhecer o*

*movimento, conhecer as pessoas que já faziam parte do movimento naquela época e ir ao encontro do movimento e me inserir pra acampar em Arinos, Minas Gerais e as ocupações eram em Noroeste de Minas, tive uma outra visão das tarefas, pois eu ficava mais em Brasília e meu companheiro em Minas na ocupação.*

**Quais foram as dificuldades que a Sr<sup>a</sup> sofreu nesse processo de luta?**

*As dificuldades se devem principalmente na questão de se manter na luta, porque quando são duas pessoas, um casal, ainda existe as dificuldades, mas elas se tornam mais leves, tem a possibilidade de tá trabalhando e arrecadando recurso, a gente passa muita necessidade, não existe facilidade, pra você lutar pelo seu terreno.*

**A Sr<sup>a</sup> já presenciou assédio ou violência entre os assentados ou por parte de autoridades?**

*Ah, várias. Por parte de autoridades, porque o poder da polícia é muito pesado. Em Minas sofremos com questão de abusos em várias famílias em todo movimento também, tem gente, tem essas questões de falta de respeito e também já fui vítima de abuso, já sofri abuso de companheiro, foi física, mas eu reagi.*

**Porque você se tornou assentada, se tornou parte do movimento?**

*Eu ser assentada é consequência da luta. Mas eu me tornei parte do movimento, por essa questão de lutar pelo direito, por eu me identificar com o movimento, pois é uma luta pelos direitos, direito na totalidade, direito à terra, direito à moradia, direito à dignidade, direito a ter saúde, educação. Isso tudo me fez*

*com que eu quisesse ser parte.*

**Como é a divisão das tarefas domésticas aqui na parcela?**

*Ah, a gente junta as panelas e divide, quem tá faz. A gente procura compartilhar com quem tá com a gente, até com quem vem ficar em casa e tudo. Não há uma pessoa específica pra fazer isso e aquilo. Minhas filhas fazem comida, fazem tudo, foram criadas assim.*

**Sempre cultivou, sempre plantou ou alguém te ensinou?**

*Não, sempre não. Aprendi a plantar, cultivar foi com 20 anos de idade. Nasci e fui criada na cidade. Minha mãe era só uma empregada doméstica, né? Então só fui ter acesso à conhecer mesmo o rural quando era casada, aos 23 anos de idade, fui morar em uma chácara lá em Santa Maria, no Novo Gama e lá meu sogro me ensinou como plantar e produzir.*

Figura 7: Parcela Drica Fernandes



Fonte: Trabalho de Campo. Elaboração FERREIRA

**O que você consegue plantar e cultivar daqui do assentamento?**

*A principio tamos bem no início de uma produção porque a gente está montando um pomar no sistema agroflorestal, temos um viveiro para fazer as mudas, produzidos pela gente mesmo, e a ideia é como não saiu a*

*licença ambiental não posso desmatar então faço parceria com meus vizinhos, tem um hectare lá embaixo, para arar, braquiária, milho, feijão, abóbora. Todo ano a gente faz isso de forma coletiva nas áreas que já são de braquiária as terras lá embaixo podem ser trabalhadas e devem ser trabalhadas a gente usa elas para produzir.*

**Quais as sementes que tem aqui na sua parcela que você cultiva?**

*Feijão, feijão de corda, tem quiabo, quento, milho crioulo, mudas, abacaxi, manga até pêssego tem porque foi feito aqui, feito para a gente comer. Tem uma diversidade boa. Tem crotalária.*

**Você chegou a fazer curso na EMATER? Universidade? Embrapa?**

*Para dar início à essa produção eu fiz curso na Emater, fiz curso de tratorista, de professora, principalmente nessa transição agroecológica ai sempre nos levavam para estarmos fazendo nossa capacitação dentro do assentamento, mas voltado para produção agroecológica, então a gente sempre teve esse acompanhamento que era assistência técnica encabeçada pela EMATER e na universidade foi o Residência Agrária que foi um curso que fiz especialização na agroecologia.*

**Existe uma horta comunitária no assentamento?**

*Antigamente no início tínhamos horta, porém no momento, não há horta comunitária. Porque cada um tá se instalando em sua parcela, esse ano tá muito, acho que são dois anos de instalação em cada parcela para se instalar de alguma forma.*

**Como sua mãe e sua avó tratavam essas doenças ocasionais?**

*Foi sempre com remédio da farmácia, né? acontece que ela sempre tentou fazer um chazinho, um suquinho diferente com beterraba, couve, essas coisas dentro. Ela sempre buscava isso que minha avó fazia mas com a falta de tempo acabava usando os remédios da farmácia, ai quando a gente mudou para o Céu Azul ela pode plantar, ela plantava muito na terra, iai começou a fazer os xaropes, remédios, para lavar machucado, curar queimaduras, ai eu comecei a aprender e ter um aprofundamento maior com essa relação com as plantas medicinais comecei a entender muito com as plantas do cerrado, medicinais, ervas.*

**Como você avalia a atuação do MST em questões de gênero?**

*Quando começa a discussão da participação maior da mulher, os processos se juntam, né? numa questão de acesso à terra, na titularidade da mulher, tem que ser trabalhada no movimento, porque ainda há também a questão da diversidade sexual, que a gente precisa falar também, não só homem e mulher. Tem os bi, os héteros, então tudo isso no movimento é muito bem discutido, porque tem muito homem machista. O movimento é constituído em cima do machismo filho da mãe que eu não denomino ele patriarcado, machismo mesmo, com todos os ismos e podres que pode ter. São muito preconceituosos, mas a gente espera muito isso, a gente consegue hoje fazer encontros para romper na mesa de debate a questão da diversidade sexual, de tá lá os homossexuais,*

*os companheiros a gente junta, todo mundo junto debatendo junto. A respeito da sua opção sexual, religiosa não pode ser colocada para debate. Dentro da questão de gênero a gente tem a frente que debate a questão da diversidade sexual, dentro do círculo de gênero tem a frente de debate sobre a mulher, a frente que debate sobre os homossexuais. Então acho isso muito forte. Se abrir pra essas outras lutas que são nossas lutas também.*

**De vez em quando os assentados são estigmatizados, né?**

*Não, mas é o que a mídia passa né? Que somos vagabundos, mas também quando os professores, médicos tão lá, estão mobilizados, reivindicando seus direitos também são tratados como vagabundos, leva pancada, leva agressão policial, o que muda é quem luta pelos seus direitos somos nós sem terra e vagabundos, vagabundos somos nós, são os professores vagabundo também são eles, se é o pessoal da saúde também.*

**Como você se vê daqui a 5 anos? Quais são suas expectativas?**

*Me vejo daqui a 5 anos bem instalada, com alguns chalezinhos para receber, com uma cozinha caipira, depois construir um espaço de estudo, básico para estudo, tudo ecológico, uma biblioteca instalada bem equipada. Um espaço para estudo e pesquisa e práticas culturais tudo funcionando.*

Tabela 1: Assentada Adriana Fernandes Souza

Pergunta	Fragmento	Categoria de Análise	Análise
<b>A Sr<sup>a</sup> chegou no movimento como?</b>	[...] conhecer as pessoas que já faziam parte do movimento naquela época e ir ao encontro do movimento e me inserir pra acampar em Arinos, Minas Gerais e as ocupações eram em Noroeste de Minas, tive uma outra visão das tarefas pois eu ficava mais em Brasília e meu companheiro em Minas na ocupação.	Condição de Vida	Compreensão das tarefas a serem desempenhadas e condições em que se encontram os acampados
<b>Como você se vê daqui a 5 anos? Quais são suas expectativas?</b>	Me vejo daqui a 5 anos bem instalada, com alguns chalezinhos para receber, com uma cozinha caipira, depois construir um espaço de estudo, básico para estudo, tudo ecológico, uma biblioteca instalada bem equipada. Um espaço para estudo e pesquisa e práticas culturais tudo funcionando.	Condição de Vida	Perspectiva de vida e planejamento futuro esperando que sua qualidade de vida melhores e levando em consideração a sustentabilidade ambiental na sua parcela
<b>Como é a divisão das tarefas domésticas aqui na parcela?</b>	Ah, a gente junta as panelas e divide, quem tá faz. A gente procura compartilhar com quem tá com a gente, até com quem vem ficar em casa e tudo. Não há uma pessoa específica pra fazer isso e aquilo. Minhas filhas fazem comida, fazem tudo, foram criadas assim.	Divisão Sexual do Trabalho (Gênero)	Compreensão de que a concentração de atividades domésticas além das atividades laborais exteriores ao lar compromete sua qualidade de vida, sua saúde e acesso aos espaços de poder. Por isso uma divisão das tarefas domésticas com os chegantes, companheiras (os) e os familiares.
<b>Como sua mãe e sua avó tratavam essas doenças ocasionais?</b>	[...] ai quando a gente mudou para o Céu Azul ela pode plantar, ela plantava muito na terra, iai começou a fazer os xaropes, remédios, para lavar machucado, curar queimaduras, ai eu comecei a aprender e ter um aprofundamento maior com essa relação com as plantas medicinais comecei a entender muito com as plantas do cerrado, medicinais, ervas.	Conhecimentos Tradicionais	Os conhecimentos tradicionais são interessantes principalmente a partir da perspectiva da preservação da identidade (quem sou, daonde venho, minha história de vida) e pertencimento.
<b>O que você consegue plantar e cultivar daqui do assentamento?</b>	[...] porque a gente está montando um pomar no sistema agroflorestal, temos um viveiro para fazer as mudas, produzidos pela gente mesmo, e a ideia é como não saiu a licença ambiental não posso desmatar então faço parceria com meus vizinhos	Meio Ambiente	Por ser um assentamento recente, possuem laços comunitários, pois há parcelas que ainda não produzem e não possuem licença ambiental para desmatar e preocupação com a forma de cultivo na parcela
<b>Porque você se tornou assentada, se tornou parte do movimento?</b>	[...] Mas eu me tornei parte do movimento, por essa questão de lutar pelo direito, por eu me identificar com o movimento, pois é uma luta pelos direitos, direito na totalidade, direito à terra, direito à moradia, direito à dignidade, direito a ter saúde, educação.	Empoderamento	Entendimento de que para acessar políticas públicas se faz necessário o atendimento das necessidades mais básicas e que estas são fundamentais para acessar direitos, qualidade de vida, inclusão social e bens e serviços.
<b>Você chegou a fazer</b>	[...] Para dar início à essa produção eu fiz curso na Emater, fiz curso de tratorista, de	Empoderamento/Meio	A capacitação técnica para um novo

<p><b>curso na EMATER? Universidade? Embrapa?</b></p>	<p>professora, principalmente nessa transição agroecológica ai sempre nos levavam para estarmos fazendo nossa capacitação dentro do assentamento, mas voltado para produção agroecológica, então a gente sempre teve esse acompanhamento que era assistência técnica encabeçada pela EMATER e na universidade foi o Residência Agrária que foi um curso que fiz especialização na agroecologia.</p>	<p>Ambiente</p>	<p>modelo produtivo na terra se faz necessário principalmente com indivíduos que se encontram marginalizados no acesso à uma educação de qualidade inclusiva. E que para assegurar sua segurança e soberania alimentar necessitam de autonomia e independência produtiva.</p>
<p><b>Como você avalia a atuação do MST em questões de gênero?</b></p>	<p>Quando começa a discussão da participação maior da mulher, os processos se juntam, né? numa questão de acesso à terra, na titularidade da mulher, tem que ser trabalhada no movimento, porque ainda há também a questão da diversidade sexual, que a gente precisa falar também, não só homem e mulher. Tem os bi, os héteros, então tudo isso no movimento é muito bem discutido, porque tem muito homem machista. O movimento é constituído em cima do machismo filho da mãe que eu não denomino ele patriarcado, machismo mesmo, com todos os ismos e podres que pode ter. São muito preconceituosos, mas a gente espera muito isso, a gente consegue hoje fazer encontros para romper na mesa de debate a questão da diversidade sexual, de tá lá os homossexuais, os companheiros a gente junta, todo mundo junto debatendo junto.</p>	<p>Empoderamento/Gênero</p>	<p>Espaços de discussão em que identifica-se que os papéis desempenhados e atribuídos à cada um são desiguais e injustos, além de reconhecer sua posição social e o sistema opressor histórico. A necessidade de questionar as formas de opressão, principalmente a sexual se abrindo para que outros oprimidos sejam reconhecidos e acolhidos pelo grupo por aquilo que são os permitindo acesso e ascensão.</p>

Fonte: Elaboração FERREIRA

### 3.3 Manu Camile Gomes

Figura 8: Manu Camile Gomes



Fonte: Trabalho de Campo. Elaboração FERREIRA

*Me chamo Manu Camile Gomes. Eu sou de Minas Gerais, mas fui criada na Bahia e estudei na Bahia e tô em Brasília desde 2005. Tenho 59 anos, eu já vou fazer 60 anos nesse ano que entra. Tenho uma filha de criação do meu ex-marido.*

**Qual a ocupação profissional da Sr<sup>a</sup>?**

*Eu sou professora, sou artista plástica e sou musicista, instrumentista e dou aula, quando eu posso, quando posso dar aula, eu dou aula. Cerca de 30 anos em sala*

*de aula, mas assim todas as minhas atividades, tudo tinha uma relação muito grande com a atividade de ensinar. Eu fui professora de ensino fundamental e fui professora primária quando terminei o 2º Grau, depois passei para o ensino fundamental quando fiz graduação, aí não fiz pós-graduação nem mestrado pra poder ensinar em cursos de nível superior, mas já dei aula até para o 2º Grau, assim na condição de professora do ensino fundamental como graduada.*

***Daonde a Srª venho e a quanto tempo está em Brasília?***

*Olha, eu sou de Minas Gerais, mas fui criada na Bahia e estudei na Bahia e tô em Brasília desde 2005, né? Já tem 11 anos, aliás tem 10 anos que eu tô em Brasília.*

***Como a Srª chegou até o assentamento Pequeno Willian?***

*Eu vim da Bahia, logo após a marcha, para averiguar umas pendências foi do Movimento Sem Terra, do MST. Eu era da direção do setor de cultura. Como tinha que vir aqui para o Distrito Federal por conta de um acidente que sofri de moto, eu precisava fazer uma fisioterapia e tinha um parente ainda tenho, que fazia esse tratamento que me criou mora em Brasília.*

***O seu pai e sua mãe biológicos não estão mais vivos?***

*Não, nem eles nem o pessoal que me criou, Total assim. Só tem eu, aliás, não*

*sei se tem somente eu, tenho um irmão que eu não sei se ela tá lá ainda, né? Porque quando eu estive lá em 2007 na Bolívia na casa dele em Potosí.*

**Que carências a Sr<sup>a</sup> enfrentou durante o processo de luta?**

*Durante esse processo de luta pela terra sofri muita perseguição política principalmente a partir dessa família, principalmente a família que me criou, que me deu apoio e falta de apoio psicológico e essa falta de apoio psicológica, principalmente quando eu levava alguém do MST.*

**Em algum momento a Sr<sup>a</sup> presenciou algum assédio ou abuso entre os assentados? Ou por parte de autoridades?**

*Tenho assistido muitas vezes abusos por parte principalmente por parte de autoridades em Salvador, sabe assim a polícia, aqui na marcha de 2005 mesmo, teve um abuso. Por parte da polícia montada. Eu já vi, eu já levei choque do batalhão, batalhão de choque, um batalhão especial do BOPE, de assuntos especiais, tem uma máquina de choque, é quando ele joga um anel. Já aqui dentro do assentamento não, assim já veio a polícia para corrigir muitos problemas.*

**Porque a Sr<sup>a</sup> se tornou assentada?**

*Porque eu veio de anos, desde 1986, né? Já era um direito meu. No começo eu não queria ser assentada. Eu ainda tinha meu marido, minha filha, e ele sempre falava*

*comigo, que quando eu ficasse velha. Nós iríamos para a Itália, ficar lá, mas quando ocorreu o massacre de Eldorado dos Carajás em 96, ele foi embora. Assim, ele achou muito violento, ele é italiano. Então eu resolvi, queria ficar assentada quando tivesse a oportunidade de pegar uma terra, porque na época de 86 até 96, até praticamente 2006 eu não me interessava muito pelas terras, porque eram terras assim muito grande, uma....não sei...uma...prática de querer nos fazer desanimar da terra e a terra ser muito seca, região muito seca desprovidas de água, que também eram terras que tanto elas eram devolutas porque deixaram isso acontecer que a terra devoluta ela é geralmente a terra que acredita que a palavra seja até um ter resolvido. Para o Estado. Porque é assim a terra não pertence basicamente a um povo, a terra pertence à união as terras públicas. Os grandes latifúndios não tem dono para ceder. Então mas é concedido para a pessoa viver ali até a morte, até para ela responder para as leis então, ai me tornei assentada porque eu decidi que queria ficar assentada.*

***Como foi a participação, principalmente das mulheres, principalmente a Srª nas mobilizações, principalmente nessa época em que vocês estavam acampados aqui no Pequeno Willian e depois que vocês vieram para as parcelas?***

*A participação das mulheres era assim nas cirandas com as crianças. Era nas porquinhas para fazer a comida e no meu caso como eu sempre tocando instrumento, falando alguma língua estrangeira, eu, a minha participação era mais assim contribuir com as crianças que eram levadas para a chamada ciranda infantil. Para cuidar das crianças ou vez ou outra ficava mais nos grupos tocando as músicas ou nas harpas que a gente tinha na ocupação rural, eu ficava muito lá no quarto durante à noite tocando pro pessoal não beber cachaça. Isso também foi, porque não sou muito fã desse negócio de beber cachaça, pra pessoa não dormir, pro companheiro que tá tirando guarda tenha, pra mim externalizar. Ai eu ficava tocando instrumento musical, flauta, violão. Então a minha participação foi mais assim no que diz respeito à entretenimento.*

**Como é a divisão das tarefas domésticas da Sr<sup>a</sup>? Ou a Sr<sup>a</sup> faz tudo sozinha?**

*Na vida doméstica faço tudo sozinha, aqui não tem divisão, só tem eu, os gatos, as galinhas e as cachorras, porque como eles são bichos. Eu não deixo tarefa para eles. Então eu faço a limpeza da casa, lavo a churrasqueira, faço comida e como na hora que me apetece.*

**A Sr<sup>a</sup> já sofreu violência doméstica? Ou presenciou uma assentada que já**

**sofreu aqui do Pequeno Willian?**

*A nossa companheira A. F. S. de assentamento, já sofreu uma violência, foi horrível. Não sei se você sabe, mas ela foi, ela foi violentada pelo que é, o rapaz, o R. foi errado, foi muito tocante da parte dele, porque ele não é violento, ele foi violento e teve uma briga lá embaixo, já vi em outros assentamentos, aqui no Pequeno Willian foi só. Briga mesmo, violenta, de tirar os cabelos foi essa da companheira.*

**O que a Sr<sup>a</sup> consegue plantar e cultivar aqui do assentamento na sua parcela?**

*Eu planto aqui no assentamento quando é o tempo das águas que vai começar é milho, batata, milho, hortaliças quando começa o tempo da chuva, porque a minha parcela não tem água, é uma das parcelas conjuntamente com outras parcelas que são daqui do núcleo que não tem água, depende do caminhão pipa, então não pode plantar uma horta dependendo de água, tem que ser uma horta dependente do tempo da chuva que um tempo mais que só tem chuva, então a gente torce esperando que a chuva molhe.*

**A Sr<sup>a</sup> sempre cultivou?**

*Sempre. Sempre, desde que entrei para o movimento, foi uma das coisas que aprendi com o movimento foi o cultivo de*

*horta, de estufa de flores. Já cultivei muita flor. Já vendi flores pra casamentos, angélicas para decoração de casamento. Porque lá na Bahia a gente fazia estufa de flores, aqui ainda fizemos estufas, aqui nesse local tô querendo uma estufa de flores. Tenho sementes, tem semente de milho, de feijão, feijão catador, que vou plantar agora, andu, porque andu e tem sementes de flores que vou começar agora, porque vou começar uma horta de flores.*

Figura 9: Parcela Manu Camile Gomes



Fonte: Trabalho de Campo. Elaboração FERREIRA

**A Sr<sup>a</sup> fez um curso de capacitação com a Embrapa? Emater?**

*Fiz vários cursos de capacitação de 8hs, 12 hs, 3 dias, 24hs, fiz curso até de aproveitamento de fibras da bananeira, Embrapa com a Emater, com o SENAR, Serviço de Aprendizado Rural, assim, ou seja eles pagam para a pessoa produzir, construir flores, os tipos de flores. Tem o SENAR. É o SENAR. Que vem junto com a EMATER.*

**Existe uma horta comunitária? Ou já existiu?**

*Já existiu. Né? Já existiu um a horta comunitária. Já existiu lá embaixo depois passou a ser PAES, que é o Programa de Plantio, também já participei, trabalhei até junto com o seu Guilhermando. Depois foi primeiro com o Gaspar, depois do Gaspar passou a ser do seu Guilhermando, terminei e fiquei só com o seu Guilhermando, sai do PAES do seu Guilhermando, pois tinha muito bicho de pé e fiquei muito tempo sem e assim eu não gosto muito de tomar remédio de farmácia, porque fica suturando. E eu fiquei impedida de continuar o serviço, não podia molhar.*

**Como a Sr<sup>a</sup> enxerga a titularidade de terra no nome da Sr<sup>a</sup>?**

*Enxergo a titularidade como se eu tivesse corrido numa maratona e alcançado a premiação. Que pra mim é isso. Tanto que eu não quero brigar com ninguém, não quero criar situação de conflito, que pra mim, e como a gente não tem direito de falar que eles tem que sair daí, e sim trabalhá-los e pra que jogá-los fora já que eles também podem ser companheiros, erraram, erraram, compreendem, eles tem que compreender que eles erraram. Eles só não pode mais errar. É bom dizer isso, mas erraram, mas é o troféu deles, é o troféu do Pelé, é o troféu do Vilson, o do Gaspar é o troféu dele.*

**Qual o nome desse sistema opressor que oprime as mulheres?**

*É o machismo mesmo que impõe que as mulheres tem que ter bunda, que a mulher gorda não tá dentro do padrão, que eu tô fora do padrão, se eu estivesse casada meu marido ia ver que tô parecendo uma vaca. Tem o nome baleia, vaca. Por isso que não quero me casar. Já vi que não quero me casar. Quero a cama toda pra mim ou para meus filhos.*

**Como a Sr<sup>a</sup> avalia a atuação do movimento dos sem terra em questões de gênero?**

*Existe uma preocupação do movimento dos sem terra, mas fica tudo no papel, porque não tem. Não tem prática, só tem teoria. É tão difícil a gente vencer essa questão de gênero. Assim de respeito pela posição da mulher, a mulher continua sendo submissa, existe ainda. Isso é uma questão que vai depender também da cultura, é uma questão cultural, Então tanto a mulher assim como os homossexuais.*

**Como a Sr<sup>a</sup> se vê daqui a cinco anos?**

*Eu me vejo daqui a 5 anos, assim me vejo com essa chácara mais bem aparelhada, com água encanada. Com uma cerca viva, maior plantio nos três hectares, geralmente isso que eles dão pra gente. A gente vai de 2 à três hectares, eu os quero todos cheios de pé de banana. Fazendo pós graduação em História e Arte.*

Tabela 2: Assentada Manu Camile Gomes

	Fragmento	Categoria de Análise	Análise
<b>Porque a Sr<sup>a</sup> se tornou assentada?</b>	[...] Então eu resolvi, queria ficar assentada quando tivesse a oportunidade de pegar uma terra [...]	Empoderamento	Visão de que o acesso à terra é um direito e que por isso para garantir seu futuro enquanto cidadã necessita de um espaço para assegurar a reprodução familiar.
<b>Como é a divisão das tarefas domésticas da Sr<sup>a</sup>? Ou a Sr<sup>a</sup> faz tudo sozinha?</b>	Na vida doméstica faço tudo sozinha, aqui não tem divisão, só tem eu, os gatos, as galinhas e as cachorras, porque como eles são bichos. Eu não deixo tarefa para eles. Então eu faço a limpeza da casa, lavo a churrasqueira, faço comida e como na hora que me apetece.	Condição de Vida	Por morar sozinha, então a assentada faz todas as atividades domésticas e laborais. Tanto para garantir o seu sustento assim como para manter organizada sua moradia.
<b>A Sr<sup>a</sup> já sofreu violência doméstica? Ou presenciou uma assentada que já sofreu aqui do Pequeno Willian?</b>	A nossa companheira A. F. S. de assentamento, já sofreu uma violência, foi horrível. Não sei se você sabe, mas ela foi, ela foi violentada pelo que é, o rapaz, o R. foi errado, foi muito tocante da parte dele, porque ele não é violento, ele foi violento e teve uma briga lá embaixo, já vi em outros assentamentos, aqui no Pequeno Willian foi só. Briga mesmo, violenta, de tirar os cabelos foi essa da companheira.	Relações de Gênero	Compreende que a violência ocorrida com a colega foi desnecessária e sem justificativa. A explanação é que vivemos em uma sociedade patriarcal em que ressalta as diferenças biológicas entre homens e mulheres e isso desencadeia as mais diferentes formas de violência contra a mulher.
<b>A Sr<sup>a</sup> sempre cultivou?</b>	Sempre. Sempre, desde que entrei para o movimento, foi uma das coisas que aprendi com o movimento foi o cultivo de horta, de estufa de flores. Já cultivei muita flor. Já vendi flores pra casamentos, angélicas para decoração de casamento.	Meio Ambiente/ Papéis Sociais	Relação com a terra tanto como paixão pessoal pelo cultivo assim como para comercialização. Por meio da entrada no movimento passou a se instrumentalizar com a terra enquanto provedora de recursos, geradora da vida e aprendizado.
<b>Como a Sr<sup>a</sup> enxerga a titularidade de terra no nome da Sr<sup>a</sup>?</b>	Enxergo a titularidade como se eu tivesse corrido numa maratona e alcançado a premiação. Que pra mim é isso.	Empoderamento	Entendimento que foi uma grande conquista ter conseguido um pedaço de terra, adquirida de forma legal, legítima garantido por meio da luta.
<b>Existe uma horta comunitária? Ou já existiu?</b>	Já existiu um a horta comunitária. Já existiu lá embaixo depois passou a ser PAES, que é o Programa de Plantio, também já participei, trabalhei até junto com o seu Guilhermando. Depois foi primeiro com o Gaspar, depois do Gaspar passou a ser do seu Guilhermando,	Papéis Sociais	Participação nas atividades comunitárias do assentamento. Para ajudar as companheiras em suas demandas e por ser um assentamento uma das características é a ajuda colaborativa e coletiva quando demandado.

<p><b>Como a Srª se vê daqui a cinco anos?</b></p>	<p>Eu me vejo daqui a 5 anos, assim me vejo com essa chácara mais bem aparelhada, com água encanada. Com uma cerca viva, maior plantio nos três hectares, geralmente isso que eles dão pra gente. A gente vai de 2 à três hectares, eu os quero todos cheios de pé de banana. Fazendo pós graduação em História e Arte.</p>	<p>Empoderamento</p>	<p>Planejamento Futuro, vontade de progredir com diversos projetos particulares em sua parcela para garantir seu sustento e sua qualidade de vida.</p>
--	---	----------------------	--

Fonte: Elaboração FERREIRA

### 3.4 Gustavina Alves da Silva

Figura 10: Gustavina Alves da Silva



Fonte: Trabalho de Campo. Elaboração FERREIRA

*Me chamo Gustavina Alves da Silva. Sou de Formosa do Rio Preto, Bahia. Tenho 53 anos. Estou a 43 anos em Brasília. Sou agricultora. Sou casada e tenho três filhos, eles não moram comigo.*

***Mas, a Sr<sup>a</sup> sempre trabalhou como agricultora?***

*Eu fiquei um tempo fora, trabalhei num centro social, mas isso faz muitos anos, né? Mas eu assim nasci na roça, né? Eu sai lá da Bahia, eu tinha o que, uns 10 anos, quando vi pra cá, pra Brasília. Minha mãe trouxe a gente, né? Aonde ela*

*nunca deveria ter trazido, né? Porque aquilo lá, era outro mundo, as vezes eu fico pensando, Meu Deus.*

**Como a Sr<sup>a</sup> chegou hoje no assentamento Pequeno Willian?**

Então Pequeno Willian, nós já viemos, como eu já te falei, nós eramos assentados lá no assentamento em Luziânia. Por problemas internos, que foram graves, nós preferimos sair, fizemos uma negociação com o Incra, né? A gente pedimos a transferência pra outro assentamento, na verdade. Só que é... se você for depender do Incra, ai era. A gente pediu transferência pra outros Estados, mas ai, foi tão enrolado que nunca saiu uma decisão, nunca saiu uma decisão e daí nós esperamos, esperamos, esperamos. Daí o Acássio, foi na direção nacional do movimento, né? No setor de produção ai o pessoal pediu para ele vim contribuir no Pequeno Willian, que tava lá na BR 020, lá nos Pinheiros, daí a gente esperamos ser assentado em outro lugar, falava assim que a gente não precisava, segundo o pessoal, voltar à condição de acampado, para pegar outra terra, que a gente já tinha passado por isso antes, né? Então assim, ai pra nós conseguirmos essa terra aqui de volta, surgiu uma vaga, ai o Acássio veio pro acampamento, veio contribuir ai, também eu vinha sempre, pra gente conseguir a terra, a gente teve

que vim pra cá, e acampar de novo.

**Quais as carências que você nesse processo de luta? As dificuldades?**

**Os desafios?**

*Durante esse processo de luta são muitas dificuldades. Dificuldades, cê vê a infraestrutura que, a água, nós passamos muita dificuldade por água, falta de água, energia elétrica, por exemplo, a gente comprava vela pra estudar, porque não tinha energia, então assim, tinha que ascender as velas à noite pra poder estudar o que tinha que estudar à noite, “ah, vai ter prova, vai ter trabalho, ah vai ter não sei o que”, a gente tinha que colocar várias velas em cima da mesa pra poder estudar, porque não tinha outra solução. Ai quando vinha a gente falava “vamos estudar hoje à tarde, beleza!”. Ai vinha aquela chuva forte, você tinha que fechar as portas, você tinha que fechar as portas de cima, de baixo, ai ficava escuro, ai você não podia estudar. Então assim, não tem internet, não tinha, não tem. A gente tinha muito dificuldade, foi muito difícil. Então a carência nessa questão da água, da energia, que a energia já foi resolvida, mas a água pra nós aqui agora tá resolvido, porque nós fizemos uma cisterna com 13 metros, mas nós sofremos, a gente pra trazer água lá debaixo pra cá, pra molhar alguma coisa, morreram quase todas, não resistiram por*

*falta de água. E saúde, falta de estrutura também nessa área de saúde, agora tem um postinho ali, agora ficou mais fácil, antes era mais difícil. Cê você tivesse se sentindo mal, podia ir lá que você era atendido, agora não, cê tem que marcar pra poder ser atendido. Porque assim, são várias dificuldades.*

Figura 11: Parcela Gustavina Alves da Silva



Fonte: Trabalho de Campo. Elaboração FERREIRA

*Aqui a gente não vai derrubar nenhum pé de árvore. Porque vamos trabalhar no sistema agroflorestal. Não vamos colocar trator aqui, nessa área, pra não degradar mais, e assim aqui a gente tá com uma dificuldade muito grande, não sabemos mais pra quem apelar mais. Talvez para São Pedro, que a secretária de agricultura, ou EMATER, coisa assim com relação à água que vem, desce lá, quando você subir, você vê, ela desce lá de cima e vem trazendo tudo, daqui uns dias vai ficar soterrado aqui. Por essa pista aqui do assentamento, a água vem lá de cima assim, não sei se você observou, o Acássio fez uns montes de terra, pegou uns capins, colocou, botou,*

*cê viu um banco de areia de terra, então assim então a gente tem muita dificuldade, no caso da água, por exemplo, a CAESB abriu o poço, tá toda feita a encanação do assentamento, só que eles não vêm aqui colocar a caixa d'agua pra liberar água pra ninguém. O caminhão pipa vem trazer a água ai, acho que agora vai ser difícil pro pessoal, ainda bem que tá chovendo, porque nessa época ele não consegue entrar ai. Mas faz muito tempo que a gente não pega água e ficou mais ou menos cinco ou seis meses, um período sem trazer água pra ninguém, ai depois apareceu. Ai eu falei “não, não quero mais” e o Acássio Falou “não, não quero mais”. Porque já tínhamos conseguido abrir o poço, a gente abriu ali e já tá tirando um pouco de água pro consumo, então cê não precisa mais trazer água não, é porque se a gente fosse depender deles e dessa água já teria morrido à muito tempo. É um descaso muito grande, ai você liga “ai não sei de nada”, “vou falar com fulano”, o outro fala “ vou falar com fulano”, ai o tempo vai passando. Então assim é falta de vontade. Então são essas as dificuldades que a gente passa aqui, e o medo agora, porque quando vem a chuva, chega a época da chuva e quando é a seca medo de fogo, porque o pessoal*

*coloca muito fogo.*

**Porque a Sr<sup>a</sup> se tornou assentada?**

*Eu me tornei assentada por vários fatores, principalmente eu gosto muito de estar com a natureza. Eu gosto de plantar, eu gosto muito de comer uma comida limpa, saudável, então eu sei que pra mim comer uma comida saudável eu tenho que produzir e também, estar em contato com a terra. Cuidar de tudo, cuidar do meio ambiente, de todas as formas de vida que existe, porque eu não mato nada, não mato nem uma galinha pra eu comer, então assim, são vários fatores, eu gosto realmente, gosto de viver no meio do mato, gosto de lidar com a terra e produzir, e quando eu penso em produzir uma comida limpa, não só pra mim, mas pra outras pessoas também, eu tenho essas coisas aqui, eu sempre ofereço pra alguém levar, as vezes o menino vem aqui e leva a sacola de folhas pra salada, que eu acho que é o mínimo que eu posso fazer. Não só pra mim, não só produzir pra mim, mas pro outros também.*

**Como foi a participação das mulheres durante esse processo de acampamento? Na mobilização?**

*A participação das mulheres durante o acampamento, vejo como normal, porque do jeitinho que os homens participam, as mulheres também participam, as que não*

*participam e porque realmente não quer. Porque a oportunidade é dada para todos. Quando tem qualquer coisa, qualquer manifestação, qualquer curso, pois tem muitos cursos é chamado todas as mulheres inclusive essa parte as mulheres aderem bem, mesmo essa parte de cursos.*

**O que que a Sr<sup>a</sup> planta e cultiva aqui no assentamento?**

*Nessa parcela aqui como é muito novo então não há muita coisa, já vai fazer um ano que nós entramos pra nossa parcela. Então assim é tudo muito novo, tá tudo muito recente. Eu não tô produzindo nada ainda pra vender. Porque como nós vamos trabalhar com os frutos do cerrado. Cada dia nós estamos descobrindo alguma coisa. Igual os murici, quando eu trabalhava como peã na Bahia. Então descobri que aqui tem muito. Então tem muito pequi, tem alguns pés, só que é mais pequeninho, então assim a gente vai cuidar, colher pra fazer licor, que eu acho que dá mais para fazer e ir produzindo por enquanto só mesmo pro consumo, até porque não saiu o licenciamento até hoje. Então ninguém tem licenciamento aqui pra abrir área. Só tão plantando lá no começo, porque tem os PAES, é onde que tinha, era só braquiária. Então foi a área que foi destinada à produção que era, acho que 17..senão me engano, não*

*tenho certeza, acho que 17 hectares. Então foi feito os PAES lá. Ai algumas pessoas ficaram trabalhando. Com os PAES, destinado para ficar no nome de algumas pessoas, as quais hoje são as mesmas pessoas dos PAES. Já foi direcionado mesmo para essas pessoas. Já foi escolhido o nome de quem ia, os PAES ficar, sabendo que essas pessoas seriam as donas dos PAES.*

**Como a Sr<sup>a</sup> vê e enxerga a titularidade de terra no nome da Sr<sup>a</sup>?**

*Eu acho assim essa questão da titularidade no nome da mulher, eu acho muito importante, assim eu achei legal, porque no meu caso eu não tenho problema, não teria problema e não tenho, porque muitas mulheres tem problema. Com essa questão de tá o título ser no nome do esposo, porque a mulher, tem mulher que ela não reage, ela aceita tudo e o esposo falar “eu vou vender”, “eu vou vender e pronto e acabou” e não fala nada, porque tem mulher que não pode nem abrir a boca, não fala nada. Então eu acho muito legal essa questão do título sair no nome da mulher. Porque é mais seguro pra ela, eu acho, eu acho que foi muito importante, isso aqui por exemplo os títulos aqui, quase todos são no nome das mulheres, 18. Mas lá no outro assentamento já era no meu nome. Então assim você vê é legal. E assim tem*

*homem que fala “a ela vai receber o título lá”.*

**Como sua mãe chegava a tratar as doenças ocasionais? Doenças esporádicas?**

*Olha... a minha avó, quando ela faleceu, eu era muito criança, eu não me lembro assim direito, mas com certeza lá era tudo assim, com remédios mesmo do mato, com ervas. Porque não tinha farmácia, não tinha hospital, não tinha nada. Agora me lembrar mesmo, eu não lembro.*

**A Sr<sup>a</sup> ainda tem contato com sua mãe?**

*Tenho, tenho. Eu vou sempre lá vê. Sempre que eu posso, vou visitá-la. Porque ela fará 90 anos no ano que vem. Em maio ela vai fazer 90 anos. Mas minha mãe assim, ela é muito lúcida. Você precisa de ver. Ela é lúcida..lúcida...só que agora ela tá muito velhinha. Né? Ela tá com problema pra andar. Minha mãe passeava muito, só queria saber de passear. Largou os filhos lá com a mãe dela e saiu pra lá. Mas é isso. Mas a minha tia ajudou a criar a gente.*

**Você reconhece que existe um sistema que limita suas liberdades, que te coloca determinados papéis? E se hoje ainda ocorre violência contra a mulher na sociedade, há um sistema por trás disso?**

*Eu acho assim de muito machismo. Muito machismo, porque senão houvesse tanto machismo, pois um homem bater em uma mulher, se achar no direito de bater em*

*uma mulher. Porque ele não pega e vai bater em outro homem? Não vai!. Eu conheci o esposo da minha cunhada, que ele era tão machista que ele ficava bravo quando ela cortava o cabelo, ela tinha que cortar o cabelo, as vezes ela pedia para eu cortar as pontas do cabelo dela, ela deixava amarrado, ai eu falava “porque?” “ai eu vou deixar assim pra ele não saber que eu cortei as pontas do cabelo”. É muito machismo é muito revoltante.*

*A minha irmã, ela, ela era muito nova, o cara era um maluco. Ele tinha tantos ciúmes dela que minha irmã não ia na casa de ninguém, eu era a mais nova. Então assim quando você é muito novo, você não se preocupa com essas coisas, você não tá nem ai. As vezes nem percebe, ai eu ia na casa dela, chegava lá ela ficava caladinha, ela nem conversava comigo, ela ficava quieta, eu acho que ela tinha medo, mas assim eu sempre conversei muito com ela, sempre que eu podia até que um dia, ai ele tava judiando dela, ela tem um filho que ele nasceu com problema de coração e ele é mudo. Ele é mudo, ela foi correr dele um dia e ela caiu, tava grávida e ai o menino nasceu com problema e com certeza foi dessa queda, então ela andava assustada e ai eu conversava, eu era bem nova, era uma*

menina, “separa desse cara, porque você tem que viver com ele?” e tal e tal. Até que um dia ela ligou pra mim e falou assim “você pode vir me buscar aqui?” ai eu falei “como assim?” “eu vou me separar dele”, “mas você tem certeza que você quer separar dele?” ela falou “vou”. Ai eu peguei e liguei pro meu irmão, porque meu irmão falava assim “eu não vou, eu sou homem, se eu for lá e ele falar alguma coisa comigo ai já vai ser diferente, cê entendeu?” Ai no dia que ela pediu pra eu ir buscar, eu liguei pro meu irmão, “então tá nós vamos”. Nós vamos. Ela morava lá na 3 da Ceilândia Norte. Numa casa de esquina. E falou assim “vou ficar aqui bem na beira da pista, vou ficar bem aqui.” ficava entre a 3 da Ceilândia, entre a Leste e Oeste, perto do Tatico. Mais pra trás. Ai eu falei “tá”, meu irmão falou “eu fico aqui esperando e você vai lá buscar ela” “se eu for lá e ele falar alguma coisa, vai ter problema então é melhor sair assim”. Ai eu fui lá, ai eu fui busquei ela e ela veio com duas crianças e deixou duas. Ai peguei e levei, depois pegou um táxi e fomos parar na rodoviária de Taguatinga, nessa época já tinha rodoviária. Ai pegamos um táxi para não dar tempo dele não vir atrás ou coisa assim. Ai fomos pegamos um táxi e de lá pegamos um ônibus pro Gama, passado

*uns dois dias ele foi baixar lá, ai eu disse “se ele chegar aqui, eu chamo a polícia” e realmente deu polícia, então assim depois disso ele perturbou bastante, mas nós falamos pra ela “se você voltar com ele, a gente lava as mãos, lava as mãos, você fica lá apanhando” ai ela separou realmente e hoje ela fala “eu não acredito como eu fui tão burra, como eu pude aguentar tanto tempo calada, quieta e não me separava dele”, ai ela deixou dois com ele e levou um, porque ela não tinha condição de ficar com os dois na mão, “então cê leve esse que tá maiorzinho e deixa lá com ele”, porque ele tem um lugar pra morar e fica com o pequeninho, ele tava com três meses eu acho. Ele pegou os meninos, o que que ele fez com os meninos? Ele pegou e foi num lugar chamado Aldeia SOS, mas é um lugar onde bota criança e ai ele colocou, porque pra ele conseguir a vaga ele falou que não tinha mãe, que ela tinha morrido. Então foi 11 anos a minha irmã tentando descobrir onde estava essas crianças, porque ele não falava. Foi anos e anos, até que ela conseguiu descobrir e os meninos já grande. Acho que era um orfanato, não pra adoção, eu acho que eles tem uma mãe, que eles falam, mãe social. Eles foram criados lá, o Aurélio, o Edimar e o Gilmar, que é esse mudo.*

*Depois eles tiraram o que era surdo, ai levou lá pra casa, mas enfim eu sei que a Maria pegou eles, pegou o Gilmar e depois que eles ficaram maior, foi pra casa da mãe. Ai depois que eles ficaram sabendo que tinha mãe, porque eles falavam que não tinham mãe. São esses tipos de coisa assim. Ela sofreu tanto. Eu falo assim com ela que foi um sofrimento, uma dor muito grande. Ele se sentia no direito. Porque pra mim, ninguém é dono de ninguém. Não é. Você pode viver com uma pessoa. Como casos que a gente já viu.*

**Como você avaliar a atuação do MST nessas questões? Violência da mulher, questões de gênero, eles falam muito?**

*Eles (MST) trabalham muito com essas questões de gênero, trabalha muito, muito mesmo. E assim totalmente contra. Por exemplo se tiver em um assentamento um homem que bate em mulher, essa pessoa tem que sair do assentamento, porque reuni todo mundo e retira ele de lá. Tem que fazer isso. Quando a gente fica sabendo, nós ficamos sabendo um tempo desse que tinha alguém aqui que tava meio violento com a mulher, já tava conversando e tal. Porque incluindo até as mulheres, porque isso não é aceitável. Isso ai é uma coisa assim muito trabalhado.*

**Como a Sr<sup>a</sup> se vê daqui a cinco anos?**

*Mais realizada, né? Tenho certeza que daqui a 5 anos, é...vai tá totalmente diferente, né? Com esse tempo que ficamos lá no acampamento, você pode passar por lá e vê que nós deixamos uma agrofloresta pronta, lá? Tem limão produzindo, manga produzindo, goiaba, então nós deixamos banana, abacate, graviola, sabe? Jaca. Tem tudo lá. Até um pé de atemoia eu deixei lá, porque não deu pra trazer pra cá, ia sofrer muito e passei pro chão. Então assim tem uma agrofloresta pronta. Então eu espero ter uma aqui também. Nós já estamos fazendo, então eu acho que daqui a uns 3, 5 anos com certeza vai tá produzindo, entendeu?. Espero já ter terminado minha casinha de bio construção, né? Porque estamos fazendo de taipa de mão, mas chegamos a conclusão que tem que esperar a próxima seca, porque já colocamos tudo por dentro, praticamente, mas não tem como a gente colocar varas por fora, porque a gente planejou assim, tirando a vara, coloca e vai enchendo. Só que dai chegamos à conclusão que a gente tira e vem uma chuva igual a de antes de ontem, que foi assim, foi assustador. Foi muito, muito forte. Ficamos preocupado, sabe? Mas Graças a Deus, colocou a mão aqui em cima, porque é muito frágil. Né? Mas assim eu*

*espero ver minha casa pronta, com umas frutas produzindo, um abacate, um enorme pé de abacate, limão, é.... tocã, goiaba, então já vai ter produzindo aqui também, com certeza cê você quiser voltar, daqui a cinco anos pra você vê, pode voltar. Se já vai ver eu produzindo.*

Tabela 3: Gustavina Alves da Silva

Pergunta	Fragmento	Categoria de Análise	Análise
<b>Quais as carências que você nesse processo de luta? As dificuldades? Os desafios?</b>	Durante esse processo de luta são muitas dificuldades. Dificuldades, cê vê a infraestrutura que, a água, nós passamos muita dificuldade por água, falta de água, energia elétrica, por exemplo, a gente comprava vela pra estudar, porque não tinha energia, então assim, tinha que ascender as velas à noite pra poder estudar o que tinha que estudar à noite, “ah, vai ter prova, vai ter trabalho, ah vai ter não sei o que”, a gente tinha que colocar várias velas em cima da mesa pra poder estudar, porque não tinha outra solução	Condições de Vida	As assentadas convivem diariamente com dificuldades estruturais para atender suas necessidades mais básicas. Por meio da solidariedade das companheiras de luta conseguem minimizar a falta de algum recurso, porém é temporário.
<b>Como a Sr<sup>a</sup> vê e enxerga a titularidade de terra no nome da Sr<sup>a</sup>?</b>	Eu acho assim essa questão da titularidade no nome da mulher, eu acho muito importante, assim eu achei legal, porque no meu caso eu não tenho problema, não teria problema e não tenho, porque muitas mulheres tem problema. Com essa questão de tá o título ser no nome do esposo, porque a mulher, tem mulher que ela não reage, ela aceita tudo e o esposo falar “eu vou vender”, “eu vou vender e pronto e acabou” e não fala nada, porque tem mulher que não pode nem abrir a boca, não fala nada. Então eu acho muito legal essa questão do título sair no nome da mulher. Porque é mais seguro pra ela, eu acho, eu acho que foi muito importante, isso aqui por exemplo os títulos aqui, quase todos são no nome das mulheres, 18.	Empoderamento /Relações de Gênero	Compreensão de que o nome da terra em seu nome é uma excelente conquista e lhe concede segurança perante uma relação abusiva e que além disso uma relação com o autoritária deixa a mulher e seus filhos em situação delicada frente a uma futura venda da terra.
<b>Porque a Sr<sup>a</sup> se tornou assentada?</b>	Eu me tornei assentada por vários fatores, principalmente eu gosto muito de estar com a natureza. Eu gosto de plantar, eu gosto muito de comer uma comida limpa, saudável, então eu sei que pra mim comer uma comida saudável eu tenho que produzir e também, estar em contato com a terra. Cuidar de tudo, cuidar do meio ambiente, de todas as formas de vida que existe, porque eu não mato nada, não mato nem uma galinha pra eu comer [...]	Papéis Sociais	Participação nas plantações caseiras, visto que para garantir uma alimentação saudável é necessário se atentar a forma de produção assim como pessoalmente gosta de conviver com a natureza.
<b>Quais as carências que você nesse processo de luta? As dificuldades? Os desafios? (desmembramento da 1<sup>a</sup> pergunta)</b>	[...] Aqui a gente não vai derrubar nenhum pé de árvore. Porque vamos trabalhar no sistema agroflorestal. Não vamos colocar trator aqui, nessa área, pra não degradar mais [...]	Meio Ambiente	Consciência Ambiental de que é necessário um uso consciente para não faltar futuramente e de que é possível coexistir seus plantios para fins medicinais e alimentares com a biodiversidade existente.
<b>Você reconhece que existe um sistema que limita suas liberdades, que te coloca determinados papéis? E se hoje ainda ocorre violência contra a mulher na sociedade, há um</b>	Eu acho assim de muito machismo. Muito machismo, porque senão houvesse tanto machismo, pois um homem bater em uma mulher, se achar no direito de bater em uma mulher. Porque ele não pega e vai bater em outro homem? Não vai!. Eu conheci o esposo da minha cunhada, que ele era tão machista que ele ficava bravo quando ela cortava o cabelo, ela tinha que cortar o cabelo, as vezes ela pedia para eu cortar as pontas do cabelo dela, ela deixava amarrado, ai eu falava “porque?”	Relações de Gênero	Percebe um sistema opressor que limita as liberdades das mulheres e baseado na sua experiência pessoal condena esses comportamentos machistas.

<b>sistema por trás disso?</b>	"ai eu vou deixar assim pra ele não saber que eu cortei as pontas do cabelo". É muito machismo é muito revoltante.		
<b>Como a Srª se vê daqui a cinco anos?</b>	Mais realizada, né? Tenho certeza que daqui a 5 anos, é...vai tá totalmente diferente, né? Com esse tempo que ficamos lá no acampamento, você pode passar por lá e vê que nós deixamos uma agrofloresta pronta, lá? Tem limão produzindo, manga produzindo, goiaba, então nós deixamos banana, abacate, graviola, sabe? Jaca. Tem tudo lá. Até um pé de atemoia eu deixei lá, porque não deu pra trazer pra cá, ia sofrer muito e passei pro chão. Então assim tem uma agrofloresta pronta.	Condições de Vida	Visão otimista e planejamento futuro para assegurar que possuirá boas condições para si, sua família e chegantes.

Fonte: Elaboração FERREIRA

### 3.5 Valdira Santos de Almeida

Figura 12: Valdira Santos de Almeida



Fonte: Trabalho de Campo. Elaboração FERREIRA

*Me chamo Valdira Sena Santos de Almeida. Sou da Bahia, Cariranha. Eu vou fazer 31 anos. 6 filhos. Casada. Aqui eu mexo com prantação, mais meu marido, ele mexe com horta, mexo com prantas, mexo com fibra de bananeira, porque eu faço artesanato.*

**Como a Sr<sup>a</sup> chegou aqui no Pequeno Willian?**

*Antes de chegar no Pequeno Willian, eu*

*já tenho três assentamentos que eu rodo com esse, com esse foram três assentamentos que eu moro. Antes eu morava, eu tinha largado o outro assentamento e vim embora para Sobradinho morar com minha irmã. Que no outro acampamento eu passava muita dificuldade com meus filhos lá. Meu marido não trabalhava e lá não tinha serviço pra ele e eu passava muita necessidade com menino lá. Tinha dia que nem sal pra fazer comida pra eles. Ai eu desisti, não aguentei e fui embora. Vim morar em Sobradinho I com minha irmã e fiquei morando com minha irmã e ai meu tio como mexe com ferro velho, essas coisas e anda pra tudo quanto é canto, ai ele descobriu esse assentamento que era ali perto da Nova Colina, indo pra Planaltina ali. Nós morava lá. Ai meu tio falou, ai meu tio chegou e falou pra mim que lá tava tendo esse sem terra. Ai ele falou pra mim que ia lá olhar se tinha vaga, ai ele até perguntou se eu queria ir, ai eu falei que “nem quero saber mais que existiu sem terra mais pra mim, tomei raiva de sem terra”, pelo sofrimento que eu passei, ai ele me adulo, me adulo até arrumar o caminhão no SLU pra me trazer, ai ele foi me adulando, adulando que eu acabei vindo mais ele. Ai quando nós ficou, nós chegou lá, era em 2008*

*parece. Foi em 2008, por ai. Antes de 2008. parece que foi em 2007. ai nós foi e fiquemo lá. Ai eu não sai mais. Ai logo quando foi pra gente vim embora cá ele desistiu. Ai eu acabei vindo mais meu esposo.*

**Que carência a Sr<sup>a</sup> sentiu durante essa luta pela terra? Dificuldades?**

*Durante essa luta foram muitas dificuldades, foi muita luta. Muita luta, pra gente conseguir foi muita luta, perdi meus filhos em ação. Quando tinha ação, tinha que ir. Ganhei muito gás com pimenta com meus filhos. Meu filho foi pegado pelas calças e jogado pro outro lado. Então foi muita luta, perdi meus filhos. Meus dois filho mais velho perdi na luta, ai depois de muito tempo que eu consegui arranjar eles. O povo arranjou. Então nós passou por muita dificuldade. Muita precisão das coisas, a gente acabou com nossas coisas, pra não morrer de fome, foi muita luta que eu passei.*

**Porque a Sr<sup>a</sup> se tornou assentada?**

*Para chegar até aqui enquanto assentada, eu porque assim a minha vida foi morando em fazenda, de caseira dos outros, porque a gente não paga aluguel. A gente não dava conta, e outra, pagar aluguel e eles não aceitam com um monte de menino. Porque eu só fui tendo meus filhos, então é muito difícil pagar aluguel e eu aguentei muita humilhação em casa de*

*sogra. Então a minha vida e a dele onde ele tava, onde arranjava chácara, fazenda pra gente morar e de caseiro, eu sempre morei, então eu fui acostumando e também na Bahia também, a gente só mexia com roça, então já era acostumada em mexer com roça, já com prantação, essas coisas já era acostumada.*

***Srª possui contato com sua mãe?***

*Sim! Tenho contato com minha mãe e ela mora em Sobradinho I, nas casinhas do governo, ela ganhou as casinhas do governo e meu pai mora aqui na Estância. Porque eles dois são separado.*

***Como é a divisão das tarefas domésticas?***

*Aqui nas tarefas domésticas aqui não tem essas frescuras não. Aqui meus filhos ajuda, meu marido. Sempre que eu preciso, quando eu tô no sufoco, eles me ajuda. Então não tenho que reclamar deles não.*

***O que a Srª consegue plantar e cultiva aqui do assentamento? Na sua parcela?***

*Aqui a gente planta mandioca, dá bem batata doce dá bem aqui. Assim a única coisa que não dá muito bem aqui é o tomate meio grande, mas o cereja dá bem. É pepino também nunca plantei pepino, mas tem gente ai que plantou e não deu certo também não. Mas o resto tudo pega, tudo a gente prantando vai pra frente.*

Figura 13: Parcela Valdira Santos de Almeida



Fonte: Trabalho de Campo. Elaboração FERREIRA

***Sempre cultivou, sempre fez roçado sua vida toda?***

*Não, na Bahia a gente mexia com prantação, né? Mas assim, onde eu vou em qualquer fazenda, eu morava de caseiro sempre a gente sempre tinha a horta. Sempre mexi com minha horta e com minhas prantas. Né? Apenas eu tinha minhas prantas. Falei pro meu marido “só vou se levar minhas prantas”. Um caminhão de mudança e caminhão de pranta que veio, né?*

***Quais sementes que a Sr<sup>a</sup> cultiva?***

*De sementes a gente pranta couve, alface, pimenta, pé de pimenta, tomatinho cereja, a gente pranta também pimentão a gente já tá prantando. É cheiro verde, essas coisas, beterrafa, cenoura, tudo a gente pranta.*

***Você sempre fez cursos, né?***

*Eu sempre fiz curso. Desde que eu mudei pro assentamento. Eu sempre fiz curso. E mais aqui, porque aqui a gente, antes pra ir pra fora, nos outros assentamentos não tinha esse monte de cursos que tem aqui no assentamento, que hoje a gente tá*

*tendo a oportunidade de ter, a gente não tinha no outro assentamento, nós não tinha não. Ai nesse aqui depois que a gente mudou pra cá, que a EMATER entrou pra ajudar nós. Que eu agradeço muito a EMATER, ajudou bastante nós, depois que ela entrou ai meu filho, só foi, ajudou bastante.*

**Seus filhos pretendem seguir seu caminho? Todos eles tem esse interesse em continuar?**

*Meu filho ajuda na produção, mas assim ele não é muito chegado não. Eles preferem trabalhar pros outros do que trabalhar aqui. Eles ajuda, eu não falo que não ajuda. Ajuda a plantar as mandiocas, ajuda a prantar as coisas. Mas eles gostam de ter um futuro. Então que mexe mesmo na terra sou eu mais meu esposo.*

**Já houve horta comunitária aqui?**

*Já teve horta comunitária. Ali mesmo nos PAES, que era no coletivo, ai depois que o PAES mudou que cada um foi para sua parcela, mas até hoje, no coletivo. No coletivo não quando era o PAES lá ai meu esposo deu para o outro vizinho, como o vizinho mora lá em cima e não tem como ele prantar lá em cima ai ele deu a área lá no fundo pra ele prantar, porque lá onde eles mora não tem como prantar. Enquanto eles não liberar, pra desmatar um pouquinho. Ai não tem como trabalhar lá não.*

**Como a Sr<sup>a</sup> vê a titularidade da terra no nome da Sr<sup>a</sup>?**

*O título no meu nome muito bom. Antigamente era tudo pro homem, no nome dos homem. Agora eu achei muito bom. No nome das muié. Então é uma coisa assim que não tem como o homem largar e querer tomar tudo. Ele tem parte também. E eu tenho minha parte também e então isso é muito bom, eu achei muito bom, essa lei que teve.*

**Você reconhece que existe um sistema ideológico que limita suas liberdades? Que coloca você em terminados espaços? Que mulher não pode isso, homem pode aquilo. Você reconhece que há um sistema?**

*Aqui é assim, ele resolve o que tem que resolver e eu resolvo o que tenho que resolver. Aqui não tem essas frescuras não. Tem vez que ele sai pra onde ele quer. Eu saio e vou pra onde eu quero. E resolvo minhas coisas. Ele também. Não tem essas frescuras aqui em casa não. Eu faço meu curso, eu estudo e ele não importa. Eu passo a semana todinha fora ai eu só chegou de noite e acordo de manhã e saio. Então ele ajuda dentro de casa, ele não importa com isso não.*

**E como você vê a atuação do MST nessas questões de gênero? Ele é atuante e comenta sobre a não violência contra a mulher, que a mulher deve ser respeitada? Eles atuam?**

*Tem, eu já assisti muito palestra sobre isso aqui dentro. Então aqui tem. Do MST eu acho muito bom isso ai. Sim. Então é isso. Muito obrigado.*

**Como a Sr<sup>a</sup> se vê daqui a 5 anos?**

*Eu me vejo daqui a 5 anos com muitas coisas. Meu sonho é ter minha casa, com minhas coisas tudo dentro e ter minha parcela formada. Esse é meu sonho, é ter minhas vaquinhas pra tirar um leitinho, galinha eu já tenho um monte. Porque toda minha mexi com galinha também. Aonde eu vou, mexo com galinha. Então é ter muito futuro, bem pra frente que quero ter.*

Tabela 4: Valdira Santos de Almeida

	Fragmento	Categoria de Análise	Análise
<b>Como a Sr<sup>a</sup> chegou aqui no Pequeno Willian?</b>	Antes de chegar no Pequeno Willian, eu já tenho três assentamentos que eu rodo com esse, com esse foram três assentamentos que eu moro. Antes eu morava, eu tinha largado o outro assentamento e vim embora para Sobradinho morar com minha irmã. Que no outro acampamento eu passava muita dificuldade com meus filhos lá. Meu marido não trabalhava e lá não tinha serviço pra ele e eu passava muita necessidade com menino lá. Tinha dia que nem sal pra fazer comida pra eles.	Condições de Vida	Compreensão que a vivência e as experiências na luta pela terra também abrangem limitações no acesso ao mais básico para prover sustento para a própria família.
<b>Como é a divisão das tarefas domésticas?</b>	Aqui nas tarefas domésticas aqui não tem essas frescuras não. Aqui meus filhos ajuda, meu marido. Sempre que eu preciso, quando eu tô no sufoco, eles me ajuda. Então não tenho que reclamar deles não.	Relações de Gênero	Todos os integrantes da família cooperam com as atividades do lar.
<b>Você sempre fez cursos, né?</b>	Eu sempre fiz curso. Desde que eu mudei pro assentamento. Eu sempre fiz curso. E mais aqui, porque aqui a gente, antes pra ir pra fora, nos outros assentamentos não tinha esse monte de cursos que tem aqui no assentamento, que hoje a gente tá tendo a oportunidade de ter, a gente não tinha no outro assentamento, nós não tinha não.	Empoderamento	Por meio de capacitações as assentadas adquirem conhecimento formal e se instrumentalizam sobre alguma atividade produtiva que as garanta renda e maior autonomia produtiva.
<b>Sempre cultivou, sempre fez roçado sua vida toda?</b>	Não, na Bahia a gente mexia com prantação, né? Mas assim, onde eu vou em qualquer fazenda, eu morava de caseiro sempre a gente sempre tinha a horta. Sempre mexi com minha horta e com minhas prantas. Né? Apenas eu tinha minhas prantas. Falei pro meu marido "só vou se levar minhas prantas". Um caminhão de mudança e caminhão de pranta que veio, né?	Papéis Sociais	Em paralelo com a luta pela terra há um vínculo com os quintais verdes onde a assentada cultiva ervas medicinais, plantas decorativas e uma horta particular.

Fonte: Elaboração FERREIRA

### 3.6 Zuleide Laurindo de Souza

Figura 14: Zuleide Laurindo de Souza



Fonte: Trabalho de Campo. Elaboração FERREIRA

*Me chamo Zuleide Laurindo de Souza. Sou do Ceará, nasci em Mombaça. Tenho 69. Sempre trabalhei. Tem 30 anos que trabalho com artesanato. Tenho 7 anos. Tem três netos também que foi eu que cuidei, criei posso dizer. Então ao todo são 10 filhos. Sou divorciada.*

**Como a Sr<sup>a</sup> chegou no assentamento Pequeno Willian?**

*Eu morava ali na Estância e um amigo da gente me chamou pra ir ali, na Toca da Raposa. E com três meses a gente conseguiu um pedaço de terra pra plantar. Porque eu sempre tive vontade*

*de ter minha terra e plantar. Então eu aceitei o convite dessa Senhora e fui pra lá, eu fiquei um tempão lá, depois da dali a gente foi pros pinheiros e dali dos pinheiros, então a gente veio pra cá. Até demorou 10 anos, mais de 10 anos e eu sai com 3 meses. Ai demorou mais de 10 anos.*

**Que carências a Sr<sup>a</sup> sofreu nessa trajetória de luta?**

*Muita carência, porque quando a gente mora assim no acampamento, a gente não tem muita chance pra tá saindo pra trabalhar e como eu tenho, tinha essa família, as vezes minha filha ficava doente, passando mal, porque eu tenho duas filha, que uma tinha, tem um problema de epilepsia e eu tenho que cuidar dela, sempre eu cuido dela. laí tinha uma dificuldade muito grande, porque as pessoas não aceitavam, mas como eu queria ter minha terra, porque eu nasci na roça e me criei na roça e eu queria muito ter a minha terra, ai eu ia e ficava um pouco lá com minha filha e cuidava dela e depois voltava, enquanto não chegava, eles pegavam e tirava meu nome. Ai eu ficava naquele sofrimento, chorando, porque poxa não sabe da dificuldade que a gente enfrentava, eu, mulher sem marido, meu ex-marido me deixou e nunca deu nada de pensão. Eu sempre tive que trabalhar pra ajudar os*

*filhos, sustentar os filhos. E tinha gente que era assim do meu lado e me ajudava ai eu voltava de novo, ai eu ficava, passava três, quatro dias ali e depois eu ia, pra resolver problema dos meus filhos, a menina doente, porque eram duas filhas que tinha problema, sofri demais com essa menina, uma delas. As vezes eu não podia ver um carro passando, que eu já imaginava que era notícia ruim. Porque ela tomava os comprimidos e enchia a mão de comprimido e tomava.*

***E podia encher a mão?***

*Uai, era por causa que ela tava com problema na cabeça, sei lá ela teve internada numa clínica, ai sabe? E eu enfrentando isso tudo e ainda na terra, ali e pra ali e ia pra lá. Ia pra li e ia pra lá e ficava naquela luta, maior sofrimento. Sofri demais pra conseguir esse pedaço de terra. Mas ai um dia, eu conversando com o Gaspar, ai o Gaspar falou assim “olha, vou falar uma coisa pra você, quando você for assim, você pega um atestado e trás, porque ai acaba todos os problemas”. Eles me tiravam sempre que eu ia cuidar dela, eles me tiravam. Teve um dia que eu cheguei lá no Pronto Socorro lá da Ceilândia, ela tava morta encima da cama, toda inchada, inchada. Eles me avisaram, ai eu peguei e sai doida, chorando e ela lá deitada morta,*

*quase morta. Inchada, tudo inchado. Ai eu voltei fiquei lá fora, chorando, porque era minha filha mais nova e tava dando esse problema. Mas ai depois eles passaram a me atender lá, então eu acho que essa foi uma carência muito grande na vida. Porque eu queria a terra e tinha que cuidar dos filhos, nessa situação.*

**Porque a Sr<sup>a</sup> se tornou assentada?**

*Porque eu gosto de terra, sempre gostei de terra. Trabalhei na roça a vida toda. Nunca a gente conseguiu nada porque era terra dos outros, né?*

**Em algum momento a Sr<sup>a</sup> presenciou algum tipo de abuso ou assédio entre os assentados ou do seu parceiro? Violência?**

*Houve uma vez que eu fiquei bem chateada e essa vez eu fui parar no pronto socorro de Sobradinho. Porque tem esse negócio da gente tirar guarda, iai da sexta pro sábado não trabalhava, porque sou adventista e eu não trabalhava. Ai vieram para eu tirar guarda na sexta-feira. Ai eu falei que eu não ia tirar porque não trabalhava da sexta pro sábado eu não trabalhava, porque é sábado. Ai a pessoa que tava lá fazendo falou assim pra outra mulher. “oh...pode tirar o ponto dela e tira o ponto, ela não vai trabalhar então põe falta aí”. Ai eu fiquei muito chateada, nossa eu fiquei tão chateada que dali pra frente, daquela hora em diante, num sábado eu fiquei*

*passando mal, ai eu fui procurar uma pessoa. O que fazer? Porque se tirasse, tivesse falta a gente tinha que repor, ajeitar porque a gente não podia. Ai a pessoa falou “não sei o que vocês vão fazer, porque adventista aqui da agora pra frente vai ter que trabalhar no sábado”. Ai de lá eu só virei as costas e fui chorando pra minha casa, chorando no meio do caminho em diante, eu comecei a ficar toda dormente, ai me levaram pro pronto socorro. Uma pessoa me viu chorando, toda dormente e me levaram pro pronto socorro. Quando chegou lá no Pronto Socorro, eles aplicaram soro em mim, era derramando, não era pingando não. Porque geralmente o soro é pingando, ai derramando, derramando, ai eu toda dormente. Ai olhava assim, e a moça falava “oh, fica tranquila, porque você tá precisando disso ai, tá, não fique mais nervosa não”? Ai eu lá nervosa e chorando, toda dormente,. Eu não sei, Me derem uma coisa que eu não sei o que que é. Senão tivessem me levado, mas graças a Deus, eu tomei três pacotinhos de soro, derramando. Ai o quarto foi pingando. Ai isso ai me marcou muito, fiquei muito chateada com isso ai. Mas ai a pessoa que tava lá comigo, cuidou direitinho de mim, terminou, me levaram pra casa, pra lá...né? Ai ligaram pra*

*minha família, mandaram vir me pegar e eu fiquei uns dias lá pra descansar. Fiquei péssima, quase que eu morri, foi só isso ai o problema maior que eu tive nesse acampamento, porque lá ainda era acampamento. Daí pra frente também as coisas melhoraram 100% pra mim. Porque as pessoas viram que eu tenho problema de saúde, sério, mas eu procuro as vezes me controlar, porque eu não posso fazer conta, eu não posso. Não posso sofrer nervoso, raiva, pessoa que me fizer raiva pode saber que vai ser ruim pra mim, porque eu passo muito mal. Graças a Deus que deu tudo certo. Já tô com os trens da minha terra. Estou feliz.*

**Como é a divisão das suas tarefas domésticas aqui da sua parcela?**

*Aqui na minha parcela eu procuro plantar árvore e os meus filhos é que fazem as plantações, porque eu não dou conta de fazer. Então eu tenho dois filhos que vem sempre cuidar daqui. Capinar ali, deixar tudo limpo aqui em volta. Tão fazendo aquela casa lá atrás. Ai eles dois que fazem as benfeitorias aqui. Vão plantar o pomar. E a outra vai plantar a mandioca que eu vou receber. Então eles que vão fazer. Eles vem no final de semana, porque mora na Ceilândia então não dá para mexer aqui, mas é esses dois. Lavagem de roupa é com minha filha, minha filha lava roupa lá e cuidar desse*

*aqui (pestinha) sou eu quer cuidado. Porque a minha filha que eu adotei, A mãe dele (apontando pra criança), ela mora no Paraná, ela tem outro menino. Ela levou um e deixou o outro. Ai eu cuida desse e ela cuida do outro. E alimentação a gente vai sobrevivendo aqui com artesanato, uma coisinha. É assim. Tenho uma família que trabalha ai e sempre ela me dá uma ajuda. E a gente vai levando.*

Figura 15: Parcela Zuleide Laurindo de Souza



Fonte: Trabalho de Campo. Elaboração FERREIRA

***Mas em termos de atividades domésticas, alimentação, cuidar de criança, lavagem de roupa?***

*Lavagem de roupa é com minha filha, minha filha lava roupa lá e cuidar desse aqui (pestinha) sou eu quer cuidado. Porque a minha filha que eu adotei, né? A mãe dele (apontando pra criança), ela mora no Paraná, ela tem outro menino. Ela levou um e deixou o outro. Ai eu cuida desse e ela cuida do outro. E alimentação a gente vai sobrevivendo aqui com artesanato, uma coisinha. É assim. Tenho uma família que trabalha ai e sempre ela me dá uma ajuda. E a gente vai levando.*

***A Sr<sup>a</sup> sempre cultivou isso a sua vida toda?***

*Sim, desde sempre. Porque sempre morei em roça. Eu trabalhava na inchada junto com meu pai. Sempre cultivava, colhia, plantava. Nesse momento tô plantando quiabo, abóbora, frutas. Tá plantando aqui do jeito que pode. As sementes que tenho são milho, abóbora, melancia quanto tem, semente de girassol, essas coisas assim.*

***A srª reconhece que há um sistema e limita suas liberdades, que coloca a Srª em determinados espaços (em casa, na cozinha, lavando roupa) a Srª reconhece isso? (por exemplo, as mulheres ficam em casa com as atividades domésticas e homens não participam), vamos supor: eles tão lá trabalhando, A Srª lava roupa, a senhora cuida das crianças, faz a comida, colocar as criança para dormir. E ele não participa tanto assim. E há caso de homens que agridem as suas mulheres, né?***

*assim meu ex-marido não ajudava assim, ele tinha os filhos, eu que tive que cuidar de casa, fazer comida, fazer tudo de casa, ele achava que eu tinha que trabalhar, só e pronto. Mas me ajudar, não.*

***Nessas questões de violência de gênero, o MST é atuante? Ele trabalha em oficinas? capacitação?***

*Nessas questões de gênero, nossa aqui eles nos ensinaram a gente, que aqui o homem trabalha e a mulher também. Os dois. Não pode ser só um. Se o homem tá ali plantando, a mulher pode tá lá também plantando. Fazendo as coisas. Eu aprendi muita coisa boa. Porque antes eu não sabia dessas coisas.*

**Como a sr<sup>a</sup> vê a titularidade da terra em seu nome? Essa parcela?**

*Era uma coisa que eu queria muito. Então eu sou uma pessoa assim que uma das coisas me faz muito feliz, muito mesmo. Viu? Porque quando eu era assim mais nova não era assim, e agora nessa idade eu agradeço a Deus, todo dia. Sabe? Porque Deus me deu isso aqui pra mim, eu acho isso aqui a maior riqueza que eu consegui na minha vida. Eu abro essa porta aqui e saio aqui fora, agradecendo a Deus, não é pra qualquer um.*

**Como a Sr<sup>a</sup> se vê daqui a 5 anos?**

*Me vejo daqui a 5 anos, pedindo a Deus proteção, vê a produção daqui, meus filhos vão plantar o pomar, plantar as coisas, eu tô ajudando no que eu posso. Porque não posso fazer muita coisa. Em 5 a gente quer tá bem. Se Deus quiser.*

Tabela 5: Zuleide Laurindo de Souza

Pergunta	Fragmento	Categoria de Análise	Análise
<b>Que carências a Sr<sup>a</sup> sofreu nessa trajetória de luta?</b>	Muita carência, porque quando a gente mora assim no acampamento, a gente não tem muita chance pra tá saindo pra trabalhar e como eu tenho, tinha essa família, as vezes minha filha ficava doente, passando mal, porque eu tenho duas filha, que uma tinha, tem um problema de epilepsia e eu tenho que cuidar dela, sempre eu cuido dela.	Condição de Vida	Morando em um acampamento a assentada cuidava de uma filha com estado de saúde delicado dificultando o acesso ao mercado de trabalho.
<b>Porque a Sr<sup>a</sup> se tornou assentada?</b>	Porque eu gosto de terra, sempre gostei de terra. Trabalhei na roça a vida toda. Nunca a gente conseguiu nada porque era terra dos outros, né?	Papéis Sociais	Existe uma relação com a terra, tanto pela luta para possuí-la no seu nome assim como para cultivar uma horta pessoal.
<b>Como é a divisão das suas tarefas domésticas aqui da sua parcela?</b>	Aqui na minha parcela eu procuro plantar árvore e os meus filhos é que fazem as plantações, porque eu não dou conta de fazer. [...] Lavagem de roupa é com minha filha, minha filha lava roupa lá e cuidar desse aqui (pestinha) sou eu que cuido.	Relações de Gênero	A assentada possui limitações físicas e por isso conta com a ajuda dos filhos para algumas atividades domésticas, enquanto isso obtêm uma renda com artesanato
<b><i>A sr<sup>a</sup> reconhece que há um sistema e limita suas liberdades, que coloca a Sr<sup>a</sup> em determinados espaços (em casa, na cozinha, lavando roupa) a Sr<sup>a</sup> reconhece isso? (por exemplo, as mulheres ficam em casa com as atividades domésticas e homens não participam), vamos supor: eles tão lá trabalhando, A Sr<sup>a</sup> lava roupa, a senhora cuida das crianças, faz a comida, colocar as criança para dormir.</i></b>	[...] e assim meu ex-marido não ajudava assim, ele tinha os filhos, eu que tive que cuidar de casa, fazer comida, fazer tudo de casa, ele achava que eu tinha que trabalhar, só e pronto.	Relações de Gênero	A entrevistada convivia diariamente quando estava casada com uma relação em que vivia uma dupla jornada de trabalho e sofria violência por parte do seu ex-companheiro
<b><i>A Sr<sup>a</sup> sempre cultivou isso a sua vida toda?</i></b>	Porque sempre morei em roça. Eu trabalhava na inchada junto com meu pai. Sempre cultivava, colhia, plantava.	Conhecimentos Tradicionais	Ao longo da vida enquanto vivia no campo a assentada sempre conviveu com o roçado enquanto prática diária

Fonte: Elaboração FERREIRA

Tabela 6: Quadro resumo da análise funcional descritiva	
Categorias	Indicadores
Empoderamento	Auto Estima, grupos produtivos, acesso à política pública, titularidade da terra, formação acadêmica, participação nos espaços de discussão
Conhecimentos Tradicionais	Ervas medicinais, sementes crioulas, chás, manejo dos recursos naturais, artesanato com fibra de bananeira
Papéis Sociais	Agricultora familiar rural, cultivo agroecológico e agroflorestal
Relações de Gênero/Divisão Sexual	Violência, machismo, divisão das tarefas domésticas, jornada (dupla, ou tripla)
Meio Ambiente	Acesso e Manejo dos recursos naturais, conservação, agroecologia
Condições de Vida	Dificuldades no acesso à água e saúde de qualidade,

Fonte: Elaboração FERREIRA

Das categorias utilizadas para filtragem das falas das assentadas as que mais se destacaram foram as de relações de gênero, condição de vida e empoderamento. As relações de Gênero estão marcadas tanto pela violência que algumas presenciaram bem como sentiram na sua trajetória de vida, por outro lado algumas delas não experimentaram vivência tão dolorosa em suas vidas e por isso tem uma relação pacífica com seus companheiros. Em condições de vida temos o retrato da realidade deficitária percebida por elas, no acesso à recursos para atender as necessidades mais básicas assim como da concentração das atividades domésticas e laborais em apenas uma pessoa, comprometendo seu bem estar. Por fim o empoderamento que caracterizou-se pelo acesso à uma formação acadêmica ou a ao movimento de trabalhadoras e trabalhadores rurais que as permitiu aperfeiçoar-se enquanto cidadãs de direito, desencadeando grupos produtivos de artesanato além da maior participação delas nos espaços de discussão comunitária.

### **3.7 As relações de Gênero no Pequeno Willian**

Os papéis desiguais de gênero afetam e condicionam as relações sociais entre homens e mulheres baseando-se em características físicas de ambos os sexos, os afetando desproporcionalmente nos espaços públicos e privados, comprometendo o acesso à bens e serviços, inserção no mercado de trabalho, dificuldades em acesso aos recursos naturais (RUA; ABRAMOVAY, 2000).

O conceito de gênero, surgido no interior da teoria feminista, se constitui como um instrumento de análise e luta para romper com uma visão que naturaliza as relações estabelecidas entre os distintos sexos a partir de explicações de natureza biológica, nas quais as diferenças são usadas para justificar atitudes desiguais e opressoras nas relações entre mulheres e homens (SCHWENDLER, 2009).

O ser homem e ser mulher na sociedade é percebido e aplicado das várias maneiras, ou seja o processo de educação em que somos submetidos ao longo da nossa infância e adolescência nos molda assim como os papéis sociais que desempenharemos como homem ou mulher.

Os seres humanos nascem machos ou fêmeas. É através da educação que

recebem que se tornam homens e mulheres. A identidade social é, portanto, socialmente construída. Se, diferentemente das mulheres de certas tribos indígenas, a mulher moderna tem seus filhos geralmente em hospitais, observa determinadas proibições, é porque a sociedade brasileira de hoje construiu dessa forma a maternidade (SAFFIOTI, 1987:10).

Para SCOTT (1995), o gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres.

Os papéis sociais instituídos ao longo da história definiram os espaços a serem ocupados pelos sexos na sociedade. O espaço privado e essencialmente feminino em que é requerido o cuidado, o carinho nas atividades domésticas, entretanto mais concentrado e o público em que é assumido pelo homem o papel de provedor, isentando-o das atribuições do lar.

[...] a manutenção de um modelo de família patriarcal, segundo o qual cabem às mulheres as responsabilidades domésticas e socializadoras, bem como a persistência de uma identidade construída em torno do mundo doméstico, condicionam a participação feminina no mercado de trabalho a outros fatores além daqueles que se referem à sua qualificação e à oferta de emprego, como no caso dos homens (BRUSCHINI, 2000:04).

Essa relação é percebida entre ambos os sexos por meio de uma perspectiva hierarquizada, uma relação de poder do homem sobre a mulher em diversos espaços e situações

[...] nas sociedades ocidentais, como a brasileira, predominam relações de gênero assimétricas e hierárquicas, que se expressam em posições desiguais ocupadas por homens e mulheres tanto na esfera da produção quanto no âmbito privado das relações familiares. Apesar das transformações do mundo moderno, ainda hoje destinam-se às mulheres sobretudo as atividades reprodutivas, como os cuidados com a casa e a família, enquanto aos homens cabe o papel de provedor desse grupo. Estas condições diferenciadas por gênero são apropriadas pelo mercado de trabalho, determinam que homens e mulheres ocupem nele lugares diferentes e hierarquicamente determinados e favorecem a ocorrência de mecanismos discriminadores em relação às mulheres, que se expressam tanto no acesso ao trabalho, quanto na posição ocupada e na qualidade do trabalho realizado (BRUSCHINI, 1998:38).

A centralidade de atividades domésticas realizadas pelas mulheres toma a maior parte da sua força vital, não permitindo-as de participar da vida pública, ou seja novos espaços a serem ocupados por elas em busca de discussões, reivindicações e melhorias. Isso comprometeu o acesso às políticas públicas como creches, melhores remunerações e maior inserção no mercado de trabalho.

A constante necessidade de articular papéis familiares e profissionais limita a disponibilidade das mulheres para o trabalho, que depende de uma complexa combinação de características pessoais e familiares, como o estado conjugal e a presença de filhos, associados à idade e à escolaridade da trabalhadora, assim como a características do grupo familiar, como o ciclo de vida e a estrutura familiar. Fatores como esses afetam a participação feminina, mas não a masculina, no mercado de trabalho (BRUSCHINI, 2000:04).

No meio rural, precisamente nos assentamentos, e principalmente no Pequeno Willian apesar dos acessos aos serviços públicos como educação e saúde mesmo que deficientes, muitos deles ainda atuam reproduzindo as inequidades de gênero:

[...] a escolaridade parece uma condição necessária, mas não suficiente, para transformar as relações de gênero nos assentamentos rurais é possível sugerir que isso ocorra porque (a) também nos assentamentos rurais o sistema escolar reproduz as inequidades de gênero que organizam a estrutura escolar e cultural como um todo; e (b) a educação formal pouco tem enfatizado o desenvolvimento humano, privilegiando, em lugar disso, a preparação dos indivíduos para o mercado de trabalho (RUA; ABRAMOVAY, 2000:70).

Questionamentos devem ser feitos a esse modelo que privilegia esses papéis sociais assentados na lógica patriarcal, pois ainda persiste tanto no urbano como rural cerceamento das liberdades femininas, principalmente no acesso à capacitação profissional. Ao concentrar atividades taxativamente femininas, isso as priva de maiores conquistas e no meio rural isso é um verdadeiro desafio.

No Pequeno Willian temos dois perfis de assentadas, aquelas que por morarem sozinhas concentram todas as atividades da parcela, e do outro lado aquelas que vivem com seus companheiros, aquelas que possuem parceiros veem com bons olhos as atuações deles dentro de casa, no cuidado com os filhos, na manutenção da parcela ou quando questionadas a respeito da divisão das tarefas domésticas

*é excelente. Se eu falar “hoje não tô afim de fazer comida” “ah você faz comida.”, “não, eu faço”. ele me ajuda a lavar roupa, tem dia que ele lava a louça, entendeu? Porque eu tenho muita dor no braço, até. Mas ele me ajuda, aqui é direitos iguais. Não tem esse problema. Graças à Deus. É tranquilo. Eu falo para ele que ele é o melhor marido do mundo. Porque se todos fossem igual ele. As mulheres seriam muito felizes. Né? Porque, não teria violência. Seria maravilhoso (Gustavina Alves da Silva, Mãe, 3 filhos, casada, 43).*

e se até mesmo os filhos ajudam para aliviar o excesso de trabalhos

*Aqui não tem essas frescuras não. Aqui meus filhos ajuda, meu marido, né? Sempre que eu preciso, quando eu tô no sufoco, eles me ajuda. Então não tenho que reclamar deles não (Valdira Sena Santos de Almeida, Mãe, 6 filhos, casada, 30).*

Não é possível discutir gênero sem que levemos em consideração sistemas hegemônicos principalmente econômico-sociais que regem as relações humanas, influenciam culturalmente a forma como vemos o outro e até mesmo nós mesmos. Esses sistemas dentre eles o capitalismo que visa o lucro, se apropria da força de trabalho dos subordinados com o intuito de geração de lucro, o empregado acredita que ao ser pago pela sua força de trabalho, essa relação é benéfica e justa, no entanto sua condição é de explorado não se beneficiando pelos lucros crescentes dos seus empregadores e da qualidade de vida que almeja.

O capitalismo enquanto sistema de produção está datado do século XVI, quando a concentração das riquezas em poucas mãos permitiu a esta minoria pagar salários para que os pobres produzissem quantidades cada vez maiores de mercadorias. Mercadores são bens e serviços que se vendem no mercado. Com o regime de salariedade, a própria forma de trabalho (energias físicas e mentais utilizadas na atividade trabalho) passou a ser uma mercadoria. Os não-proprietários dos meios de produção vendem sua força de trabalho. Isso é, o patrão tem direito de usar a força de trabalho do empregador por um determinado tempo, pagando-lhe o salário combinado. Assim, o que trabalhador vende não é trabalho, mas sua capacidade de trabalhar que é usada pelo patrão durante o tempo legalmente determinado

(SAFFIOTI, 1987).

O lucro adquirido pelo empregador o coloca numa posição privilegiada, pois o lucro obtido e o seu excesso são reinvestidos nas linhas de produção, ou seja ao invés de dividir as sobras com os seus empregadores ele investi na ampliação, modernização ou aquisição de novos equipamentos (SAFFIOTI, 1987). Então os capitalistas acumulam o seu capital fruto da mão de obra dos subordinados em forma de bens personificados em edifícios, escritórios, tecnologias, matérias-primas os colocando em ascensão na sociedade.

O sistema capitalista se apropria da subordinação das mulheres para obter mais lucro, pois sendo “inferiores aos homens”, estão mais sujeitas a receber salários baixos, aceitar trabalhos precarizados, sem garantias trabalhistas, além da desvalorização e invisibilidade do trabalho doméstico. Portanto, se o modo de produção regido pelo capital é perpetuado por meio da exploração dos seres humanos, é importante frisar que uma das categorias mais atingidas são as mulheres (DINIZ; QUEIROZ; MELO, 2011).

Nos últimos anos temos visto as mulheres conseguindo maior representatividade em cargos públicos e políticos e avançar na ocupação desses espaços em Estados democráticos

[...] as mulheres ocupam 15,3% das vagas nas Câmaras dos Deputados na América Latina e Caribe, constituindo a segunda maior média regional do mundo. Há três anos atrás, este percentual era de apenas 10%. A representação das mulheres nos Ministérios nacionais também aumentou, fato demonstrado pelo ingresso de mulheres em importantes Ministérios, como o da Justiça e Relações Exteriores. Anteriormente, a participação das mulheres nos Ministérios estava restrita aos postos de saúde, educação e outros relacionados com as questões sociais. Por outro lado, a presença feminina também aumentou nas esferas de poder estaduais e municipais, incluindo cargos de Governadores e de Prefeitos. Certamente, estes ganhos foram importantes e expressivos, mas não o suficiente para compensar o desequilíbrio entre a presença da mulher nos partidos políticos, onde elas são entre 30% e 40% dos militantes, e entre a presença das mulheres no eleitorado, onde representam mais da metade do número total de eleitores (HTUN, 2001:229).

Esses avanços para que a mulher ocupe novos espaços e coloque suas discussões em pauta são grandes avanços do movimento feminista, principalmente devido ao movimento feminista que conscientizou e questiona a vocação única das mulheres para maternidade e o lar.

As religiões ancestrais visualizavam o universo como uma grande mãe. As

grandes deusas representavam a Terra Mãe ou o princípio gerador da vida. A capacidade de conceber uma nova vida humana, dar à luz, produzir leite e sangrar com as fases da lua, inspirava temor e reverência. Só ela tinha poder de produzir e nutrir a vida. Sem ela a nova vida extinguir-se-ia. (DIAS,1998 apud S/D) Para o Taoísmo se chamava Tao, para os egípcios Nuit, para os gregos Gaia. Oculto à Grande Mãe era a religião mais difundida nas sociedades primitivas.

A passagem do matriarcado para o patriarcado se deu em várias esferas. De um lado o aumento da população levou o ser humano a domesticar a terra, de outro o nomadismo trouxe vantagem ao homem. Com a descoberta da ligação entre o ato sexual e a fecundação, inciou-se um verdadeiro culto ao falo e acelerou-se a transição para o patriarcado. Com o advento do monoteísmo o patriarcado se estabeleceu definitivamente. Do ponto de vista religioso, o Velho Testamento e depois a Igreja cristã forneceram um arsenal de justificativas metafísicas para a tese da inferioridade da mulher (DIAS, 1998).

O patriarcado não se faz sentir apenas nos espaços políticos, mas também nos espaços de poder e principalmente no mundo do trabalho. Acrescente-se a isso as expressões de violência que perpassam tal esfera. Dentre as mais incidentes estão o assédio moral e assédio sexual, que na maioria das vezes permanecem invisibilizados, já que as assediadas pouco denunciam e quando o fazem, as decisões judiciais têm sido na maioria das vezes, desfavoráveis às vítimas, além da falta de políticas públicas para este segmento. É importante destacar que apesar das acepções sobre assédio sexual e moral se constituírem indistintamente entre os gêneros (DINIZ; QUEIROZ; MELO, 2011).

Inclui-se também a face mais perversa do patriarcado no que diz respeito à violência de gênero que se encontra arraigada na nossa sociedade

*Quando eu tinha meu ex-marido, ele chegou a fazer coisas que, é porque as vezes eu não gosto muito de falar sobre esse assunto, porque eu passo mal só de falar, mas eu levei murro na cara, muro de eu cair estatelada no chão e chegou um ponto dele fazer isso comigo, cheguei que eu pus a mão assim ó...tirava aquela pele de sangue que saía da minha boca, que eu fiquei com um problema sério, eu tive que tratar no psiquiatra, por causa disso. (Zuleide Laurindo de Souza, mãe, 10 filhos, divorciada, 69).*

No seio da família, a dominação masculina pode ser observada em praticamente todas as atitudes. Ainda que a mulher trabalhe fora de casa em troca de um salário, cabe-lhe realizar todas as tarefas domésticas. Como, de acordo com o modelo, os afazeres domésticos são considerados “coisas de mulher”, o homem raramente se dispõe a colaborar para tornar menos dura a vida de sua companheira. Não raro, ainda se faz, servir, julgando-lhe no direito de estrilar se o jantar não sai a seu gosto ou se sua mulher não chega a tempo, trazendo-lhe os chinelos (SAFFIOTI, 1987).

Com essa dura realidade, principalmente no campo as assentadas já presenciaram a violência de companheiras próximas ou senão foram vítimas de um sistema que puramente não se restringe à apenas diminuí-las, mas sim também explorá-las nas atribuições que não são somente delas mas dos companheiros e também da prole na feitura das atividades do lar.

Por fim nós temos o racismo, que recai e recai sobre as populações socialmente excluídas e marginalizadas como negros e indígenas, em especial no Pequeno Willian em que as assentadas são negras e possuem dificuldades no acesso ao básico e necessitam de articulações para acessar serviços e bens que faltam na sua comunidade, a qual historicamente foram escravizadas e submetidas ao pior tratamento possível durante o período de escravatura no Brasil. Devido à essas injustiças históricas essas categorias estão relegadas em sua maioria à profissões com baixa instrução e até mesmo à margem em acesso à bens e serviços de qualidade.

Um grupo social que possui menor número de oportunidades na vida, função dos preconceitos que pesam sobre ele, encontram-se em seu interior maior número de miseráveis, grandes contingentes de analfabetos e de pessoas pouco escolarizadas, massa imensas de pessoas vivendo em condições insalubres. Não encontram a mesma facilidade aqueles que residem em favelas, sem água encanada, sem energia elétrica (SAFFIOTI, 1987:52).

A partir disso a categoria social mulher que é a mais penalizada por esse racismo é a mulher negra, tanto pela sua cor de pele e pela sua condição econômico-social.

Neste país, a mulher negra ocupa a última posição. Ela é duplamente discriminada: enquanto mulher e enquanto negra. De acordo com o modelo oficial, cabem-lhe, fundamentalmente, dois papéis: o de empregada

doméstica e o objeto sexual. Observa-se as publicidades de limpeza de televisão, festividades tradicionais como o carnaval, novelas, e peças de teatro a sua representação é estereotipada e centrada em papéis como empregadas domésticas (SAFFIOTI, 1987:52).

É com esses três sistemas de dominação exploração que os negros, os índios e assentadas são terrivelmente prejudicados em uma estrutura que não os permiti ascender devido à natureza histórica marginalizadora que são submetidos além da exploração contínua dos mais favorecidos em detrimento dessas categorias étnicas. O Patriarcado-Racismo-Capitalismo (SAFFIOTI, 1987) produzem uma estrutura discriminatória e segregadora que confere aos explorados uma dificuldade de inserção social e igualdade de gênero além de apenas concentrar nas

[...] classes dominantes o usufruto dessa simbiose de dominação e exploração, na medida que esta simbiose consolida o poder do macho branco, adulto, cristão. Às mulheres das classes privilegiadas é dado o direito de usufruir da riqueza que possuem, riqueza amealhada graças à exploração das classes trabalhadoras em geral, e especificamente da mais intensa exploração de mulheres e negros destas camadas. Mais do que isso, a burguesia formula normas de conduta através das quais subordina os trabalhadores, mas não se submete a elas (SAFFIOTI, 1987:64).

O patriarcado enquanto sistema mais antigo conhecido dentre os três permitiu ao homem subordinar nações na medida em que ocorria a expansão dos impérios por outras regiões territoriais, na escravização de outros povos com tecnologia inferior a sua e

[...] com frequência, mulheres de povos vencidos eram transformadas em parceiras sexuais de guerreiros vitoriosos ou por estes violentadas. Ainda na época atual isso ocorre. Quando um país é ocupado militarmente por tropas de outra nação, os soldados servem-se sexualmente de mulheres do povo que combatem. Esse fenômeno aconteceu durante a guerra do Vietnã, havendo lá deixado os soldados norte-americanos muitos frutos destas uniões sexuais esporádicas e sem compromisso.

As mulheres negras e assentadas do Pequeno Willian se situam em uma realidade em que tornaram-se agricultoras familiares e artesãs tanto pela vocação produtiva do assentamento assim como devido à essas dificuldades estruturais e sociais, há assentadas que não participaram da presente pesquisa devida a intensa carga de trabalho esporádicos, trabalham assalariado, trabalham no lar, o que impossibilitou um estreitamento de relação entre objeto de pesquisa e pesquisador.

### 3.8 O Eco Feminismo

O pensamento eco feminista apareceu pela primeira vez enquanto tal a partir dos movimentos feministas da década de 1970 (a chamada “segunda onda” do feminismo), a esta altura já influenciados pelos movimentos pacifistas, antimilitaristas e antinucleares que eclodiram em toda a Europa e Estados Unidos nos anos 60 e que deram origem aos movimentos ambientalistas como os conhecemos hoje. O eco feminismo pode ser definido como uma escola de pensamento que tem orientado movimentos ambientalistas e feministas, desde a década de 1970, em várias partes do mundo, procurando fazer uma interconexão entre a dominação da Natureza e a dominação das mulheres (SILIPRANDI, 2000).

As assentadas do Pequeno Willian possuem uma forte presença e atuação organizada nas produções agroecológicas em cultivo nas suas parcelas, e como participam, fazem parte do movimento que claramente luta por uma forma inclusiva de acesso à terra, principalmente no que diz respeito à falta de cobertura pública de serviços básicos e ambientais como acesso à água, a presença das assentadas é de extrema importância enquanto forma questionadora de um modelo que massificou práticas segregacionistas no campo. Propondo uma nova forma de produzir voltada para as suas necessidades e de seus pares.

O eco feminismo, como uma corrente de pensamento que procura incorporar a visão das mulheres às discussões acerca da problemática ambiental, pode trazer a este campo várias contribuições inovadoras, à medida que chama a atenção para aspectos que não costumam ser considerados nas políticas de desenvolvimento, tais como as implicações que determinadas atividades econômicas têm sobre as condições de vida e trabalho das mulheres, assim como sobre outros segmentos da população (populações tradicionais, indígenas etc). Ao dar importância para o que não era “economicamente relevante”, tais como a cultura local, a qualidade de vida, os valores das populações-alvo dessas políticas (que passam despercebidos nas estatísticas oficiais), ajuda a questionar visões de desenvolvimento baseadas unicamente em critérios como renda, produção, produtividade (SILIPRANDI, 2000).

Enquanto linha de pensamento, o eco feminismo apresenta uma posição

questionadora em uma sociedade patriarcal que prega a dominação masculina sobre as mulheres nos espaços privados e públicos, em formas de agressões e tripla jornada de trabalho. Além disso as coloca em um debate que leva em consideração as adversidades ambientais e especificidades em que se encontram em assentamentos em regiões distantes com limitações que enfraquecem a ação dessas assentadas.

Existem ainda muitos entraves para a plena participação das assentadas na luta política, mas por diferentes meios elas se motivam e os enfrentam, construindo mecanismos de resistência. Dentro do espaço rural elas se consolidam como criadoras/transmissoras de uma cultura camponesa, que se expressa, por um lado, nas atividades que ainda estão sob sua responsabilidade e que elas têm a função de perpetuar. Mais do que as atividades ou tarefas em si, o que está em jogo é a transmissão às novas gerações de valores e símbolos, associados à autonomia e à dignidade camponesa. É perceptível o cerceamento à autonomia e a inexistência de garantias ao exercício dos seus direitos, o que hoje se verifica pelo seu precário acesso à terra, aos insumos, ao crédito, às informações, bem como pela sua inserção subordinada na gestão das propriedades. E por fim e não menos importante a Agroecologia não cumprirá seus propósitos de ser uma teoria e um modelo para a ação emancipatória dos camponeses se também não se ocupar, teórica e praticamente, do enfrentamento das questões da subordinação das assentadas (SILIPRANDI, 2009).

### **3.9 O Empoderamento das Assentadas**

Obter a igualdade entre homens e mulheres requer uma transformação no acesso pela mulher tanto aos bens quanto ao poder, transformação esta que depende de um processo de empoderamento da mulher. Ao mesmo tempo o empoderamento da mulher transforma as relações de gênero e é, portanto, uma pré-condição para obtenção da igualdade entre homens e mulheres. Esse empoderamento da mulher desafia relações familiares patriarcais, pois pode levar ao desempoderamento do homem e certamente leva à perda da posição privilegiada de que ele desfruta sob o patriarcado. Isto porque o empoderamento ocorre quando houve uma mudança na tradicional dominação da mulher pelo homem, seja com

relação de suas opções de vida, seus bens, suas opiniões ou sua sexualidade (DEERE, 2002).

No Pequeno Willian mediante aos dados coletados com as entrevistadas da presente pesquisa percebe-se que esse empoderamento advindo da titularidade da terra as conduziu a um novo patamar decisório dentro das suas vidas e nas suas parcelas, pois elas apresentam maior segurança e gerem sua terra como acreditam ser o melhor e sobretudo pensam no bem estar da coletividade.

A posse de terras e bens em geral por parte da mulher melhora seu poder de barganha não apenas dentro da família, mas também potencialmente dentro da comunidade e da sociedade mais ampla. [...] A mulher proprietária de terra desempenha um papel muito maior na administração da propriedade rural, tem muito mais voz no trabalho intrafamiliar e na distribuição da renda e desempenha um papel preponderante em decisões relativas ao futuro dos filhos (DEERE, 2002: 58-59).

Desenvolvem diversas atividades produtivas ambientais como artesanato de fibra de bananeira, horta familiar agroecológica, planejam agroflorestas como futuras ações, fazem pinturas e dentro das possibilidades se articularam para comercializar esses produtos gerados no Pequeno Willian em eventos.

A posse de terra pela mulher rural em específico das assentadas do Pequeno Willian, melhora a sua posição de retaguarda e, por conseguinte, seu poder de barganha dentro de casa e da família, o que leva a resultados potencialmente favoráveis a ela. Isso ilustra o ponto mais geral de que a posse de bens está relacionada à capacidade da mulher de agir com autonomia e de externar os próprios interesses nas negociações que afetam sua própria vida e as de seus filhos. Não surpreende que a posse da terra da mulher possa ser também uma causa de tensão e conflito doméstico, pois desafia relações de poder. Adquirir uma parcela de si mesmo é amplamente reconhecido como uma das melhores formas de segurança para as mulheres e seus filhos e como meio de obter alguma autonomia econômica (DEERE, 2002).

Em termos práticos, esse empoderamento seja por meio da capacitação ou autonomia produtiva vai muito além de apenas possui uma terra em seu nome, mas a saída dos laços de dependência e de uma relação abusiva, a saída de uma situação de vulnerabilidade socioeconômica para aquelas que não conseguiram se

inserir no mercado de trabalho, o acesso à serviços públicos de qualidade e uma luz no fim do túnel para enfrentar o patriarcado ainda tão presente nas relações entre homens e mulheres.

A posse direta de bens produtivos pelas mulheres reduz bastante seu risco de pobreza. Para as mulheres rurais, a posse da terra é a melhor garantia de que elas serão capazes de suprir, pelo menos em parte, as necessidades alimentares de sua família. Além disso, a posse é frequentemente um requisito para aumentar a produtividade das mulheres, já que age como mediadora para seu acesso ao crédito e a outros serviços. A posse de terra também melhora a posição das mulheres no casamento e lhes dá maiores opções matrimoniais. Ao aumentar o poder de barganha das mulheres, a posse de terra está também associada ao papel de maior importância das mulheres na tomada de decisões quanto à família e à propriedade (DEERE, 2002).

Por meio da luta pela terra e enfrentamentos na consolidação do assentamento Pequeno Willian, as assentadas conseguiram desenvolver arranjos produtivos que as permitem maior acesso e inserção social. Desenha-se então uma nova realidade para elas que envolve estabelecer essas novas práticas ambientais que elas vislumbram para o futuro das suas parcelas e comercialização dos seus produtos artesanais feitos no assentamento, conseqüentemente isso melhora sua posição no assentamento, mais precisamente no movimento as qualificando e dando voz para suas demandas.

## Considerações Finais

Ao longo desta dissertação, o principal objetivo foi analisar os papéis sociais desempenhados pelas mulheres assentadas na agricultura familiar do Pequeno Willian - Planaltina-DF e identificar se o desempenho de tais papéis as atribuiu maior reconhecimento social e empoderamento. Contudo, o que se percebeu a partir das falas em seus espaços privados e comunitários de fala é que a relação entre a posse da terra e sua titularidade é que de fato conferiam empoderamento às assentadas do Pequeno Willian.

Dentro do primeiro objetivo específico “Identificar os trabalhos produtivos e reprodutivos das assentadas na comunidade e quais as implicações nas relações de gênero” as entrevistas relataram as atividades produtivas e ocupações assumidas por elas ao longo da vida e atualmente dentre elas foram: agricultoras familiares, professoras, artesãs e artistas plásticas, além de serem integrantes de um grupo voltado para o artesanato de fibra de bananeira, em que são confeccionados mini esculturas, bonecos decorativos, caixinhas para guardar objetos dentre outros e partindo da perspectiva de gênero se sentem mais respeitadas, ouvidas possuindo poder de fala.

O segundo objetivo específico “Identificar mobilização social e as consequências desse engajamento na vida dessas assentadas” foi desenvolvido por meio da observação participante e nas incursões de campo em que por meio de registros fotográficos e entrevistas foi relatado o vínculo com um grupo de artesanato. Essas formas produtivas de organização reduzem as condições socioeconômicas precárias das assentadas além de fomentarem o consumo de produtos locais, por outro lado essas iniciativas populares de comércio podem ser entendidas como formas de enfrentar a escassez de trabalho para região e novas formas empreendedoras de renda, desencadeando movimentação de recursos, intercâmbio de experiências e geração de renda local.

No último objetivo específico “Apontar valores ambientais presentes nos usos, práticas e conservação da terra no assentamento”, as práticas agroecológicas se fazem presentes no plantio e no cuidado com a terra ancoradas em valores ambientais das assentadas que possuem grande trajetória com os movimentos

sociais rurais.

A questão principal deste trabalho foi descobrir se houve empoderamento para as assentadas por meio desses papéis sociais ancorados no manejo dos recursos naturais, porém o que foi descoberto por meio das entrevistas em profundidade foi que o empoderamento das assentadas do Pequeno Willian é advindo de um poder político, sobretudo a titularidade da parcela que está no nome de cada uma delas, desencadeando autonomia econômica e ambiental, invalidando então a seguinte hipótese “As assentadas possuem empoderamento e reconhecimento social ancorados em papéis sociais”.

Em uma pesquisa anterior<sup>2</sup> por meio de incursões em uma comunidade tradicional quilombola da Chapada dos Veadeiros constatou-se que as quilombolas que lá viviam possuíam um diferencial que eram seus saberes e fazeres tradicionais como raizeiras, parteiras e benzedeiras, e isso as permitiu desfrutar de reconhecimento social e empoderamento, porém essa mesma interpretação não se aplica ao Pequeno Willian, que possui uma trajetória de assentamento, luta política pela terra, realidade distinta da comunidade tradicional do Moinho.

No que diz respeito às questões de apoio: as atividades produtivas e reprodutivas ficam comprometidas, sobretudo para aquelas que moram sozinhas, pois há muitos afazeres a serem feitos nas parcelas, principalmente porque a menos de 2 anos cada um dos seus integrantes se mudou para seus terrenos e temporariamente estão com uma estrutura deficitária. Algumas estão construindo suas residências definitivas, há dificuldades no acesso à água e tentam conciliar as atividades produtivas para complementação da renda com as atividades domésticas que são muitas para uma única pessoa.

Por outro lado aquelas em situação matrimonial conseguem compartilhar suas tarefas com os seus parceiros, estes parecem ser dedicados à criação dos filhos e conciliam entre ambos a produção e projetos familiares dentro da parcela.

A compreensão do cerceamento das suas liberdades fica claro à medida que na condução da entrevista quando questionadas e por meio dessa discussão entre entrevistado e entrevista sobre um sistema opressor que as atribuem exclusivamente determinadas funções e papéis sociais, porém apenas visando

---

<sup>2</sup>Ferreira, Jonathas Felipe. A Economia Solidária na Comunidade Tradicional do Moinho em Alto Paraíso/GO / Jonathas Felipe Ferreira. Planaltina – DF, 2013. 39 f

inequidades entre os sexos.

Em termos ambientais as assentadas atribuem grande valor a terra e priorizam sobretudo alimentos sem o uso de fertilizantes agrícolas. Há assentadas com criação de galinhas caipiras e aquelas voltadas para hortaliças e folhagens. Elas compreendem que se desejam se alimentar é necessário que elas mesmas produzam algo que não acarrete em contaminação ou efeitos colaterais, por isso tanto para elas ou para os outros priorizam uma produção agroecológica.

As vivências que tive com as assentadas durante o período que eu estive no assentamento me permitiu perceber o outro lado da moeda, uma visão distinta daquela que é concebida pela mídia, pois essas assentadas trabalham diretamente com a terra, possuem uma trajetória de vida única, lutaram para possui esse espaço de fala, apesar das dificuldades diárias quer sejam para sua família ou para si, entenderam que a presente pesquisa é importante para esclarecer os enfrentamentos dos assentados, que mesmo na área rural possuem uma produção e que essa produção agroecológica é possível visando garantir sua autonomia produtiva e ambiental.

## Referências

ABDO, Maria Teresa Vilela Nogueira; Sérgio Valiengo Valeri ; MARTINS, Antônio Lúcio M. . Sistemas Agroflorestais e Agricultura Familiar: uma parceria interessante. Tecnologia & Inovação Agropecuária (Online), v. 1, p. 50-59, 2008.

ALBUQUERQUE, Valeria de Oliveira Reforma Agraria no governo Lula: uma analise do II Plano Nacional de Reforma Agraria Valeria de Oliveira Albuquerque. –Franca : UNESP, 2006

ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro de ; FRAGA FILHO, W. . Uma história do negro no Brasil. 1. ed. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura - Fundação Palmares, 2006.

Assentamento Pequeno William Disponível em<  
[http://aprender.ead.unb.br/pluginfile.php/97185/mod\\_resource/content/1/Assentamento%20Pequeno%20William.pdf](http://aprender.ead.unb.br/pluginfile.php/97185/mod_resource/content/1/Assentamento%20Pequeno%20William.pdf)> Acesso em 11 de Outubro de 2015.

ALVES, S. A. ; MENDONÇA, M. R. . A produção de sementes de variedades crioulas e a construção da autonomia camponesa no Movimento Camponês Popular - MCP no Brasil. In: Encuentro de Geógrafos de América Latina: reencontro de saberes territoriales latinoamericanos, 2013, Lima/Peru. XIV Encuentro de Geógrafos de América Latina: reencontro de saberes territoriales latinoamericanos: Reencuentro de Saberes Territoriales Latinoamericanos. Lima - Peru, 2013.

BRASÍLIA. Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural – EMATER. Plano de Desenvolvimento do Assentamento – PDA Pequeno William. Brasília. 2013.

BRUSCHINI, M. C. A. . Gênero e trabalho feminino no Brasil: novas conquistas ou persistência da discriminação? (1985 a 1995). In: ROCHA, Maria Isabel Baltar. (Org.). Trabalho e Gênero: mudanças, permanências e desafios. 1ed.São Paulo, SP: Editora 34, 2000, v. , p. 13-58.

BRUSCHINI, M. C. A. . Trabalho das Mulheres No Brasil; Continuidades e Mudanças No Período 1985-1995. TEXTOS FCC, São Paulo, SP, v. 1, n.17, p. 3-78, 1998.

CAPORAL, F. R. ; COSTABEBER, José Antônio . Agroecologia: enfoque científico e estratégico. Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, Porto Alegre, v. 3, n.2, p. 13-16, 2002.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, José Antônio ; PAULUS, Gervásio . Agroecologia: Matriz disciplinar ou novo paradigma para o desenvolvimento rural sustentável. In: Irio Luiz Conti; Marcelino Pies; Rene Ceconello. (Org.). Agricultura Familiar: caminhos e transições. Passo Fundo: IFIBE, 2006, v. 01, p. 174-208.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, José Antônio . Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável: perspectivas para uma Nova Extensão Rural. Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, Porto Alegre, v. 1, n.1, p. 16-37, 2000.

CAROLO, Fabiana. As Regularizações Fundiárias De Interesse Social e De Interesse Específico em Áreas De Preservação Permanente Sob o Enfoque Do Desenvolvimento Sustentável. Rev. Fund. Esc. Super. Minist. Público Dist. Fed. Territ., Brasília, Ano 19, Edição Especial, pp. 100-131, Nov. 2011.

COUTINHO, Cavalcanti. Um Projeto de Reforma Agrária. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, Instituto Nacional do Livro, 1959.

DEERE, Carmen Diana. O Empoderamento da mulher: direitos à terra e direitos de propriedade na América Latina / Carmen Diana Deere e Magdalena León; trad. Letícias Vasconcellos Abreu, Paula Azambuja Rossato Antinolfi e Sônia Terezinha Gehering . - Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

DELGADO, G. C. . "O Setor de Subsistência na Economia e na Sociedade Brasileira: Gênese Histórica, Reprodução e Configuração Contemporânea". In: Maria Helena Arrochellas. (Org.). "Desenvolvimento, Subsistência e Trabalho Informal no Brasil". 01 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2004, v. 01, p. 45-75.

DIEGUES, Antônio Carlos; ARRUDA, Rinaldo S. V. Saberes Tradicionais e Biodiversidade no Brasil. Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: USP. 2000.

DIAS, E. C. . Ecofeminismo. O Tempo, Belo Horizonte - MG, p. 8 - 8, 20 set. 1998.

DINIZ, Mônica. Sesmarias e posse de terras: Política Fundiária para Assegurar a Colonização Brasileira. Histórica. Revista eletrônica do Arquivo do Estado de São Paulo. n.6, out. 2005.

DINIZ, Aldiva Sales ; Reforma agrária brasileira: uma breve discussão. Revista Homem, Espaço e Tempo, v. 07, p. 25-39, 2010.

DINIZ, M. I.; QUEIROZ, Fernanda Marques de ; MELO, Antônio Mônica S. . A violência no mundo do trabalho: o assédio moral e sexual na vida das mulheres. In: V Jornada Internacional de Políticas Públicas, 2011, São Luís. V Jornada Internacional de Políticas Públicas, 2011. v. 01. p. 01-45

DUVAL, H. C. ; VALENCIO, N. F. L. S. ; FERRANTE, Vera Lúcia Silveira Botta . Autoconsumo em assentamentos rurais: segurança alimentar e agroecologia em debate a partir de um estudo de caso. Retratos de Assentamentos, v. 11, p. 101-132, 2008.

ENGELBRECHT, M. R. ; A questão agrária e a relação capitalista no campo: o caso do estatuto da terra. In: V Jornada Internacional de Políticas Públicas - JOINPP, 2011, São Luís-MA. V Jornada Internacional de Políticas Públicas - JOINPP - Estado, Desenvolvimento e crise do capital., 2011.

FERNANDES, B. M.. A ocupação como forma de acesso à terra. In: 8º Encontro de Geógrafos da América Latina, 2001, Santiago de Chile. Anais do 8 Encontro de

Geógrafos da América Latina. Santiago de Chile: Universidad de Chile, 2001. v. 1.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Construindo um estilo de pensamento na questão agrária : o debate paradigmático e o conhecimento geográfico. - Presidente Prudente : [s.n], 2013 v.1-2.

FONINI, R.; SOUZA-LIMA, Jose Edmilson de . Agroflorestra e alimentação: o alimento mediador da relação sociedade-ambiente. In: Walter Steenbock; Letícia Costa e Silva; Rodrigo Ozelame da Silva; Almir Sandro Rodrigues; Julian Perez-Cassarino; Regiane Fonini. (Org.). Agroflorestra, Ecologia e Sociedade. 1ed.Curitiba: Kairós, 2013, v. , p. 197-231.

FONTOURA,Leandro Nazareth Jerônimo.Planejamento urbano-ambiental: o uso e ocupação do solo no Distrito Federal. Revista Especialize On-line IPOG - Goiânia - 5a Edição no 005 Vol.01/2013 – julho/2013

GERMANI, Guiomar Inez. Condições históricas e sociais que regulam o acesso a terra no espaço agrário brasileiro. Salvador : GeoTextos, vol. 2, n. 2, 2006. 115-147.

GRISA, Catia; GAZOLLA, Marcio e SCHNEIDER, Sergio. A Produção invisível na agricultura familiar: autoconsumo, segurança alimentar e políticas públicas de desenvolvimento rural. AGROALIMENTARIA. Vol. 16, No 31; Julio-Dezembro 2010 (65-79).

GUIMARAES, M. A. ; KOWARICK, M. ; GRANDO, R. L. S. C. . Histórico do uso do solo do Distrito Federal (DF) nas micro-bacias. In: XVI Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto, 2013, Foz do Iguaçu, Paraná. XVI Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto, 2013.

HENRIQUE, Leff. Agroecologia e saber ambiental. Agroecol.e Desenv.Rur.Sustent.,Porto Alegre, v.3, n.1, jan./mar.2002.

HEINEN, M. I. . O Plano Nacional de Reforma Agrária do Governo Lula 2004. Disponível em<<http://xa.yimg.com/kq/groups/17929366/1990100000/name/O+plano+nacional+d+e+reforma+agr%C3%A1ria+do+governo+lula.pdf>> Acesso em 03/05/16.

HTUN, Mala. A Política de Cotas na América Latina. Estudos Feministas; v. 9, n. 1 (2001).

MACEDO, R. L. G.; VENTURIN, N.; TSUKAMOTO FILHO, A.A. Princípios de agrossilvicultura como subsídio do manejo sustentável. Informe Agropecuário. v.21 (202) 93-98p. 2000.

MAGALHÃES, José Luiz. Quadro de Reforma Agrária no Brasil. R. Inf Legisl. Brasília. n.100 Out./Dez. 1988

MENDONÇA, Sonia Regina. A questão agrária no Brasil: a classe dominante agrária - natureza e comportamento 1964-1990/ Sonia Regina Mendonça; João Pedro Stédile (org) -- 2.ed -- São Paulo: Expressão Popular, 2010. 200 p.

MIRALHA, W.. Questão Agrária Brasileira: origem, e a necessidade e perspectivas de reforma hoje.. Revista NERA (UNESP), FCT/UNESP Presidente Prudente, v. 08, p. 151-172, 2006.

MOREIRA, Rodrigo Machado; CARMO, Maristela S . Agroecologia na construção do Desenvolvimento Rural Sustentável. Agricultura em São Paulo, v. 51, p. 1-27, 2004.

MORISSAWA, Mitsue. A História da Luta pela terra e o MST / Mitsue Morissawa - São Paulo: Expressão Popular, 2001. 256 p.: il.

O MST e a questão agrária. Dossiê: Questão Agrária. Estudos Avançados. v. 11, n. 31 (1997).

PEREIRA, T. G. N. ; SIMONETTI, M. C. L. . As Políticas Públicas De Reforma Agrária Dos Governos Do Partido Dos Trabalhadores Entre 2003-2010.. 2014.

PELWING, Andréia Becker ; BARROS, I. B. I. ; FRANK, Lúcia Brandão . Sementes crioulas: o estado da arte no Rio Grande do Sul. Revista de Economia e Sociologia Rural (Impresso), v. 46, p. 846, 2008.

PRADO, LINDALVA FERREIRA. A ocupação Irregular de Terras no Distrito Federal e o Impacto Ambiental. Brasília: o autor, 2012.63 f. Monografia. Bacharelado em Direito pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

ROCHA, R. S. ; CELESTINO, Vivian da Silva . História da ocupação territorial do Brasil. In: Simpósio Brasileiro de Ciências Geodésicas e Tecnologias da Geoinformação, 2010, Recife. Anais do SIMGEO, 2010. v. 01.

RUA, M. G. ; ABRAMOVAY, Miram. Companheiras de Luta ou 'Coordenadoras de Panelas'? As Relações de Gênero nos Assentamentos de Reforma Agrária. Brasília: UNESCO, 2000.

SAFFIOTI, H. I. B.. O Poder do Macho. São Paulo: Moderna, 1987. 120p

SANTOS, R. A.; SCHMITZ, A. M. A Divisão Sexual Do Trabalho Na Agricultura Familiar. In: X Seminário Internacional Fazendo Gênero, 2013, Florianópolis. Anais do X Seminário Internacional Fazendo Gênero. Florianópolis: UFSC, 2013. v. 1. p. 1-10.

SARAIVA, R. C. F. . Saberes, fazeres e natureza nas vozes de mulheres da Chapada dos Veadeiros - Goiás. História Oral (Rio de Janeiro), v. 1, p. 209-229, 2012.

STEDILE, João Pedro(org) ; Douglas Estevam (assistente de pesquisa). A Questão Agrária no Brasil: O debate na esquerda – 1960-1980/ --2. ed. São Paulo : Expressão Popular, 2012. 320 p.

SILVA, J. F. G. ; O que é questão agrária. 18. ed. São Paulo/SP: Brasiliense, 1981. 114p .

SILVA, J. G. da. A reforma agrária na virada do milênio. Campinas: Abra, 1996.

SILIPRANDI, Emma.. Eco feminismo: contribuições e limites para a abordagem de políticas ambientais. Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, Porto Alegre - RS, v. 1, p. 61-71, 2000.

SILIPRANDI, Emma.. Um olhar eco feminista sobre as lutas por sustentabilidade no meio rural. In: Paulo Petersen. (Org.). Agricultura Familiar Camponesa na construção do futuro. Rio de Janeiro: ASPTA, 2009, v. , p. 139-152.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez, 1995.

SOUZA, Adriana Fernandes. Mulheres da Reforma Agrária do Assentamento Pequeno Willian: Utilizando Práticas Agroecológicas. Universidade de Brasília. Brasília. 2015.

SPAROVEK, Gerd. A qualidade dos assentamentos da reforma agrária brasileira / Gerd Sparovek. São Paulo : Páginas & Letras. Editora e Gráfica, 2003.

SCHNEIDER, S. . Reflexões sobre diversidade e diversificação: agricultura, formas familiares e desenvolvimento rural. Ruris (Campinas), v. 4, p. 88-131, 2010.

SCHWENDLER, S. F. . A participação da mulher na luta pela terra:dilemas e conquistas. In: Bernardo Mançano Fernandes, Leonilde servolo de Medeiros, Maria Ignez Paulilo. (Org.). Lutas camponesas contemporâneas: condições, dilemas e conquistas. 1ed.São Paulo e Brasília: UNESP E NEAD, 2009, v. 2, p. 203-222.

TRINDADE, Carina Carreira . Sementes Crioulas e Transgênicos, Uma Reflexão Sobre Sua Relação Com As Comunidades Tradicionais.. In: XV Congresso Nacional do Conpedi, 2006, Manaus, 2006.

## **Apêndice A - Roteiro de Entrevista**

Identificação:

- Nome da Entrevistada;

- Origem e há quanto tempo está em Brasília?
- Idade;
- Ocupação profissional; aponte tudo que já fez ou trabalhou?
- Qtd de filhos; moram contigo? Netos? Sobrinhos? Enteados? Pais ou avós?
- Casada ou solteira?

#### Luta pela terra:

- Como você chegou até o assentamento?
- Que carências sofreu durante essa trajetória de luta?
- Em algum momento presenciou assédio ou abuso entre os assentados ou por parte de autoridades? E por parte dos companheiros/parceiro/namorados/maridos
- Porque se tornou assentada?
- Como foi a sua participação como mulher nas mobilizações e houve reconhecimento?

#### Relações Familiares

- Possui contato com pai e mãe?
- Como é a divisão das tarefas domésticas?
- Seu parceiro/filhos/filhas participam dessa divisão?
- Já sofreu violência doméstica?
  - Ou conhece alguma assentada que sofreu?

#### Práticas Ambientais

- O que você planta/cultiva ou extrai aqui do assentamento?
- Sempre cultivou? Com quem aprendeu?
- Usa Ervas aqui do cerrado?
- Conhece alguma benzedeira/parteira/curandeira?
- Quais sementes você cultiva?
- Fez cursos na Emater/Embrapa/Universidade?
- Seus Filhos/filhas aprendem e querem te seguir?
- Como sua mãe/avó trata doenças ocasionais?
- Existe uma horta comunitária?
- Como você se vê daqui à 5 anos?

#### Relações de Gênero

- Como você vê a titularidade da parcela em seu nome?
- Você reconhece que há um sistema ideológico vigente que limita suas liberdades? Que estabelece os papéis de gênero na sociedade?
- Como você avalia a atuação do MST em questões de gênero?

## Apêndice B - Degrações das Entrevistadas

### 1. Drica Fernandes

**Qual seu nome?** Me chamo Adriana Fernandes Souza. **Qual a origem da Sr<sup>a</sup>?** Goiânia. **A quantos anos a Sr<sup>a</sup> está em Brasília?** Desde 1974. **Qual a Idade da Sr<sup>a</sup>?** 46 anos. **A ocupação profissional da Sr<sup>a</sup> qual é?** Sou produtora Rural, Artesã e Professora. **E anteriormente antes disso teve outras funções, né?** Sim, sempre trabalhei como autônoma, né ? E como diarista. **A Sr<sup>a</sup> tem três filhos?** Exatamente. **Moram contigo?** As duas Meninas e uma neta. **Solteira ou casada?** Quem? Eu? Ah, Solteira. **A Sr<sup>a</sup> chegou no movimento como?** Eu cheguei primeiramente fui estimulada pela visão da chegada da marcha de São Paulo à Brasília em 97, quando vi chegando, né? As pessoas do aeroporto e eu desconhecendo esse povo com tanta coragem e em 98 eu tive a oportunidade de conhecer o movimento, conhecer as pessoas e já fazer parte do movimento naquela época e ir ao encontro do movimento e me inserir pra acampar em Arinos em Minas Gerais e as ocupações eram em Noroeste de Minas, tive uma outra visão das tarefas, pois eu ficava mais em Brasília e meu companheiro em Minas na ocupação. **Quais foram as dificuldades que a Sr<sup>a</sup> sofreu nesse processo de luta?** Ah, principalmente na questão de se manter na luta, né? Porque quando são duas pessoas, um casal, ainda existe as dificuldades, mas elas se tornam mais leves, tem a possibilidade de tá trabalhando e arrecadando recurso, a gente passa muito necessidade, não existe facilidade, pra você lutar pelo seu terreno. Pelo contrário. **A Sr<sup>a</sup> já presenciou assédio ou violência entre os assentados ou por parte de autoridades?** Ah, várias. Por parte de autoridades sempre, porque o poder da polícia é muito pesado. Em Minas sofremos com questão de abusos em várias famílias em todo movimento também, tem gente, tem essas questões respeito e falta de respeito. **E de parte de companheiros, namorados, já sofreu algum tipo de abuso?** Já, também já fui vítima. **Foi física ou emocional?** Não, Foi física, mas eu reagi. **Porque você se tornou assentada, se tornou parte do movimento?** Assim eu ser assentada é consequência da luta, né. Mas eu me tornei parte do movimento, por essa questão de lutar pelo direito, por eu me identificar com o movimento, pois é uma luta pelos direitos, direito na totalidade, direito à terra, direito à moradia, direito à dignidade, direito a ter saúde, educação. Isso tudo me fez com que eu quisesse ser parte. **Possui contato com pai e mãe?** Com minha mãe sim. **Como é a divisão das tarefas domésticas aqui na parcela?** Ah, A gente junta as panelas e divide, quem

tá faz, né? A gente procura compartilhar com quem tá com a gente, até com quem vem ficar em casa e tudo. Não há uma pessoa específica pra fazer isso e aquilo. **E seus filhos e parceiros participam dessa divisão?** Ah minhas filhas sim,. fazem comida, fazem tudo, foram criadas assim. **Você conheceu um assentada que sofreu violência física assentada como você?** Humm vishe, um monte. Não só aqui como em outros assentamentos, muitas mulheres. **O que você consegue plantar e cultivar daqui do assentamento?** Do nosso assentamento? A principio temos bem no início porque a gente está montando um pomar no sistema agroflorestal, temos um viveiro para fazer as mudas, produzidos pela gente mesmo, e a ideia é como não saiu a licença ambiental não posso desmatar então faço parceria com meus vizinhos, tem um hectare lá embaixo, para arar, braquiária, milho, feijão, abóbora. Todo ano a gente faz isso de forma coletiva nas áreas que já são de braquiária, né? Lá embaixo podem ser trabalhar e devem ser trabalhadas a gente usa elas para produzir. **Sempre cultivou, sempre plantou ou alguém te ensinou?** Não, sempre não. Aprendi foi com 20 anos de idade. Nasci e fui criada na cidade, né? Minha mãe era só uma empregada doméstica, né? Então só fui ter acesso à conhecer mesmo o rural quando era casada, aos 23 anos de idade, fui morar em uma chácara lá em Santa Maria, no Novo Gama e lá meu sogro me ensinou como plantar e produzir. **Usa ervas do cerrado?** Ah, isso não tem muito mistério não nas plantas medicinais, tem remédio de farmácia. **Conhece alguma benzedeira, parteira, curandeira?** Curandeira não, mas a gente conhece um benzedeiro e raizeiro. **Aqui do assentamento?** Aqui do assentamento tem um que benze, mas é um homem. **É o parceiro da Valdira?** é. **Quais as sementes que tem aqui na sua parcela que você cultiva?** Feijão, feijão de corda, tem quiabo, quento, milho crioulo, mudas, né? Abacaxi, manga até pêssego tem porque foi feito no aqui, feito para a gente comer. Tem uma diversidade boa. Tem crotalária. Tem algumas coisinhas, né. **Bem diverso, né? Você chegou a fazer curso na EMATER? Universidade? Embrapa?** Eu fiz, na Emater, fiz curso de tratorista, de professora, principalmente nessa transição agroecológica ai sempre nos levavam para estarmos fazendo nossa capacitação dentro do assentamento, mas voltado para produção agroecológica, então a gente sempre teve esse acompanhamento que era assistência técnica encabeçada pela EMATER e na universidade foi o

Residência Agrária que foi um curso que fiz especialização na agroecologia. **Antes disso você tinha feito LEDOC?** Sim, terminei em 2013 que me graduei e aí já entrei na especialização. **Seus filhos e filhas tem interesse em te seguir? Dar continuidade?** Ah com certeza, Raíssa tá no curso da juventude, né? **Ela está um tempo lá, né?** Tá estudando e ela faz um curso que é Residência Agrária Jovem em Minas Gerais que é coordenado pelo movimento. **Como sua mãe e sua avó tratavam essas doenças ocasionais?** Foi sempre com remédio, né? Sempre com remédio da farmácia, acontece que ela sempre tentou fazer um chazinho, um suquinho diferente com beterraba, couve, essas coisas dentro. Ela sempre buscava isso que minha avó fazia mas com a falta de tempo acabava usando os remédios da farmácia, aí quando a gente mudou para o Céu Azul ela pode plantar, ela plantava muito na terra, iai começou a fazer os xaropes, remédios, para lavar machucado, curar queimaduras, aí eu comecei a aprender e ter um aprofundamento maior com essa relação com as plantas medicinais comecei a entender muito com as plantas do cerrado, medicinais, ervas. **Existe uma horta comunitária no assentamento?** Agora no Momento, não. Porque cada um tá se instalando em sua parcela, esse ano tá muito, acho que são dois anos de instalação em cada parcela para se instalar de alguma forma, né? **Como você se vê daqui a 5 anos? Quais são suas expectativas?** Bem instalada, com alguns chalézinhos para receber, com uma cozinha caipira, depois construir um espaço de estudo, básico para estudo, tudo ecológico, uma biblioteca instalada bem equipada. Um espaço para estudo e pesquisa e práticas culturais tudo funcionando, né? **Como você enxerga a titularidade da terra em seu nome? Essa parcela?** Só tinha que ser no meu nome, né? (risos) e de outras mulheres que são casadas no nome delas, né? Isso aí em alguns casos altera as relações, é um processo lento, com o tempo elas se veem e se incluem no processo e eu sonhei que as mulheres viessem pra cá. **Você reconhece que existe um sistema ideológico que coloca ambos os sexos, limita a liberdade das mulheres, mulher fica na cozinha, mulher não pode sair sozinha, homens fazem atividades mais braçais, você reconhece que esse sistema existe?** Não sei se existe, mas fazemos parte de um movimento que busca romper com essa lógica, a gente desenvolve nossas coordenações sempre num canal, a gente procura dividir tarefas sempre equilibrando, né? Homem, participação

do homem e da mulher. Então eu sei que existe, a gente tá aí para romper com essa lógica, né? **Qual seria o nome desse sistema? Você está caracterizando, né? E as formas de enfrentamento quais seriam? Esse comportamento cultural? Que a gente quer romper, que costuma colocar a mulher para baixo** ah meu bem isso é...tão profundamente sórdido, isso se concentra no patriarcado, eu acho que não é só isso, é uma forma que está estruturada o sistema, eu sempre levo em conta isso, eu acho que é uma necessidade que tem esse sistema de dominadores e dominados, como foi constituído desde o início o núcleo familiar, como ele se estabelece e como foi estabelecido que fez com que a mulher ficasse em casa cuidando dos filhos e providenciando a alimentação, o cuidar com a família e o homem ficasse com o trabalho, agora na atualidade não, as mulheres saíram para estudar, trabalhar fora, então existe uma redenção do próprio sistema para que todas as pessoas dentro dele possam contribuir, ser respeitado por isso, não acho que tenha um nome, acho que é toda a construção do sistema capitalista que fez com que fosse assim. Que é necessário que seja assim, aí quando a gente começa à romper com a lógica, ela começa à inverter, as práticas, né? Dos companheiros e companheiras realmente serem parceiros, né? De dividirem tarefas meio a meio, do trabalho remunerado, a questão da mulher estudar, do homem estudar, coisas assim, então acho que é muito pequeno resumir só. **Como se fosse um tentáculo né?** É, uma das partes, né? Mas não explica tudo. **Como você avalia a atuação do MST em questões de gênero?** Quando começa a discussão da participação maior da mulher, os processos se juntam, né? Numa questão de acesso à terra, na titularidade da mulher, tem que ser trabalhada no movimento, porque ainda há também a questão da diversidade sexual, que a gente precisa falar também, não só homem e mulher, né? Tem os bi, os héteros, sabe? Então tudo isso no movimento é muito bem discutido, porque tem muito homem machista, né? O movimento é constituído em cima do machismo filho da mãe que eu não denomino ele patriarcado, machismo mesmo, com todos os ismos e podres que pode ter. São muito preconceituosos, mas a gente espera muito isso, a gente consegue hoje fazer encontros para romper na mesa de debate a questão da diversidade sexual, de tá lá os homossexuais, os companheiros a gente junta, todo mundo junto debatendo junto. A respeito da sua opção sexual, religiosa não pode ser colocada para debate.

Dentro da questão de gênero a gente tem a frente que debate a questão da diversidade sexual, dentro do círculo de gênero tem a frente de debate sobre a mulher, a frente que debate sobre os homossexuais. Então acho isso muito forte. Se abrir pra essas outras lutas que são nossas lutas também. **E é tanto que de vez em quando os assentados são estigmatizados, né?** Não, mas é o que a mídia passa né? Que somos vagabundos, mas também quando os professores, médicos tão lá, estão mobilizados, reivindicando seus direitos também são tratados como vagabundos, leva pancada, leva agressão policial, o que muda é quem luta pelos seus direitos somos nós sem terra e vagabundos, vagabundos somos nós, são os professores vagabundo também são eles, se é o pessoal da saúde também. **O MST é majoritariamente ocupado por homens?** Não, não. Há as tarefas né na instâncias, antigamente a maioria era homem, aí depois passou a ser exigência do movimento se constituído por um homem e uma mulher. Só que é aquele processo são dois dirigentes, um casal, dirigentes nacionais, aí tem uma reunião da direção nacional, se só em uma passagem para um, quem vai é o homem ainda.

## 2. Manu Camile Gomes

**O nome da Senhora:** Manu Camile Gomes. **Daonde a Sr<sup>a</sup> venho e a quanto tempo está em Brasília?** Olha, eu sou de Minas Gerais, mas fui criada na Bahia e estudei na Bahia e tô em Brasília desde 2005, né? Já tem 11 anos, aliás tem 10 anos que eu tô em Brasília. **Quantos anos a Sr<sup>a</sup> tem?** 59, eu já vou fazer 60 anos nesse ano que entra. **Qual a ocupação profissional da Sr<sup>a</sup>?** Eu sou professora e sou artista plástica, né? **Uhum.** E sou musicista, né instrumentista e dou aula, né? Quando eu posso, quando posso dar aula, eu dou aula. **Além de todas essas atividades que Sr<sup>a</sup> desenvolve e já listou tem outras além dessas que a Sr<sup>a</sup> foi em vida?** Minha profissão mesmo é de professora, né? Porque já dei aula durante muitos anos, cerca de 30 anos em sala de aula, mas assim todas as minhas atividades, tudo tinha uma relação muito grande com a atividade de ensinar, né? Eu fui professora (risos) de ensino fundamental e fui professora primária quando terminei o 2º Grau, depois passei para o ensino fundamental quando fiz graduação, aí não fiz pós-graduação nem mestrado pra poder ensinar em cursos de nível

superior, mas já dei aula até para o 2º Grau, assim na condição de professora do ensino fundamental como graduada. **Como a Srª tinha me falado em outras conversas informais a Srª tem uma filha adotiva, né?** Tenho. **De criação?** É, filha do meu ex-marido, **uhum.** **A Srª ainda tem uma relação com ela? Conversam mesmo que pela internet?**

Se eu tenho? tenho **Uhum, contato?** Sim, mas tenho muita dificuldade, inclusive agora não toquei no computador, mas quando eu tinha acesso, eu não tinha computador, eu tinha acesso quando tinha um celular que tinha internet e eu entrava em contato com ela pelo facebook. **Uhum.** Você sabe se ela já tem netos, filhos, se já está casada? Se ela tem? Tem duas filhas e ela foi casada com um rapaz, rapaz turco e depois ela largou ele, como é hoje em dia um fenômeno social, ela agora tá casada com um rapaz, ele é do Irã, só que ele, eu fiquei sabendo ultimamente que ele não é muçulmano, ele é cristão e por sinal ela é da igreja adventista e ele também é, e são cristãos protestantes e ela morando na França em Biarritz, né? Ela já visitou Teerã que é a cidade dele, né? Mas como ele faz doutorado em sociologia no Irã, né? Ah na França, ele é do Irã, mora na França, né? Ela tá com ele, eles estão morando atualmente em Cordes, na região rural de Cordes. **Na França?** É, na França, em uma cidade chamada Cordes. **E a Srª tá nesse momento solteira?** Hein? **A Srª?** É, eternamente, não desejo me casar. (risos). **Tem algum motivo?** Hum? **Tem algum motivo pra a Srª sempre ficar solteira?** Tem, não suporto sexo. **Uhum.** Não suporto. Pra mim é uma coisa muito limitada, o prazer sexual, até quando estou deitada e vem a necessidade sexual, eu me ponho de lado e pego um livro, vou ler. Não é que eu seja assim extremamente radical, né? Assim de dizer, que vou cortar o sexo. Não, não há essa, eu deixo fluir, né? só que eu não alimento com fantasias, né? Desde criança, desde jovem, desde adolescente, desde minha mocidade que eu não alimento a minha vontade sexual porque eu tenho um problema que é.., foi diagnosticado como síndrome de Asperger, transtorno de Asperger e uma das minhas antipatias é a antipatia pelo sexo. **Como a Srª chegou até o assentamento Pequeno Willian?** Aqui? **Uhum.** Eu vim da Bahia, logo após a marcha, né? Para averiguar umas pendências, né? Da direção. **Marcha das margaridas?** Não, foi do Movimento Sem Terra, do MST. Eu era da direção do setor de cultura, né? Como tinha que vir aqui para o Distrito Federal por conta de um

acidente que sofri de moto, eu precisava é...fazer uma fisioterapia, né? E tinha um parente ainda tenho que fazia esse tratamento que me criou mora em Brasília, né? E ele estava me dando uma certa assistência, só que ele não é, ele é do PT, do PC do B, ele é esquerdista, só que é da burguesia esquerdista, né? Mas ele é assim quando tem feiras do movimento, ele vai, ele dá o maior apoio, ele compra artesanato do MST, mas ele não apoia muito assim... a gente porque ele acha que a gente fica invadindo, ele não sabe que a gente ocupa, então ele é reacionário, né? Assim ele acha que a gente invadi as terras, ele não fala que a gente tá ocupando o que é direito nosso, apesar de ser uma pessoa extremamente consciente, tem um nível de consciência muito elevado. Ele é formado, né? Mas ele ele tem uma formação em política muito grande, mas ele não se situou como aquela pessoa que apoia, por isso que ele nem vem aqui, eu também não gosto de ninguém da família dele vindo aqui porque eles ficam falando que tô gorda, que tô suando, que eu tô com diabetes, são hipocondríacos, então eu não suporto eles, não quero eles, não quero eles aqui. **Esse foi o núcleo familiar que te criou?** Foi, e eu não faço questão, pois ele são hipocondríacos, eles querem me levar pro hospital, sabe? Não é para tomar posse das coisas, porque eles são ricos, eles tem posses, né? Eles tem carros, tem motos, tem casas de piscina, tem a vida deles, são honestos, trabalhadores, honestos, né? São pessoas com um certo nível de consciência histórica, são engajados, mas tem certas coisas que eles são radicais, são reacionários, né? Mas tudo bem, não vou discutir, né? **Que carências a Sr<sup>a</sup> enfrentou durante o processo de luta?** O que? **pela terra, pelo campo?** Ah, muita perseguição política, né principalmente a partir dessa família, né, principalmente a família que me criou, que me deu apoio e ai eu tive muita, muita....como é que diz....muita falta de apoio, falta de apoio psicológico e.... essa falta de apoio psicológica, principalmente quando eu levava alguém do MST, que eles até aceitavam, almoçar, conversar, mas dava aquela impressão que havia uma pessoa estranha, não havia assim aquele respeito assim “olha o amigo da Manu, oh gente seja bem vindo”, mas houve uma época que eu levei um rapaz que era monge, quando eu fui **clarissa de escalpa** né? Em Belo Horizonte, no ano de 81-82, né? Assim foi desde 78-82, eae em 81 fui passar férias na casa de uma das irmãs da família que me criou e levei um rapaz, um monge, né? E ele é até meio

assim...meio afeminado, (risos) hoje ele é casado, ele se casou até com uma freira, mas ele tinha um jeitinho, um jeitinho, se fosse hoje, nos dias de hoje, talvez ele fosse casado com um rapaz, ele até me disse, ele foi franco comigo, ele me disse assim “Manu, não gosto de mulher”, mas ele casou depois e depois ele descobriu bissexual, ele tinha...ele tinha..a aptidão para fazer sexo com mulher e com homem, mas logo antes de entrar pro convento, ele teve um casos com rapazes, né? E depois ele gostou, né? Mas lá ele era um rapaz muito bonito, né? Tinha até os cabelos grandes porque ele já foi hippie, então ele...ele... mas ele era muito respeitado, nossa ele falava de muitas coisas, que ele já fez na Itália, né? Ele já esteve no Peru, ai pro pessoal muito culto perguntava coisas pra ele e ele tocava zamponha né?, um instrumento peruano, né? E tocava até uma música Led Zeppelin na zamponha, ele tocava piano, violão, tocava três, tocava, ai eu tinha um violão, ele tinha uma zamponha que ele trouxe da Bolívia, ai ele tocava a música do Zed Zeppelin, tocava umas músicas peruanas, umas músicas....andinas, nossaaaa ele era uma pessoa assimmmm..nosssaaaaa. Ele....ele... E as músicas de Aromar Figueira?, é um músico lá da Bahia, o pessoal tem muita, todos nós somos. O pessoal é muito culto, o povo da minha família e...gosta muito de música clássica, música regional, música do tarancom, música de quitaro, de Enya, naquela época não tinha Enya ainda não, mas já tinha Aromar figueira, tinha Milton Nascimento, ele tocava as músicas, nossaaa...ele encantou a família, sabe? Fui a única vez também, (Risos) depois eu levava gente do MST assim e as pessoas ficavam com impressão que a pessoa era assim diferente, uma pessoa que tinha que era para ser discriminada, de que as pessoas que eu levava, principalmente quando era do MST, não negros, é uma coisa deles, eles me ensinaram a gostar de negros, é tanto que nos meus quadros eu pinto muito negro, negras tocando piano, agora mesmo pintei um vaso de uma negra. Depois te mostro, deixa terminar a entrevista. Mas eu vou te mostrar tem uma menina tocando, um rapaz tocando violino atrás de uma igreja, gosto muito de botar igreja. Eu quero que os meus temas tenham uma relação muito grande com a questão do destino da pessoa, religião, a política tem tudo uma relação. **Em algum momento a Sr<sup>a</sup> presenciou algum assédio ou abuso entre os assentados? Ou por parte de autoridades? Abuso? É, abuso.** Ah, já, né? Tenho assistido muitas vezes abusos por parte principalmente por parte de autoridades, em

Salvador, sabe assim a polícia, aqui na marcha de 2005 mesmo, teve um abuso, né? Por parte da polícia montada, né? Eu já vi, eu já levei choque do batalhão, batalhão de choque, um batalhão especial do BOPE, de assuntos especiais, tem uma máquina de choque, é quando ele joga um anel, né? E é para impedir a vinda do....do...Rio Madeira, né? Foi do Rio Madeira vendido em 2007. Iai tanto já presenciei quando sofri, né? **Mas especificamente na realidade do assentamento a Sr<sup>a</sup> também já presenciou?** Não! Aqui dentro do assentamento não, assim já veio a polícia, como estou te falando, né? Como te falei, como contei para você, já veio a polícia para corrigir muitos problemas que ocorreu um companheiro, né? Espero que isso também não saia, depois você tira isso. **Porque a Sr<sup>a</sup> se tornou assentada?** Porque eu veio de anos, desde 1986, né? Já era um direito meu. No começo eu não queria ser assentada, né? Eu ainda tinha meu marido, minha filha, e ele sempre falava comigo, que quando eu ficasse velha, né? Nós iríamos para a Itália, ficar lá, mas quando ocorreu o massacre de Eldorado dos Carajás em 96, ele foi embora. Assim...ele achou muito violento, ele é italiano. **Não está acostumado com isso, né?** Iai ele foi embora i...nós não podemos, né? É..... eu estava falando sobre o que? **Porque a Sr<sup>a</sup> se tornou assentada?** Ah!, Iai...eu....eu resolvi, queria ficar assentada quando tivesse a oportunidade de pegar uma terra, porque na época de 86 até 96, até praticamente 2006 eu não me interessava muito pelas terras, porque eram terras assim muito grande, uma....não sei...uma...prática de querer nos fazer desanimar da terra e a terra ser muito seca, região muito seca desprovidas de água, sabe? Que também eram terras que tanto elas eram...devolutas....porque deixaram isso acontecer...que a terra devoluta ela é geralmente a terra que...acredita que a palavra seja até um ter resolvido, né? Para o Estado, né? Porque é assim a terra não pertence basicamente a um povo, a terra pertence à união, né? As terras públicas, né? Os grandes latifúndios não tem dono para ceder. Então mas é concedido para a pessoa viver ali até a morte, até para ela responder para as leis, né? Sim, ai me tornei assentada porque eu decidi que queria ficar assentada. **Como foi a participação, principalmente das mulheres, principalmente a Sr<sup>a</sup> nas mobilizações, principalmente nessa época em que vocês estavam acampados aqui no Pequeno Willian e depois que vocês vieram para as parcelas? Como era? Como era a mobilização, a participação de vocês mulheres?** Era...era

assim nas cirandas com as crianças, né? Era nas porquinhas para fazer a comida e no meu caso como eu sempre tocando instrumento, falando alguma língua estrangeira, eu, a minha participação era mais assim contribuir com as crianças que eram levadas para a chamada ciranda infantil, né? Para cuidar das crianças ou vez ou outra ficava mais nos grupos ficava tocando as músicas, né? Ou nas harpas que a gente tinha na ocupação rural, eu ficava muito lá no quarto durante à noite tocando pro pessoal não beber cachaça, né? Isso também foi, porque não sou muito fã desse negócio de beber cachaça, pra pessoa não dormir, pro companheiro que tá tirando guarda tenha, né? Pra mim externalizar. Ai eu ficava tocando instrumento musical, flauta, violão. Então a minha participação foi mais assim no que diz respeito à entretenimento, né? **A Sr<sup>a</sup> chegou à conhecer ou conhece seu pai e sua mãe, os biológicos?** Eu conheci uma avó chamada Sabah. **Uhum.** Ela sempre me visitava e depois ela morreu, ela era mãe do meu pai, se chamava Sabah. Foi a única que conheci pessoalmente. Eles até dizem que sou parenta deles. **Então eles não estão mais vivos seu pai e sua mãe?** Hum? **O seu pai e sua mãe biológicos não estão mais vivos?** Não, nem eles nem o pessoal que me criou, Total assim. Só tem eu, aliás, não sei se tem somente eu, tenho um irmão que eu não sei se ela tá lá ainda, né? Porque quando eu estive lá em 2007 na Bolívia na casa dele em Potosí. Ele me falou que ele iria embora de lá, né? Porque ele saiu com a irmã da mulher dele e morava na Califórnia, né? E....ele já tava cansado de ficar lá, a Bolívia é...assim é igual que nem aqui no Brasil uma parte que é rica, tem pobreza, sabe? E ele tava tentando, ele tinha uma vida boa, uma casa bonita e tudo, mas ele tava vendo que a situação do país não era muito favorável pro modo de vida dele, né? De ter carro, carro caro, sabe? Faltava muita coisa, assim. A cunhada dele morava na Califórnia e eu acredito que ele viva provavelmente na Califórnia. **Mas por exemplo seus pais adotivos você não tem contato, eles já estão falecidos, né?** Meus pais, só que meus irmãos por parte dos pais adotivos, sim tem alguns que moram em Itaúna, tem outros que moram em Salvador, tem umas que mora em Belo Horizonte, tenho uma que mora aqui, esses que te falei. Moram aqui em Brasília. Eu não sei se ele mora aqui mais, ele falou aqui uma vez que ele era apaixonado por Palmas, porque ele já foi lá, Jalapão, ele era fã da região, então ele tinha vontade de vender a casa dele aqui, a cada cafona dele do Lago sul, ele queria vender para

comprar uma terra lá pro lado do Jalapão, porque ele era fã do Jalapão. Aquela terra cheia de galhões, e não sei talvez esteja lá ou aqui. Não tenho mais contato para saber se está aqui ou se está pra lá. **Como é a divisão das tarefas domésticas da Srª? Ou a Srª faz tudo sozinha?** Na vida doméstica? Faço tudo sozinha, aqui não tem divisão, só tem eu, os gatos, as galinhas e as cachorras, porque como eles são bichos, né? Eu não deixo tarefa para eles, né? **Então é só a Srª.** Só eu. Só eu. Então eu faço a limpeza da casa, lavo a churrasqueira, faço comida e como na hora que me apetece, tanto que eu nem perguntei se você quer almoçar, porque se você quiser a gente faz a comida assim, na minha casa é assim, tudo livre, (risos). **A Srª já sofreu violência doméstica? Ou presenciou uma assentada que já sofreu aqui do Pequeno Willian?** Já, já a nossa companheira Drica, já sofreu uma violência, foi horrível, né? Você conhece ela? Não sei se você sabe, mas ela foi, ela foi violentada pelo que é, o rapaz, o Robinho... foi errado, foi muito tocante da parte dele, porque ele não é violento, ele foi violento e teve uma briga lá embaixo, já vi em outros assentamentos, aqui no Pequeno Willian foi só, né? só foi essa ai, né? Briga mesmo, violenta, de tirar os cabelos foi essa da companheira Drica. **O que a Srª consegue plantar e cultivar aqui do assentamento na sua parcela?** Eu planto quando é o tempo das águas que vai começar é milho, batata, é... isso milho, batata, hortaliças quando começa o tempo da chuva, porque a minha parcela não tem água, é uma das parcelas conjuntamente com outras parcelas que são daqui do núcleo que não tem água, depende do caminhão pipa, então não pode plantar uma horta dependendo de água, tem que ser uma horta dependente do tempo da chuva que um tempo mais que só tem chuva, então a gente torce esperando que a chuva molhe. **A Srª sempre cultivou? Sempre. Sempre teve horta ou sempre teve galinha?** Sempre, desde que entrei para o movimento, foi uma das coisas que aprendi com o movimento foi o cultivo de horta, de estufa de flores, né? Já cultivei muita flor, né? Já vendi flores pra casamentos, né? Angélicas para decoração de casamento . Porque lá na Bahia a gente fazia estufa de flores, aqui ainda fizemos estufas, aqui nesse local tô querendo uma estufa de flores, viu? **Dona Zuleide tem uma, né?** Tem, pois é. **Então a Srª deve o aprendizado ao movimento, ao MST?** De produção de hortaliças, porque antes você não tinha esse contato com a terra, né? Depois que eu entrei pro movimento que é um movimento rural, né? Dos

trabalhadores rurais, então as atividades são rurais, relacionadas com a terra. **A Sr<sup>a</sup> possui ervas aqui na sua parcela? Ervas medicinais?** Tem algumas, a seca matou, eu tenho alguma erva cidreira, alguns pé de barbosa, mas que deram, né? Que suportara a seca ai ficaram, mas os que não puderam secaram, né? Fora as que já estão ai no cerrado, o cerrado é rico em material, em planta medicinal natural. **A Sr<sup>a</sup> conhece alguma benzedeira, curandeira, parteira? Ou conhece algum?** Agora, atualmente não, ops...conheço, ainda conheço, mas agora passou a ser uma religiosa, né? A Edith, irmã Edith, a mãe de uma menina chamada Neide, que era militante do movimento. **Aqui do assentamento, né?** Aqui do assentamento que é vizinha aqui, se chama Edith. Atualmente passou a ser muito evangélica, agora ela é uma mulher de orar. **A Sr<sup>a</sup> tem sementes aqui na sua parcela?** Semente? Tenho. Tem semente de milho, de feijão, é....feijão catador, que vou plantar agora, andu, porque andum e tem sementes de flores que vou começar agora, porque vou começar uma horta de flores. **A Sr<sup>a</sup> fez um curso de capacitação com a Embrapa? Fiz Emater?** Vários cursos de capacitação de 8hs, 12 hs, 3 dias, 24hs, fiz curso até de aproveitamento de fibras da bananeira, Embrapa com a Emater, com o SENAR, Serviço de Aprendizado Rural, assim, ou seja eles pagam para a pessoa produzir, construir flores, os tipos de flores, né? Iai, não tem o SENAC? Tem o SENAR, né? É o SENAR. Que vem junto com a EMATER, né? E a secretária de agricultura e traz. **Existe uma horta comunitária? Ou já existiu?** Já existiu. Né? Já existiu lá embaixo depois passou a ser PAES, que é o Programa de Plantio, também já participei, trabalhei até junto com o seu Guilhermando. Depois foi primeiro com o Gaspar, depois do Gaspar passou a ser do seu Guilhermando, terminei e fiquei só com o seu Guilhermando, sai do PAES do seu Guilhermando, pois tinha muito bicho de pé e fiquei muito tempo sem e assim eu não gosto muito de tomar remédio de farmácia, porque fica suturando, sabe? E eu fiquei impedida de continuar o serviço, não podia molhar. **Como a Sr<sup>a</sup> se vê daqui a cinco anos?** Eu me vejo assim, é...me vejo com essa chácara mais bem aparelhada, né? Com água encanada, sabe? Com uma cerca viva, maior plantio nos três hectares, geralmente isso que eles dão pra gente, né? A gente vai de 2 à três hectares, eu os quero todos cheios de pé de banana, né? E... fazendo pós graduação em História e Arte. **Como a Sr<sup>a</sup> enxerga a titularidade de terra no nome da Sr<sup>a</sup>? O que? Como a Sr<sup>a</sup> enxerga a**

**titularidade dessa parcela no nome da Sr<sup>a</sup>?** Enxergo como como se eu tivesse corrido numa maratona, né? E... alcançado a premiação, sabe? Que pra mim é isso. Tanto que eu não quero brigar com ninguém, não quero criar situação de conflito, que pra mim, e como, é... a gente não tem direito de falar que eles tem que sair daí, e sim trabalhá-los e pra que jogá-los fora já que eles também podem ser companheiros, erraram, erraram, compreendem, eles tem que compreender que eles erraram, né? Eles só não pode mais errar, né? É bom dizer isso, mas erraram, mas é o troféu deles, é o troféu do Pelé, é o troféu do Wilson, o do Gaspar é o troféu dele. Tá entendendo? Então é uma outra coisa que precisa trabalhar a comunidade, a gente tem que falar com os companheiros que eles erraram, mas eles não valorizaram o que eles receberam. Eu também não tenho quer ficar desejando a parcela do Robinho pra mim. Iche já basta isso ai, é enorme isso aqui, isso aqui eu não considero só meu, né? Que meu sonho vive é uma realização, né? Eu antes de entrar pro MST, eu tinha o sonho de criar uma escola na zona rural, e o meu marido falava "Meu bem pra que você quer terra? Vá viajar, vá envelhecer, você não é uma mulher rural, vocês está aprendendo a mexer com a atividade rural agora que você entrou no movimento, então assim você é uma mulher mais urbana que rural, você nasceu na zona rural, mas foi criada na cidade e educou-se na cidade, cê é mais urbana, cê gosta de ficar no meio, da, da... do povo, cheio de carro " ele falando, mas as vezes ele falava, mas é tão bom ser simples, e as vezes ele falava hoje estou vivendo, hoje ele vive na Itália. Então eu pretendo comprar um celular pra ficar em contato com ele, né? Eu tenho o endereço do facebook dele, e.... por sinal ele é pizzaiôlo, ele é de uma família de pizzaiôlos, e.... eles tem uma vinícola, lá nesse local que é numa região montanhosa da Itália, um lugar muitíssima...sabe? Nossaaaaaa linda...já estive lá...eu fui lá na década de 80, final de 80 para 90, né? E assim passei 6 meses, mas assim, você tomar um vinho. Eu não sou muito chegada à bebida alcoólica, não, mas lá a gente toma, é necessário, lá é você não tem que falar que você não bebe só porque você é religioso ou religiosa, não! Lá tem umas cerejas cultivadas que você chupa as cerejas e você não fica bêbado, você não embebeda, se for aqui no Brasil embebeda, porque aqui é muito quente, mas lá porque é frio, né?você fica quente por dentro, sabe? Mas assim parece que dá aquela alegria e outra coisa não dá ressaca, sabe? a cerveja quente, já bebeu

cerveja quente? **Não.** É uma delícia a cerveja quente, aquilo é super cabuloso essa cerveja quente, lá no Rio Grande do Sul bebe cerveja quente, a cerveja fervendo, lá na Itália a gente bebe cerveja quente, a cerveja fervendo, quente igual aqui, que nem quentão. Você bebe? Porque a cerveja tem que ser gelada, pois é lá é quente, na Alemanha é quente, na Itália tem cerveja quente, fervendo, quente mesmo, eles bebem igual amarga do mesmo jeito, sabe? Só que lá é assim, lá aquece, ela não tem muito teor alcoólico, né? Sim fale. **A Srª reconhece que existe um sistema ideológico que limita suas liberdades? Coloca a Srª com várias atividades domésticas, cuidar do lar, cuidar de crianças, lavar louça?** Existe, existe. Essa coisa assim dessa obrigatoriedade que eu me vejo assim até certo ponto, as vezes as pessoas me consideram uma pessoa desleixada, mas isso é por causa desse sistema ideológico que coloca mulher como obrigatoriamente como um complexo estético, tudo limpinho, organizadinho, cheirosinho, a mulher tem que levantar cedo, isso aqui é assim, é um costume que a gente tem, então é levantar cedo, escovar, porque minha escova já fica ali, minha pasta tá na beira da cama, eu já deixo uma garrafa de água o...o.....meu mictório, é uma vasilha, né? Eu faço xixi, eu faço muito xixi, eu mijo a noite toda então eu tenho várias é...é....vasilhames de xixi, né? Eu tenho uma facilidade de fazer xixi desde criança, né? Eu tinha problemas renais, tomei muito remédio pra corrigir isso, iai eu tenho essa, eu não posso comer na casa de uma pessoa se eu não levantar várias vezes pra ir no banheiro, A Drica sabe disso eu ia muitas vezes durante a noite cê sabe? Eu dormia lá embaixo, em um quarto assim, ai a cama dela ficava aqui, o banheiro lá, então eu tinha que passar. **como se fosse um pinico, né? Um pinico?** Não chega a ser um pinico, não. É uma vasilha que eu tenho que enroscar aqui, muitas vezes eu desço pra fazer xixi, e muitas vezes eu tropeço nela e ela cai no chão, e aquilo fica, o xixi. Sabe que o xixi ele tem uma capacidade de apodrecer muito rápida, né? De, sabe? de...reagir, ele é muito reativo, cê sabe que o xixi contém muitos elementos químicos, ele reage rapidamente. Né? Ele azeda, ele fede, né? Ele cria muito mal cheiro. E já pensou sou quase uma senhora, formada, uma mulher professora fedendo a xixi? Já aconteceu. Já vieram me dizer, Manu tá um fedor de xixi (risos), foi uma dessas vasilhas que virou caiu debaixo da cama e tava despejando tudo e ai que eu fui ver, quando fui ver uma vasilha cheia de xixi, que virou. Então é...é... ai voltando a essa

questão se esse sistema ideológico e me deixa nessa situação, né? De que tudo tem que ser limpinho, cheirosinho, isso é uma condição humana, né? Mais eu até certo ponto, não sei se você já observou, minha casa é um pouco bagunçada, porque eu cansei, é...essa coisa assim de deixar a casa. Hoje cedo já baixei a vassoura, já tirei as cachorras do banheiro, porque tá sempre chegando gente, não é só você, mas tem pessoas que dormem muito por aqui e é necessário deixar tudo limpinho, isso é o sistema ideológico que cria essa condição, obrigatoriamente a sua casa tem que estar impecável, ainda mais na casa uma mulher religiosa e solitária como eu, né? Então tem que ser uma casinha, que a pia tem que tá lavadinha, o fogão tem que tá limpinho, sabe? Tem vez que eu me canso e minha casa fica mesmo a desejar, to nem ai agora. Tem um monte de prato para lavar, o local de banhar, as calcinhas tem que dar uma lavadinha, claro que não sou tão porca? É evidente que não sou tão assim, tão mulambeira, sabe? Tão...com é que se diz....borralheira, de deixar tudo sujo, eu sei muito bem que tenho que limpar a panela, pegar o pó de carne..ai não. Ai é porcaria, é...ai...é....**desleixo, né?** Abaixo da linha da normalidade, né? Tá entendendo, né? **Sim.** Eu tomo banho, gosto muito de banhar, toda hora que eu sinto um fedor, já tô agoniada já. Já tenho que tomar banho. Eu sou a pessoa que mais toma banho nesse acampamento, nesse assentamento. Toda hora tomo banho, toda hora tenho roupa pendurada, lavada, tomo banho e já deixo um pouco d'agua ai eu já esfrego, já pego aquela água e já enxáguo, já joga no chão, já tenho essa quantidade de água, mas esse complexo ai da perfeição. Sabe? é...questionou tudo, eu me vejo obrigada, né? E existe, existe esse sistema ideológico que a mulher tem que ser limpinha, que a mulher tem que ser asseadinha. Fora da normalidade humana, você é um rapaz, você é todo limpinho, você veio na minha casa, mas no dia a dia da sua vida, você se também se sente humilhado a ter que viver assim todo limpinho, organizadinho, você vai fazer as coisas e deixar tudo sujo, não! Você tem que limpar senão vai ficar todo enlambuzado de coco, você vai fazer xixi, cê deixa o xixi lá na sua cueca, não é assim também não, isso ai é obrigatório, igual escovar os dentes, acordar cedo e lavar e escovar a língua porque você vai conversar com alguém , então sua boca vai ser algo mal cheiroso, você vai estar falando e as pessoas vão sentir que você não lavou a boca, né? Não escovou os dentes. Você não precisa pentear o cabelo, o seu

cabelo é todo empedadinho, muito maravilhoso seu cabelo, eu gostaria de ter um cabelo igual o seu excretadinho, mas mesmo assim, mas de vez em quando você passa **Um pente de vez em quando?** um pentizinho, né? Você não vai deixar, né? Porque também embola, então esse complexo existe e ele é questionador. **Qual o nome dele? Há? Qual o nome dele? Desse sistema que coloca as mulheres em um espaço de certa forma. Homem com cabelos mais cortado (curto), as mulheres com cabelos longos.** Qual o nome desse sistema? **Oprime as mulheres.** Eu poderia chamá-lo de sistema ideológico dominante, posso chamá-lo de dominante, ele domina, né? Ele obrigatoriamente dominante, eu não posso chamá-lo de um sistema normal, o sistema dominante é aquele sistema, não sei, pode até ter outro nome, você pode dar outro nome. **A Srª sabe, só não respondeu ainda.** Não, né? **A srª sabe qual é. Oprime as mulheres, surge a violência contra a mulher, a violência de gênero.** Escravidão? Qual é o nome dele? **É tipo, por exemplo a violência que ocorre contra as mulheres geralmente são só os homens que perpetram esse tipo de violência.** É, machismo! **Eles se acha no direito.** É o machismo? O nome desse sistema? **É. Exato porque ele limita as liberdades das mulheres.** É esse o nome? **Exatamente. Eu iria mais longe e diria que era o patriarcado. Né? A Lindalva. Ia mais longe.** é. É o machismo mesmo. Impõe que as mulheres tem que ter bunda, que a mulher gorda não tá dentro do padrão, que eu tô fora do padrão, se eu estivesse casada meu marido ia ver que tô parecendo uma vaca, né? Tem o nome baleia, vaca, sabe? Por isso que não quero me casar. Já vi que não quero me casar. Quero a cama toda pra mim ou para meus filhos. Né? Eu não quero a cama pra um homem deitar junto comigo para não me deixar virar, ler na hora que eu acordo de madrugada, né? E outra coisa ter que abrir as pernas pra ele enfiar aquilo dentro....por favor....por favor...vishe.....não já não gosto. (risos). **Como a Srª avalia a atuação do movimento dos sem terra em questões de gênero?** Ah! Uma preocupação do movimento dos sem terra, né? Mas fica tudo no papel, porque não tem, né? Não tem. Como é que se diz. Não tem prática, só tem teoria. Viu? É tão difícil a gente vencer essa questão de gênero, sabe? Assim de respeito pela posição da mulher, sabe? Assim, existe, mas a mulher continua sendo submissa, existe ainda. Isso é uma questão que vai depender também da cultura, é uma questão cultural, né? Então a mulher assim como os

homossexuais, ultimamente tão podendo namorar, rapazes com outros, né? Uma moça casa com a outra. Né? E até um certo tempo atrás não podia. Mas que hoje já pode, os rapazes homossexuais tinham pelos, não podia ter barba porque aquilo não parecia ser macho. Essas questões culturais como as questões de gênero, né? Vão acontecendo como aconteceu com a homossexualidade, né? Essa liberdade, porque a religiosidade não entra nesse aspecto, entra sim com radicalismo. Não existe isso, a sexualidade nada tem haver com seu nível de consciência, né? Em relação ao ser humano. Sabe o que Deus pede, né? Sabe, Deus não se incomoda com sua sexualidade, ele quer é claro que você se realize, quer que você seja feliz, assim ele quer que a mulher, toda mulher religiosa e que nunca teve orgasmo, morreu sem sentir orgasmo, o homem meteu lá por trás, porque o certo é o homem meter pela frente para que o pênis dele resvale, né? No clitóris para ela sentir prazer, ele tá metendo, tá gozando e ela também tá. Sabe? Mas teve muito caso em que a mulher nem isso sentia, porque o clitóris era muito em cima da vagina, né? E...e...passou a vida inteira parindo e jorrava naquele local, ai ele metia muito atrás, gozava e ela não tinha prazer e Deus não quer isso, Deus não quer uma mulher fria, parideira, cuidando de menino, e menino chorando, só o marido goza, sabe? Não. Assim é o caso da homossexualidade, quer dizer, ele não se incomoda com a questão sexual. Deus quer saber é a personalidade. O que Deus quer é que o ser humano seja feliz, tá entendendo? É claro que a felicidade não tem relação com o sexo, não. Até que eu sou feliz, eu sou uma das pessoas mais felizes do mundo, eu sou muito feliz e eu não sinto falta. Não é o sexo que me deixa mais feliz. Por que pra eu ser feliz preciso fazer sexo? Não. Então fica limitado, felicidade é uma coisa limitada, tem que trepar para ser feliz. Que coisa mais estranha. Pra ser feliz tem que sentar em cima de um cabo de vassoura, imagina eu sozinha (risos), gosto de homem, não quero saber de homem em cima de mim, não gosto de mulher, então como eu seria feliz? A minha felicidade é só se eu meter o dedo, não! Eu não gosto, nem eu fazendo sexo com homem, o que dirá. Então não é!. Eu sou feliz, sexo não é a felicidade. Tá entendendo? Então a questão de gênero no movimento dos sem terra, há uma proposta de respeitar a condição da mulher, tanto que é um setor, né? Principalmente o MST, tem os setores, né? Chamado de setor de gênero, e fala muito que a mulher tem que ser respeitada nas suas atividades, mas isso

deixa muito a desejar, né? Ainda a mulher ainda continua, veja a Drica como ela é... ela é linda, grande, aquela mulher é um maravilhão, gosto muito dela, mas ela ainda é submissa. Não tem jeito! Ela é...ela pode até, eu entro até no conflito com ela, se ela chegar a ouvir isso. "você falou que eu..." Falo! E Falo! Você retrata isso no seu dia a dia! Não tem jeito! Ela não pode ir contra a onda geral, né? É uma questão cultural, como essa questão da homossexualidade, sem culpa, a questão é namorar sem culpa. Tá entendendo? **Hummm**. Como a questão da mulher, né? Do homem poder trocar a fraldinha do bebê e não se sentir rebaixado por isso. Isso é a obrigação da mulher.

### 3. Gustavina Alves da Silva

**Qual o nome da Sr<sup>a</sup>:** Gustavina. **Gustavina de?** Você tá gravando né? **Mas eu preciso....(risos) é porque eu preciso realmente.** Tá bom...Gustavina Alves da Silva. **E... daonde a Sr<sup>a</sup> Bahia. Bahia....** Formosa do Rio Preto, Bahia. **A quanto tempo a Sr<sup>a</sup> tá em Brasília?** 43 anos. **A idade da Sr<sup>a</sup>:** fiz 53, **foi nesse mês?** 28 de Outubro. Quer dizer hoje não, hoje é 1º, né? **1º de Novembro.**

**A ocupação profissional da Sr<sup>a</sup>, é qual?** É agricultora, né? **Uhum. Mas, a Sr<sup>a</sup> sempre trabalhou como agricultora?** Eu fiquei um tempo fora, trabalhei num centro social, mas isso faz muitos anos, né? Mas eu assim nasci na roça, né? Eu sai lá da Bahia, eu tinha o que, uns 10 anos, quando vi pra cá, pra Brasília. Minha mãe trouxe a gente, né? Aonde ela nunca deveria ter trazido, né? Porque aquilo lá, era outro mundo, as vezes eu fico pensando, Meu Deus. Oi! (falando com o esposo), o que que tava com o pintinho? (vai gravar, né?), o que tava com o pintinho? Não. Deixei lá. Assim eu deixei, eu não tirei não, (risos). Tá continua...(pro entrevistador).

**A Sr<sup>a</sup> tem filhos?** Tem três, **eles moram com a Sr<sup>a</sup>?** Não. **Mas, já tão tudo criado?** já. **E tem filhos também?** Tem. A Grabiela tem a Sara e Yasmim, e o Willians tem a Maria Eduarda. **Eles moram aqui no assentamento ou moram fora?** Moram fora. **Uhum. Foi escolha deles?** é...foi escolha, porque a gente já vem de outro assentamento, né? Nós estávamos em um assentamento em Luziânia e ficamos lá, daí....por problemas internos a gente preferiu sair, né? **Uhum.** e...daí..A Gabriela já tava estudando lá antes também porque lá não tinha aula e ai ela foi

fazer faculdade, não tinha mais, né? E a Liliam também tava fazendo faculdade assim, todo mundo já, como se diz, já é responsável por seus atos, né? **Já tava mais ou menos direcionado na vida?** é...já...já... Graças à Deus. A gente sempre cuidou bem dessa questão, né? Da educação deles, entendeu? **A Srª é casada?** Sou. **Como a Srª chegou hoje no assentamento Pequeno Willian?** Então Pequeno Willian, nós já viemos, como eu já te falei, nós eramos assentados lá no assentamento em Luziânia. Por problemas internos, que foram graves, nós preferimos sair, fizemos uma negociação com o Incra, né? A gente pedimos a transferência pra outro assentamento, na verdade. Só que é... se você for depender do Incra, ai era. A gente pediu transferência pra outros Estados, mas ai, foi tão enrolado que nunca saiu uma decisão, nunca saiu uma decisão e daí nós esperamos, esperamos, esperamos. Daí o Acássio, foi na direção nacional do movimento, né? No setor de produção ai o pessoal pediu para ele vim contribuir no Pequeno Willian, que tava lá na BR 020, lá nos Pinheiros, daí a gente esperamos ser assentado em outro lugar, falava assim que a gente não precisava, segundo o pessoal, voltar à condição de acampado, para pegar outra terra, que a gente já tinha passado por isso antes, né? Então assim, ai pra nós conseguirmos essa terra aqui de volta, surgiu uma vaga, ai o Acássio veio pro acampamento, veio contribuir ai, também eu vinha sempre, i...pra gente conseguir a terra, a gente teve que vim pra cá, e acampar de novo, entendeu? **Reiniciar o processo.** Todinho de novo, passar por todo o sofrimento de novo, debaixo da lona preta, cê entendeu? Então isso assim foi só enrolando, enrolando, enrolando. É uma, é um processo assim que você perde tanto tempo da sua vida, que você poderia tá fazendo outras coisas, e você. Nesses dias eu tava analisando aqui as crianças, aqui, por exemplo que nunca morou numa casa. Sabe o que que é isso? Anos e anos pra uma criança que nasce ali debaixo da lona, cresce e mora. Sabe? E nunca tem uma casa? Eu acho assim que é uma condição tão triste, uma situação tão triste, né? Tudo bem que pra ela é, aparentemente é normal, né? Acostuma, né? Todo mundo se adapta, né? Com o que é bom, com o que é ruim, então assim ai a gente tivemos que voltar a essa condição, acampar, o Acássio contribuiu junto com o Gaspar, ai até que conseguiram a autorização para entrar nessa terra aqui e ocupar essa terra aqui. Já veio com a a autorização, então ai a gente veio, a gente fez o barraco pra nós. Eu e o Acássio,

pra nós assim valeu muito a pena, não vou dizer que não, porque nós aproveitamos o tempo pra fazer a faculdade, tempo de acampar pra fazer a faculdade, ou seja assim que nós terminamos a faculdade, ai saiu o documento, né? Contrato de concessão de uso da terra e o parcelamento, então a gente veio pra cá e tal e estamos aqui, nessa luta, mas foi isso que aconteceu. Foi muito difícil, pra nós conseguirmos pegar essa terra de volta, assim porque foi feita toda uma negociação com o INCRA, né? Eles foram lá avaliaram tudo que a gente tinha na parcela, tudo porque a gente tinha pegado financiamento, o PRONAF, né? Mas nós investimos tudo lá, então ficou tudo montada lá, toda a parcela. Ai tem outra família lá, **ou seja todo o investimento ficou lá. Entregou de bandeja para outra pessoa.** Ficou. Ai não vamos poder pegar outro. Entendeu? Então assim a gente é...nem o da Caixa que foi R\$2000 e alguma coisa, nem esse parece que a gente não vai ter direito segundo a negociação que nós fizemos, segundo eles lá que a gente teria direito à essa moradia pra onde a gente fosse, né? porque a casa ficou lá, você não leva a casa, aliás o que você planta, o que você implanta lá, fica tudo lá, né? É, eu não me arrependo disso, de ter feito tudo o que nós fizemos lá, né? Tá ótimo lá, mas assim, já que fizemos essa negociação e teríamos direito de ir pra outro lugar e pegar outra vaga, a gente poderia ter algum benefício, principalmente a casa, porque é uma luta, você tá vendo ali, né? É um sofrimento pra gente poder fazer um lugar seguro pra gente morar aqui quando todo mundo chega essa época de chuva fica todo mundo assustado, apavorado, a chuva muito forte, já teve vento aqui, arrancou telhado, machucou pessoas, então assim fica todo mundo assustado, acho que até que chove e ao mesmo instante quando vê nuvens se formarem no céu, “ai já vai vim chuva”, todo mundo fica com medo. Entendeu? Então assim é uma coisa muito difícil, não é fácil. **Quais as carências que você nesse processo de luta? As dificuldades? Os desafios?** São muitas dificuldades. Dificuldades...cê vê a infraestrutura que, a água, nós passamos muita dificuldade por água, falta de água, energia elétrica, por exemplo, a gente comprava vela pra estudar, porque não tinha energia, então assim, tinha que ascender as velas à noite pra poder estudar o que tinha que estudar à noite, “ah, vai ter prova, vai ter trabalho, ah vai ter não sei o que”, a gente tinha que colocar várias velas em cima da mesa pra poder estudar, porque não tinha outra solução, entendeu? Ai quando vinha a gente falava “vamos

estudar hoje à tarde, beleza!”. Ai vinha aquela chuva forte, você tinha que fechar as portas, você tinha que fechar as portas de cima, de baixo, ai ficava escuro, ai você não podia estudar, (risos). Você entendeu? Então assim, não tem internet, não tinha, não tem. A gente tinha muito dificuldade, foi muito difícil. Então a carência nessa questão da água, da energia, que a energia já foi resolvida, né? Mas a água pra nós aqui agora tá resolvido, porque nós fizemos uma cisterna, né? Com 13 metros, mas nós sofremos, a gente pra trazer água lá debaixo pra cá, pra molhar alguma coisa, morreram quase todas, não resistiram por falta de água. E saúde, falta de estrutura também nessa área de saúde, agora tem um postinho ali, agora ficou mais fácil, né? Antes era mais difícil. Cê você tivesse se sentindo mal, podia ir lá que você era atendido, agora não cê tem que marcar pra poder ser atendido. Porque assim, são várias dificuldades, né? Nessa questão de moradia, mesmo, **conseguir transferência, né?** É, nossa...é tudo, foi muito difícil, mas assim a gente superou tudo, graças a Deus, **hoje aqui a Sr<sup>a</sup> está.** Não tá fácil, ainda não, mas já melhorou um pouco, já temos algumas coisas aqui, já temos algumas coisas pra comer, já tem alface, rúcula, cheiro verde, couve, aumirão, agora tem eu acho que uns 70 e pouco pés de tomate, já tá começando a dar tomatinho, já tem algumas galinhas, já plantamos um pouco de mandioca, batata, tem muitas frutas do cerrado, que vamos preservar todas, né? **Com certeza.** Aqui a gente não vai derrubar nenhum pé de árvore. Porque vamos trabalhar no sistema agroflorestral, entendeu? Não vamos colocar trator aqui, nessa área, pra não degradar mais, e assim aqui a gente tá com uma dificuldade muito grande, não sabemos mais pra quem apelar mais, né? Talvez para São Pedro, que a secretária de agricultura, ou EMATER, coisa assim com relação à água que vem, desce lá, quando você subir, você vê, ela desce lá de cima e vem trazendo tudo, daqui uns dias vai ficar soterrado aqui. **Que aqui tem uma alta declividade, né?** Enorme, enorme. Muito grande. **É por essa pista que eu subi?** É, essa aqui de dentro. A água vem lá de cima assim, não sei se você observou, o Acássio fez uns montes de terra, pegou uns capins, colocou, botou, cê viu um banco de areia de terra, então assim é....então a gente tem muita dificuldade, no caso da água, por exemplo, a CAESB abriu o poço, tá toda feita a encanação do assentamento, só que eles não vêm aqui colocar a caixa d'agua pra liberar água pra ninguém. Entendeu? O caminhão pipa vem trazer a água ai, acho que agora vai ser

difícil pro pessoal, ainda bem que tá chovendo, né? Porque nessa época ele não consegue entrar aí. Mas faz muito tempo que a gente não pega água e ficou mais ou menos cinco ou seis meses, um período sem trazer água pra ninguém, aí depois apareceu. Aí eu falei “não, não quero mais” e o Acássio falou “não, não quero mais”. Porque já tínhamos conseguido abrir o poço, a gente abriu ali e já tá tirando um pouco de água pro consumo, então cê não precisa mais trazer água não, é...porque se a gente fosse depender deles e dessa água já teria morrido à muito tempo. Cê entendeu? É um descaso muito grande, cê entendeu? Aí você ligar... “aí não sei de nada”, “vou falar com fulano”, o outro fala “ vou falar com fulano”, aí o tempo vai passando, cê entendeu? Então assim é falta de vontade, né? Então são essas as dificuldades que a gente passa aqui, e o medo agora, porque quando vem a chuva, chega a época da chuva e quando é a seca medo de fogo, né? Porque o pessoal coloca muito fogo. **Medo nos dois períodos, né?** Tá difícil, né? Mas a gente vai sobreviver no meio do cerrado, **superação.** é. **Em algum momento durante sua trajetória de vida a Srª presenciou abusos de autoridades, entre os assentados? Ou ouviu falar?** Abuso de autoridades? é. Não, não até que não. Tem problemas internos, mas assim acho que não chega a ser um abuso, né? Eu acho que é mais uma disputa por poder, né? Poder de liderança, né? Que é uma babaquice, né? Porque o poder não vale nada, não tem valor nenhum. Acho que é mais isso. **Tá ali para liderar o grupo, né?** É... exatamente. Mas eu não caracterizo como abuso, caracterizo como...as vezes como uma forma de conhecimento, ignorância, sabe...essas coisas. Assim...esses tipos de coisas. **Porque a Srª se tornou assentada?** Ah assim, por vários fatores, principalmente é... eu gosto muito de estar com a natureza, né? Eu gosto de plantar, eu gosto muito de comer uma comida limpa, saudável, então eu sei que pra mim comer uma comida saudável eu tenho que produzir, entendeu? e...também, estar em contato com a terra, é... cuidar de tudo, cuidar do meio ambiente, de todas as formas de vida que existe, porque eu não mato nada, não mato nem uma galinha pra eu comer, então assim, são vários fatores, eu gosto realmente, gosto de viver no meio do mato, gosto de lidar com a terra, entendeu?, e assim produzir, e quando eu penso em produzir uma comida limpa, não só pra mim, entendeu? Mas pra outras pessoas também, eu tenho essas coisas aqui, eu sempre ofereço pra alguém levar, as vezes o menino vem aqui e leva

a sacola de folhas pra salada, que eu acho que é o mínimo que eu posso fazer, né? Entendeu? Não só pra mim, não só produzir pra mim, mas pro outros também.

**Como foi a participação das mulheres durante esse processo de acampamento? Na mobilização?** É um processo assim pra mim, eu considero assim, vejo como normal, porque do jeitinho que os homens participam, as mulheres também participam, as que não participam e porque realmente não quer. Porque a oportunidade é dada para todos. Né? Quando tem qualquer coisa, qualquer manifestação, qualquer curso, pois tem muitos cursos é chamado todas as mulheres inclusive essa parte as mulheres aderem bem, mesmo essa parte de cursos, né? De conhecer outras coisas, todo mundo e participa. Só quem não quer mesmo. **Uhum.** Tem gente que não gosta. **Não tem inclinação.** É... tem uns que gostam de uma coisa, “se fosse tal coisa, eu iria”. “no dia que tiver outra coisa, eu vou”. Eu vejo assim, natural. **Como é a divisão das tarefas domésticas aqui da sua parcela?** ah...aqui é tranquilo. **Os dois participam de tudo....** Tudo, tudo, **Excelente, hein?** é excelente. Se eu falar “hoje não tô afim de fazer comida” “ah você faz comida.”, “não, eu faço”. ele me ajuda a lavar roupa, tem dia que ele lava a louça, entendeu? Porque eu tenho muita dor no braço, até. Mas ele me ajuda, aqui é direitos iguais. Não tem esse problema. Graças à Deus. É tranquilo. Eu falo para ele que ele é o melhor marido do mundo. Porque se todos fossem igual ele. As mulheres seriam muito felizes. Né? Porque, não teria violência. Seria maravilhoso. **A Srª chegou em algum momento da sua vida com outros parceiros ou atual a sofrer violência doméstica?** Não. **O que que a Srª planta e cultiva aqui no assentamento?** Então na minha parcela, igual eu te falei. Aqui é muito novo, já vai fazer um ano que nós entramos pra cá, né? pra nossa parcela. Então assim é tudo muito novo, tá tudo muito recente. Né? Eu não tô produzindo nada ainda pra vender. Né? Porque como nós vamos trabalhar com os frutos do cerrado. Cada dia nós estamos descobrindo alguma coisa. Né? Igual os murici, quando eu trabalhava como peã na Bahia. Então descobri que aqui tem muito. **E é endêmico aqui da região, né?** Então tem muito pequi, tem alguns pés, só que é mais pequenininho, então assim a gente vai cuidar, colher pra fazer licor, que eu acho que dá mais para fazer, né? E ir produzindo por enquanto só mesmo pro consumo, né? Até porque é... porque ninguém tem licença pra. Não saiu o licenciamento até hoje. Então ninguém tem licenciamento aqui pra

abrir área. Só tão plantando lá no começo, porque tem os PAES, é onde que tinha, era só braquiária. Então foi a área que foi destinada à produção que era, acho que 17..senão me engano, não tenho certeza, acho que 17 hectares. Então foi feito os PAES lá. Né? Ai algumas pessoas ficaram trabalhando, né? Com os PAES, destinado para ficar no nome de algumas pessoas, as quais hoje são as mesmas pessoas dos PAES, né? Entendeu? Já foi direcionado mesmo para essas pessoas. Já foi escolhido o nome de quem ia, os PAES ficar, sabendo que essas pessoas seriam as donas dos PAES. **Não haverá nenhum outro PAES aqui no assentamento?** Não, só aqueles cinco lá e cada um tem um dono. Entendeu? Então quando ficamos sabendo a um tempo. Um vai ser no nome de fulano e outro no nome de ciclano e outro no nome de não sei quem. Só que todo mundo teve que ajudar à implantar, entendeu? é...calcar a terra, nós mesmos ajudamos. Sabendo que a gente não ia participar. Enfim. Mas tudo bem, né? Ai foi definido, então assim. Ninguém tem licença para derrubar, pra. Tomare que nem dê. Porque só assim ninguém derruba. Porque o pessoal não tem consciência, mas se falar isso é briga, a maioria quer é derrubar, quer derrubar, derrubar. Eu não quero derrubar nada. Eu não vou derrubar nada. **E o pior que mesmo que venha à derrubar, não será agroecologia, né? Não será agroecológico.** Não...não vai nada. Então assim é muito difícil. Mas a culpa é de quem também? Do INCRA que não fiscaliza, o INCRA não vem aqui. Ele tá pouco se lixando, cê entendeu? Porque ele enquanto fiscal. Quem deveria vir aqui fiscalizar? Porque tem pessoas que tem consciência, mas tem outras que não tem. Né? Se todos pensassem como eu. Tranquilo. Ficaria intacto o cerrado, cê tá vendo ai? Dá para produzir no meio do cerrado. Eu não preciso derrubar, é lógico que se você for fazer uma plantação grande, ai sei lá o que, você vai ter que abrir, né? Mas se já deu o assentamento, sabendo que seria um sistema agroecológico, então deveria ser diferente, né? Tinha por obrigação ser diferente. Né? Mas aqui estamos trabalhando no sistema agroecológico. Aliás foi por isso que fizemos agroecologia. Né? Nós já praticávamos agroecologia mesmo antes de saber o que é agroecologia. Né? Então é isso. **A Srª sempre cultivou? Sempre plantou? Desde sempre?** Menos no período que fiquei na cidade, né? Ficamos rolando de um lugar pra outro. Sem ter onde ficar, então não tinha como produzir. **Alguém chegou a ensinar pra Srª? Alguém te ensinou? A srª aprendeu por conta**

**própria?** Não, não...o engraçado é que não precisa, porque igual eu que nasci lá na roça, fiquei lá até os 10 anos na Bahia, então, era na roça mesmo, lá no meio do mato, no sertão na vereda. Era o que você via ali, a sua escola era aquela. Meu vô, naquela época quando eu era criança, eu não entendia, não sabia, meu vô já fazia agroecologia e já praticava. Entendeu? Os princípios da agroecologia, porque era tudo provado no sistema agroecológico, só que eu não sabia, eu acho que nem ele sabia, mas ele já fazia. **Fazia sem saber.** Então assim, você aprende desde pequeno, você vê os outros fazendo, não precisa, né? **A Srª tem ervas aqui na sua parcela? Que a Srª cultiva?** Tenho. Já montei várias. Tenho ervas cidreira, capim santo, tenho hortelã, tenho uns três tipos de hortelã, tem poejo, tem bálsamo, iche....tenho várias. **A Srª conhece alguma benzedeira, curandeira ou parteira?** Não. Por aqui não conheço não, eu nasci na mão de uma parteira. Na verdade, chamava Mãe Nega. Todo mundo a chamava de Mãe Nega. Porque lá na região era ela que fazia os partos, ela já faleceu. Mas não tenho nem ideia de quantos. Mas aqui eu não conheço. **A Srª então, a Srª tem sementes aqui na sua parcela que a Srª cultiva?** Então, é isso que estamos tentando, porque é muito difícil, não consegue encontrar, comprar sementes orgânicas ou agroecológicas pra você plantar, essa está sendo uma das maiores dificuldades dos produtores, ou mesmo não todos, mas os que querem produzir. Mas assim aos poucos, igual nós já fizemos, esse tomates ai já é a terceira vez que a gente planta, essa linha de tomate ai, então é semente nossa. Já é a terceira vez que a gente colhe, tira semente, planta, colhe de novo. E faz de novo. **Um laboratório, né?** Isso, quento, alface. Temos duas alfaces ai, que foi daquela caravana da semente. Quando eles passaram aqui, nós plantamos. Não deu bem, porque eu acho que elas vieram, eles trouxeram da Argentina. Então nós plantamos, nós não comemos nenhuma folha, mas os pezinhos que sobreviveram nós deixamos pra tirar as sementes. Então nós plantamos na bandeja, depois já passamos pro chão. Agora nós vamos ver, a cenoura também nós colhemos um pouco da semente, mas não plantamos ainda, nós ainda estamos tentando fazer nossa sementes aqui as que a gente puder fazer aqui. **Aqui nesse sistema que vocês desenvolvem aqui, como está sendo para lidar com as pragas?** Aqui não tem praga ai não. Tem praga não. Tá tranquilo. Nesse sistema ai, não tem. Cê pode olhar lá, que não tem não. A única coisa que

apareceu foi as formigas no chão, né? Mas...**não são nocivas**...sabe o que elas cortaram? A crotalária. Os pés de crotalária. Elas cortaram alguns. Elas selecionaram, mas as coisas mesmo. Elas não. Tá tranquilo. Tem não. Pode qualquer um olhar. **A Srª chegou a fazer cursos da EMATER, EMBRAPA? Da EMATER? Tipo daqueles para biojóias.** Ah não, não fiz não. Que eu tava estudando, não deu para eu fazer, **não deu para conciliar o tempo.** É, não. Não deu. Período que tava muito corrido, mas as mulheres daqui, a maioria fez. A maioria tá preparado pra trabalhar com isso **Uhum..** Elas pode. **Mas a Srª não chegou a fazer nenhum curso desses de capacitação?** Não, não. Fiz um do PRONATEC. **Os seus filhos chegaram a aprender tudo que a Srª aprendeu?** Não, não. Minha filha é enfermeira. Ela gostas de cuidar de pacientes. Ela gosta de cuidar dos doentes. É o que ela gosta de fazer. E a outra fez educação física. Mas ela não tá trabalhando, porque a Yasmim tá com um problema sério de diabetes, então ela tem que cuidar. Né? Tem dois anos que ela descobriu que ela tá com diabetes. Então assim é muito complicado, porque as vezes, ela tá. Ela tem que ficar o tempo todo de olho nela. Porque as vezes ela tá brincando e começa a passa mal, baixa demais a glicemia ou as vezes sobe demais a glicemia. Tá na escola, e ligam pra ela. Ela em que correr pra lá. Então assim e o Willians trabalha em uma escola de inglês. Ele trabalha todo o dia, todo o dia ele trabalha. **E a Yasmim tem quantos anos?** A Yasmim tem 10. então assim é um caso muito sério. Então ela não tá trabalhando. Ela já trabalhou, mas agora ela não pode. Porque não dá para deixar a menina sozinha e nem com qualquer pessoa, então as vezes o que você vai ganhar não dá para pagar alguém pra cuidar dela, então é melhor ela ficar cuidando. Né? **E como sua mãe chegava a tratar as doenças ocasionais? Doenças esporádicas?** Olha... a minha avó, quando ela faleceu, eu era muito criança, eu não me lembro assim direito, mas com certeza lá era tudo assim, com remédios mesmo do mato, com ervas. Porque não tinha farmácia, não tinha hospital, não tinha nada. Agora me lembrar mesmo, eu não lembro. Mas eu sei que fui criada pela minha avó, que agora eu falo que era Santa Avozinha. Porque ela me criou muito bem e minha mãe, minha mãe eu fui conhecer já grandinha. Eu não fui criada pela minha mãe biológica. É tanto que eu não a chamo de mãe, não tenho o hábito de chamá-la de mãe. Não sai. É coisa minha. Não sai, coisa assim "Oh, mãe". Sabe esse tipo de coisa? Coisa tão

normal os filhos chamarem mãe. Chamar o pai. Não, eu não faço isso. Ela é muito chateada com isso. E eu falei: “não vai ouvir nunca”. Porque a culpa foi dela, né? Mas minha avó faleceu, eu não me lembro de quando foi, mas ela criou a gente muito bem. Com aquela pobreza toda. Ah mas ela tinha uma sabedoria assim....que olha cê entendeu? Muito franca, ela educou a gente muito bem? Ela aconselhava muito a gente. Sabe? Essa coisa assim que eu ouvi muito dela e passo para meus filhos. Né? Passei e assim porque, você tem que ensinar para seus filhos. Eu falo para as minhas filhas, pra Gabriela: as vezes ela fica nervosa com a Yasmim, quando a Yasmim faz alguma coisa errada “minha filha, pai e mãe é pra isso, é pra educar os filhos o tempo todo”. Porque senão precisasse de pai e mãe pra educar os filhos, não teria pai e mãe. **Já nasceria pronto...já nasceria de um pé de bananeira, de um pé de árvore.** Porque não precisava de pai e mãe. E eu falei “pra isso que você é mãe, é pra ensinar.” ai ela quebra o pau. “é que ela tem que ser igual, a Srª não nos ensinou coisa errada.”. e eu disse “mas ela é uma criança, você que tem que trabalhar isso” **lapidar a criança...igual eu fiz. A Srª ainda tem contato com sua mãe?** Tenho, tenho. Eu vou sempre lá vê. Sempre que eu posso, vou visitá-la. Porque ela fará 90 anos no ano que vem. Em maio ela vai fazer 90 anos. Mas minha mãe assim, ela é muito lúcida. Você precisa de ver. Ela é lúcida..lúcida...só que agora ela tá muito velhinha. Né? Ela tá com problema pra andar. Minha mãe passeava muito, só queria saber de passear. Largou os filhos lá com a mãe dela e saiu pra lá. Mas é isso. Mas a minha tia ajudou a criar a gente. **Aqui não chega a existir uma horta comunitária, não? Ou é individual?** Aqui não tem horta comunitária. No começo nós tentamos fazer, chegamos a fazer, mas infelizmente o pessoal não deixou. Fez a terra todinha. Arrumou a terra todinha, veio trator, gradeou e deixou tudo arrumadinho. O Acássio ia ajudar também, dar uma ajuda, pra fazer alguma coisa. O pessoal não deixou. Eles pegaram e não deixou a gente plantar, se reuniu lá uma turma e que foram plantar milho e não sei o que. Mas não deixaram a gente fazer. A gente ia fazer um trabalho tão legal lá, pela faculdade que era extensão, né? Foi 5 mil metros, seriam 5 mil metros, eu acho. Não lembro mais o tamanho. Pra todo mundo ter alimentação, mas é isso que eu te falo, a ignorância é muito grande. Ai deixamos de lado. **Como a Srª se vê daqui a cinco anos?** Mais realizada, né? Tenho certeza que daqui a 5 anos, é...vai tá totalmente

diferente, né? Com esse tempo que ficamos lá no acampamento, você pode passar por lá e vê que nós deixamos uma agrofloresta pronta, lá? Tem limão produzindo, manga produzindo, goiaba, então nós deixamos banana, abacate, graviola, sabe? Jaca. Tem tudo lá. Até um pé de atemoia eu deixei lá, porque não deu pra trazer pra cá, ia sofrer muito e passei pro chão. Então assim tem uma agrofloresta pronta. Então eu espero ter uma aqui também. Nós já estamos fazendo, então eu acho que daqui a uns 3, 5 anos com certeza vai tá produzindo, entendeu? **É médio a longo prazo.** É....acho que vou estar realizada. Espero já ter terminado minha casinha de bioconstrução, né? Porque estamos fazendo de taipa de mão, mas chegamos a conclusão que tem que esperar a próxima seca, porque já colocamos tudo por dentro, praticamente, mas não tem como a gente colocar varas por fora, porque a gente planejou assim, tirando a vara, coloca e vai enchendo. Só que dai chegamos à conclusão que a gente tira e vem uma chuva iguala de antes de ontem, que foi assim, foi assustador. Foi muito, muito forte. Ficamos preocupado, sabe? Mas Graças a Deus, colocou a mão aqui em cima, porque é muito frágil. Né? Mas assim eu espero ver minha casa pronta, com umas frutas produzindo, um abacate, um enorme pé de abacate, limão, é.... tocã, goiaba, então já vai ter produzindo aqui também, com certeza cê você quiser voltar, daqui a cinco anos pra você vê, pode voltar. Se já vai ver eu produzindo. **Como a Srª vê e enxerga a titularidade de terra no nome da Srª?** Eu acho assim, eu acho muito importante, sabe? Assim eu achei legal, porque no meu caso eu não tenho problema, não teria problema e não tenho, porque muitas mulheres tem problema, né? Com essa questão de tá o título ser no nome do esposo, né? Porque a mulher, tem mulher que ela não reage, ela aceita tudo, né? Se o esposo falar “eu vou vender”, “eu vou vender e pronto e acabou” e não fala nada, né? Porque tem mulher que não pode nem abrir a boca, não fala nada. Então eu acho muito legal essa questão do título sair no nome da mulher. Porque é mais seguro pra ela, eu acho, eu acho que foi muito importante, isso aqui por exemplo é... os títulos aqui, quase todos são no nome das mulheres, **18, 18**, né? Mas lá no outro assentamento já era no meu nome, entendeu? Então assim você vê é legal. E assim elas e tem homem que fala “a ela vai receber o título lá” (risos). Eu acho muito importante, eu acho que foi muito legal que o INCRA fez. **A Srª reconhece que existe uma ideologia na nossa sociedade que limita sua**

liberdade, que coloca a Sr<sup>a</sup> em terminados espaços dentro da sociedade? Cê enxerga isso, reconhece? Repete de novo. **Você reconhece que existe um sistema que limita suas liberdades, que te coloca determinados papéis? E se hoje ainda ocorre violência contra a mulher na sociedade, há um sistema por trás disso?** Eu acho que tem que ser feito algo a mais, sabe? Assim é..pra proteger a mulher, porque tem mulheres que sofrem violência doméstica que até já morreram umas, porque lá na delegacia quando eu tenho que registrar uma ocorrência e ninguém faz nada, né? Não faz nada, espera acontecer de novo ou espera que não vá acontecer. Não sei. Ah isso acaba em pizza, né? E tal porque a violência é muito grande contra a mulher. Né? **Cultural.** É iai, a mulher acaba morrendo, né? Porque são muitas mulheres, então assim eu acho que, eu acho que teria que ser feito algo a mais, por exemplo essa questão, realmente aplicar a lei que diz que tem ai. **Maria da Penha.** Né? Diz que tem e a lei existe e tal. E você vê, você ouve o tempo todo, só falar de violência contra a mulher. Eu acho que esse tema foi colocado no vestibular agora no ENEM. Então era para eu ter feito o ENEM, mas eu não consegui fazer a inscrição. Né? Queria ter feito. Porque eu tô sentindo feito e tô querendo fazer, queria fazer um mestrado. Mas como sempre odiei inglês, ai agora me fez falta. **Tem esse que a Drica vai tentar fazer na Florestan Fernandes. Eu acho que não tem inglês, você perguntou pra ela? Porque ela tava tentando fazer o preparatório para a seleção. Eu acho que não pega inglês.** Mas eu gostaria de fazer aqui mais perto, lá é muito longe. **São Paulo, né?** E não compensa você fazer e tirar uma terra para depois deixar ela ai jogada. Só pra dizer que tem a terra. Eu acho que você tem que fazer algo. Você ganhou a terra, você tem que trabalhar, você tem que fazer algo nela, não dá para ficar por exemplo, pegar a terra, por exemplo tinha um mestrado lá no Maranhão. E como eu vou fazer um mestrado lá no Maranhão? Está dentro do que eu queria, em Entomologia, porque..sabe? Eu gosto demais dessa área de insetos e só que eu não tenho condições de ir pro Maranhão. Eu teria que ficar dois anos no Maranhão. **Presencial.** Presencial. Como é que eu ia e deixar a parcela aqui. Ah, eu não preciso posso entregar pro INCRA. Olha bota outra família lá no lugar. Porque eu vou só estudar. Porque eu acho que tenho estudar e preciso me especializar, mas eu tenho que me preocupar também com essa questão terra. Cê entendeu? Então assim eu acho que já passei pra outra

coisa. Né? **Mas a Srª tem como nomear esse sistema ideológico?** Sempre fala, comenta, ele é bem vigente, um nome. É teria que pensar mais entendeu? Porque eu acho, não sei. Igual cê tá falando, a gente ouvi muito falar nisso, as vezes fica sabendo, as vezes até próximo. E a gente fica muito revoltado, porque é uma coisa muito revoltante, né? Eu acho. Porque tem muito homem. Eu acho assim de muito machismo. Sabe? Muito machismo, que...né? Porque senão houve tanto machismo, pois um homem bater em uma mulher, **se achar no direito...se achar no direito de bater em uma mulher.** Porque ele não pega e vai bater em outro homem? Né? **Vamos ver se vai ter a mesma coragem?** Não vai! Cê entendeu? Eu conheci o esposo da minha cunhada, que ele era tão machista que ele ficava bravo quando ela cortava o cabelo, ela tinha que cortar o cabelo, as vezes ela pedia para eu cortar as pontas do cabelo dela, iai ela deixava amarrado, ai eu falava “porque?” “ai eu vou deixar assim pra ele não saber que eu cortei as pontas do cabelo”. É muito machismo, achar que...é muito revoltante. **E aquela coisa a violência emocional, simbólica,** psicológica, **física...** nossa....**que a mulher passa. Você não poder contar pra outra por vergonha de denunciar.** Fica com vergonha de denunciar, ai vai cair só no cacete. A minha irmã, ela...com o esposo, ela era muito nova, o cara era um maluco, sabe? Ele tinha tantos ciúmes dela que minha irmã não ia na casa de ninguém, eu era a mais nova. Então assim quando você é muito novo, você não se preocupa com essas coisas, você não tá nem ai. As vezes nem percebe, ai eu ia na casa dela, chegava lá ela ficava caladinha, ela nem conversava comigo, ela ficava quieta, eu acho que ela tinha medo, mas assim eu sempre conversei muito com ela, sempre que eu podia até que um dia, ai ele tava judiando dela, sabe? Ela tem um filho que ele nasceu com problema de coração e ele é mudo. Ele é mudo, ela...foi correr dele um dia e ela caiu, tava grávida e ai o menino nasceu com problema e com certeza foi dessa queda, **violência..**dessa violência e então ela andava assustada e ai eu conversava, eu era bem nova, era uma menina, “separa desse cara, porque você tem que viver com ele?” e tal e tal. Até que um dia ela ligou pra mim e falou assim “você pode vir me buscar aqui?” ai eu falei “como assim?” “eu vou me separar dele”, “mas você tem certeza que você quer separar dele?” ela falou “vou”. Ai eu peguei e liguei pro meu irmão, porque meu irmão falava assim “ eu não vou, eu sou homem, se eu for lá e ele falar alguma coisa comigo ai já

vai ser diferente”, cê entendeu? Ai no dia que ela pediu pra eu ir buscar, eu liguei pro meu irmão, então tá nós vamos. Nós vamos. Ela morava lá na 3 da Ceilândia Norte. Numa casa de esquina. E falou assim “vou ficar aqui bem na beira da pista, vou ficar bem aqui.” ficava entre a 3 da Ceilândia, entre a Leste e Oeste. Perto do Tatico. Mais pra trás. Ai eu falei “tá”, meu irmão falou “eu fico aqui esperando e você vai lá buscar ela” “se eu for lá e ele falar alguma coisa, vai ter problema então já que...então é melhor sair assim”. Ai eu fui lá, ai eu fui busquei ela e ela veio com duas crianças e deixou duas. Ai peguei e levei, depois pegou um táxi e fomos parar na rodoviária de Taguatinga, nessa época já tinha rodoviária. Ai pegamos um táxi para não dar tempo dele não vir atrás ou coisa assim. Né? Ai fomos pegamos um táxi e de lá pegamos um ônibus pro Gama, passado uns dois dias ele foi baixar lá, ai eu disse “se ele chegar aqui, eu chamo a polícia” e realmente deu polícia, então assim depois disso ele perturbou bastante, mas nós falamos pra ela “se você voltar com ele, a gente lava as mãos, lava as mãos, você fica lá apanhando” ai ela separou realmente e hoje ela fala “eu não acredito como eu fui tão burra, como eu pude aguentar tanto tempo calada, quieta e não me separava dele”. **Quanto tempo de relacionamento abusivo?** Ai eu não sei, mas eu sei que eles tiveram quatro filhos, ai ela deixou dois com ele e levou um, porque ela não tinha condição de ficar com os dois na mão, “então cê leve esse que tá maiorzinho e deixa lá com ele”, porque ele tem um lugar pra morar e fica com o pequeninho, ele tava com três meses eu acho. Ele pegou os meninos, o que que ele fez com os meninos? Ele pegou e foi num lugar chamado Aldeia SOS, mas é um lugar onde bota criança e ai ele colocou, porque pra ele conseguir a vaga ele falou que não tinha mãe, que ela tinha morrido. Então foi 11 anos a minha irmã tentando descobrir onde estava essas crianças, porque ele não falava. Cê entendeu? Foi anos e anos, até que ela conseguiu descobrir e os meninos já grande. **Era um orfanato, será?** Acho que era um orfanato, não pra adoção, eu acho que eles tem uma mãe, que eles falam, mãe social. Eles foram criados lá, o Aurélio, o Edimar e o Gilmar, que é esse mudo. Depois eles tiraram o que era surdo, ai levou lá pra casa, mas enfim eu sei que a Maria pegou eles, pegou o Gilmar e depois que eles ficaram maior, foi pra casa da mãe. Ai depois que eles ficaram sabendo que tinha mãe, porque eles falavam que não tinham mãe. São esses tipos de coisa assim. Ela sofreu tanto. Eu falo assim com ela que foi um

sofrimento, uma dor muito grande. Ele se sentia no direito. Porque pra mim, ninguém é dono de ninguém. Não é. Você pode viver com uma pessoa. Como casos que a gente já viu, né?. **Como você avaliar a atuação do MST nessas questões? Violência da mulher, questões de gênero, eles falam muito?** Eles trabalham muito com essa questão, trabalha muito, muito...mesmo. E assim totalmente contra. Por exemplo se tiver em um assentamento um homem que bate em mulher, essa pessoa tem que sair do assentamento, porque reuni todo mundo e retira ele de lá. Entendeu? Tem que fazer isso. Quando a gente fica sabendo, nós ficamos sabendo um tempo desse que tinha alguém aqui que tava meio violento com a mulher, já tava conversando e tal. Entendeu? Porque incluindo até as mulheres, porque isso não é aceitável. Isso ai é uma coisa assim muito trabalhado. **Tá confirmado que essa pessoa é violenta?** Não, acho que não. A gente tem observado, acho que não. Acho que foi mais ti ti ti assim. Até observei esses dias, amor pra cá e amor pra lá. Acho que não. Assim espontaneamente. Né? Então assim eu acho que não. Mas a gente está de olho. Então obrigado pelo seu tempo.

#### 4. Valdira Sena Santos de Almeida

Valdira Sena Santos de Almeida. **Daonde a Sr<sup>a</sup> é? Qual a origem da Sr<sup>a</sup>?** Eu sou baiana. Sou da Bahia. **Qual municipio?** Caririnha. **A quanto tempo a Sr<sup>a</sup> tá em Brasília?** Aqui em Brasília, eu não sei quanto tempo, quanto tempo eu tenho. Eu sei que tem 11 anos que moro aqui. Né? Quando eu vim pra cá eu tinha 11 anos de idade. **E quantos anos a Sr<sup>a</sup> tem?** Eu vou fazer 31. **nossa nem parece.** (risos) **A ocupação da Sr<sup>a</sup> aqui no campo é qual?** Aqui eu mexo com prantação, mas meu marido, ele meche com horta, mecho com prantas, mexo com fibra de bananeira, porque eu faço artesanato. **Uhum.** E faço curso pra fora e estudo à noite. **Você faz o PRONERA?** Não, o EJA. **O EJA, né? Além dessas a Sr<sup>a</sup> tem outra ocupação, antes de ter essas atuais?** Não. Tinha não. **A quantidade de filhos que a Sr<sup>a</sup> tem?** 6. 6 menino. **Todos moram com a Sr<sup>a</sup>?** Tudo comigo. **A Sr<sup>a</sup> tem neto, sobrinho?** Sobrinho eu tenho um monte. Agora neto eu ainda não tenho não. Nem quero agora. (risos). **E a Sr<sup>a</sup> é casada?** Sou. **Como a Sr<sup>a</sup> chegou aqui no Pequeno**

**Willian?** Eu já tenho o...eu já tenho três assentamentos que eu rodo com esse, né? Com esse foram três assentamentos que eu moro. Antes eu morava, eu tinha largado o outro assentamento e vim embora para Sobradinho morar com minha irmã. Que no outro acampamento eu passava muita dificuldade com meus filhos lá. Meu marido não trabalhava e lá não tinha serviço pra ele e eu passava muita necessidade com menino lá. Tinha dia que não nem sal pra fazer comida pra eles. Ai eu desisti, não aguentei e fui embora. Vim morar em Sobradinho I com minha irmã e fiquei morando com minha irmã e ai meu tio como mexe com ferro velho, essas coisas e anda pra tudo quanto é canto, ai ele descobriu esse assentamento que era ali perto da Nova Colina, indo pra Planaltina ali. Nós morava lá. Ai meu tio falou, ai meu tio chegou e falou pra mim que lá tava tendo esse sem terra. Ai ele falou pra mim que ia lá olhar se tinha vaga, né? Ai ele até perguntou se eu queria ir, ai eu falei que “nem quero saber mais que existiu sem terra mais pra mim, tomei raiva de sem terra”, pelo sofrimento que eu passei, ai ele me adulou, me adulou até arrumar o caminhão no SLU pra me trazer, ai ele foi me adulando, adulando que eu acabei vindo mais ele. Ai quando nós ficou, nós chegou lá, era em 2008 parece. Foi em 2008, por ai. Antes de 2008. parece que foi em 2007. ai nós foi e ficamos lá. Ai eu não sei mais. Ai logo quando foi pra gente vim embora cá ele desistiu. Ai eu acabei vindo mais meu esposo. **Que carência a Sr<sup>a</sup> sentiu durante essa luta pela terra?**

**Dificuldades?** Ah, muitas dificuldades, foi muita luta. Muita luta, pra gente conseguir foi muita luta, perdi meus filhos em ação. Quando tinha ação, tinha que ir. Né? Ganhei muito gás com pimenta com meus filhos. Né? Meu filho foi pegado pelas calças e jogado pro outro lado. Então foi muita luta, perdi meus filhos. Meus dois filho mais velho perdi na luta, ai depois de muito tempo que eu consegui arranjar eles. Né? O povo arranjou. Então nós passou por muita dificuldade. Muita precisão, né? Das coisas, a gente acabou com nossas coisas, né? Pra não morrer de fome, foi muita luta que eu passei. **Seja por parte de autoridades ou pelos assentados, já sofreu algum tipo de abuso ou assédio?** Não. **Você já presenciou de alguém?** Não. Aqui não. Em lugar nenhum que eu passei, nunca passei por isso não. **Porque a Sr<sup>a</sup> se tornou assentada?** Ah eu porque assim a minha vida foi morando em fazenda, né? De caseira dos outros, porque a gente não paga aluguel. A gente não dava conta, né? E outra, pagar aluguel e eles não aceitam com um monte de

menino. Né? Porque eu só fui tendo meus filhos, então é muito difícil pagar aluguel e eu aguentei muita humilhação em casa de sogra. Né? Então a minha vida e a dele onde ele tava, onde arranjava chácara, fazenda pra gente morar e de caseiro, eu sempre morei, então eu fui acostumando e também na Bahia também, a gente só mexia com roça, né? Então já era acostumada em mexer com roça, já com prantação, essas coisas já era acostumada. **Como foi essa participação em mobilizações? Essa participação da mulher? Como elas agiam na mobilização?** Ah, eu achei que foi bom, foi bem. Não tenho do que reclamar, não. Foi bem. Todos que teve eu ia. Nunca faltei de ir. **Sempre havia reconhecimento dos outros companheiros, dos outros assentados de todas as atividade que as mulheres faziam?** Ah, já por parte, porque a gente né? Toda vez que chamava a gente ia, né? Até aqui dentro, se gente falar assim “vamo, vamo pra um encontro”, a gente sempre vai. Junta todo mundo e vai. **A Srª possui contato com sua mãe?** Sim! **Sua mãe tava aqui naquele dia. É. Mora em Sobradinho. É,** ela mora em Sobradinho I, nas casinhas do governo, ela ganhou as casinhas do governo e meu pai mora aqui na Estância. **Uhum.** Né? Porque eles dois são separado. **Ah sim. Como é a divisão das tarefas domésticas? Como assim? As tarefas domésticas todo mundo participa?** Aqui? Sim. Aqui não tem essas frescuras não. Aqui meus filhos ajuda, meu marido, né? Sempre que eu preciso, quando eu tô no sufoco, eles me ajuda. Que que é que o Joãozinho tá chorando (falando pro filho). Então não tenho que reclamar deles não. **A Srª já chegou a sofrer violência doméstica? Não. Em nenhum momento? Nenhuma? Nenhuma. Ou a Srª conhece alguma assentada que já sofreu? Não,** que eu conheço não. **O que a Srª consegue plantar e cultiva aqui do assentamento? Na sua parcela?** Ah, aqui a gente planta mandioca, dá bem...batata doce..dá bem aqui. Assim a única coisa que não dá muito bem aqui é o tomate meio grande, mas o cereja dá bem. é..pepino também...nunca plantei pepino, mas tem gente ai que plantou e não deu certo também não. Mas o resto tudo pega, tudo a gente prantando vai pra frente. **Sempre cultivou, sempre fez roçado sua vida toda?** Não, na Bahia a gente mexia com prantação, né? Mas assim, onde eu vou em qualquer fazenda, eu morava de caseiro sempre a gente sempre tinha a horta. Sempre mexi com minha horta e com minhas prantas. Né? Apenas eu tinha minhas prantas. Falei pro meu marido “só vou se levar minhas

prantas”. Um caminhão de mudança e caminhão de pranta que veio, né?. Que toda minha vida eu gostei de mexer com minhas prantas. **Mas sempre foi algo que você se identificou? Ou seu pai ou sua mãe te ensinou?** Quem me ensinou foi o mundo, não foi nem pai e nem mãe. (risos). Foi o mundo que me ensinou. Muitas coisas. **A Srª cultivava ervas aqui na parcela?** Sim, tenho muita erva. **Benedeiro é seu parceiro, né?** Sim, ele benze. **Quais sementes que a Srª cultivava?** Aqui a gente pranta couve, alface, pimenta, pé de pimenta, tomatinho cereja, a gente pranta também. Pimentão a gente já tá prantando. é...cheiro verde, essas coisas, beterrafa, cenoura, tudo a gente pranta. **Você sempre fez cursos, né?** Sempre. **Cursos de capacitação.** Desde que eu mudei pro assentamento. Eu sempre fiz curso. E mais aqui, né? Porque aqui a gente, antes pra ir pra fora, nos outros assentamentos não tinha esse monte de cursos que tem aqui no assentamento, que hoje a gente tá tendo a oportunidade de ter, a gente não tinha no outro assentamento, nós não tinha não. Ai nesse aqui depois que a gente mudou pra cá, que a EMATER entrou pra ajudar nós. Que eu agradeço muito a EMATER, né? Ajudou bastante nós, depois que ela entrou ai meu filho, só foi, ajudou bastante. **Seus filhos pretendem seguir seu caminho? Todos eles tem esse interesse em continuar?** oh...meu filho ajuda, mas assim ele não é muito chegado não. Eles preferem trabalhar pros outros do que trabalhar aqui. Eles ajuda, eu não falou que não ajuda. Ajuda a plantar as mandiocas, ajuda a prantar as coisas. Mas eles gostam de ter um futuro, né? Então que mexe mesmo na terra sou eu mais meu esposo. **Já houve horta comunitária aqui?** Já teve. Ali mesmo nos PAES, que era no coletivo, certo? Ai depois que o PAES mudou que cada um foi para sua parcela. Né? Mas até hoje, no coletivo. No coletivo não quando era o PAES lá ai meu esposo deu para o outro vizinho, como o vizinho mora lá em cima e não tem como ele prantar lá em cima ai ele deu a área lá no fundo pra ele prantar. Né? Porque lá onde eles mora não tem como prantar. Enquanto eles não liberar, né? Pra desmatar um pouquinho. Ai não tem como trabalhar lá não. **Como a Srª se vê daqui a 5 anos?** Como eu me vejo daqui a 5 anos? ah...muitas coisas, né? Meu sonho é ter minha casa, né? Com minhas coisas tudo dentro e ter minha parcela formada. Esse é meu sonho, é ter minhas vaquinhas pra tirar um leitinho. (risos). Galinha eu já tenho um monte. Porque toda minha mexi com galinha também. Aonde eu vou, mexo com galinha.

Então é ter muito futuro, bem pra frente que quero ter. **como a Srª vê a titularidade da terra no nome da Srª?** Ah, muito bom, né? Antigamente era tudo pro homem, no nome dos homem. Agora eu achei muito bom. No nome das muié. (risos). Né? Então é uma coisa assim que não tem como o homem largar e querer tomar tudo, né? **Uhum.** Ele tem parte também né? E eu tenho minha parte também, né? Então isso é muito bom, né? Eu achei muito bom, essa lei que teve. **Você reconhece que existe um sistema ideológico que limita suas liberdades? Que coloca você em terminados espaços? Que mulher não pode isso, homem pode aquilo. Você reconhece que há um sistema?** Não, aqui é assim, ele resolve o que tem que resolver e eu resolvo o que tenho que resolver. Aqui não tem essas frescuras não. **Todo mundo faz tudo.** é. Tem vez que ele sai pra onde ele quer. Eu saio e vou pra onde eu quero. E resolvo minhas coisas. Ele também. Não tem essas frescuras aqui em casa não. Eu faço meu curso, eu estudo e ele não importa. Eu passo a semana todinha fora ai eu só chegou de noite e acordo de manhã e saio. Então ele ajuda dentro de casa, ele não importa com isso não. **E como você vê a atuação do MST nessas questões de gênero? Ele é atuante e comenta sobre a não violência contra a mulher, que a mulher deve ser respeitada? Eles atuam?** Tem, eu já assisti muito palestra sobre isso aqui dentro. Então aqui tem. Do MST eu acho muito bom isso ai. Sim. Então é isso. Muito obrigado.

##### 5. Zuleide Laurindo de Souza

**Então qual é o nome da Srª?** Zuleide Laurindo de Souza. **Aqui não fica melhor não pra Srª ficar? Porque ficar 40 minutos, meia hora de pé.** Daonde a Srª é? **E quanto tempo a Srª tá em Brasília?** Sou do Ceará, nasci em Mombaça. Uhum. Eu vim de lá pequena, ai fiquei morando em Minas Gerais. **Sim.** Em São Paulo e depois fiquei em Brasília. Quantos anos a Srª tem? 69. E a ocupação da Srª é qual? Bom...aqui a gente trabalha na roça, né? Como agricultora, né? E trabalho um pouco com artesanato pra ajudar, né? **Mas além desses trabalhos a Srª já teve outros?** Sim. Sempre trabalhei, tem 30 anos que trabalho com artesanato, né? Então trabalhava na feira, né? **E a Srª tem quantos filhos?** Tenho 7 filhos. **Todos eles ainda estão vivos né?** Sim. **Mora com a Srª?** Não. Tem três netos também que foi

eu que cuidei, criei posso dizer. Então ao todo são 10 filhos. **E a Sr<sup>a</sup> é solteira, casada?** Sou divorciada. **Como a Sr<sup>a</sup> chegou no assentamento Pequeno Willian?** Eu morava ali na Estância, né? E um amigo da gente me chamou pra ir ali, na Toca da Raposa. E com três meses a gente conseguiu um pedaço de terra pra plantar. Porque eu sempre tive vontade de ter minha terra e plantar, né? Então eu aceitei o convite dessa Senhora e fui pra lá, eu fiquei um tempão lá, né? Depois da dali a gente foi pros pinheiros, né? E dali dos pinheiros, então a gente veio pra cá. Até demorou 10 anos, mais de 10 anos e eu sai com 3 meses. Ai demorou mais de 10 anos. **Pra Sr<sup>a</sup> ficar fixamente aqui no Pequeno Willian. Isso. Que carências a Sr<sup>a</sup> sofreu nessa trajetória de luta?** Carência? **é.** Iche...muito né? Muita carência, porque quando a gente mora assim no acampamento, a gente não tem muita chance pra tá saindo pra trabalhar e como eu tenho, tinha essa família, as vezes minha filha ficava doente, passando mal, porque eu tenho duas filha, que uma tinha, tem um problema de epilepsia. Né? E eu tenho que cuidar dela, sempre eu cuido dela. Né? Eae tinha uma dificuldade muito grande, porque as pessoas não aceitavam. Né? Mas como eu queria ter minha terra, porque eu nasci na roça e me criei na roça. Né? E eu queria muito ter a minha terra, né? Ai eu ia e ficava um pouco lá com minha filha e cuidava dela e depois voltava, né? Enquanto não chegava, eles pegavam e tirava meu nome. Ai eu ficava naquele sofrimento, chorando, porque...poxa... não sabe da dificuldade que a gente enfrentava, né? Eu, mulher sem marido, meu ex-marido me deixou e nunca deu nada de pensão. Eu sempre tive que trabalhar pra ajudar os filhos, sustentar os filhos. E tinha gente que era assim do meu lado e me ajudava ai eu voltava de novo, né? Ai eu ficava, passava três, quatro dias ali e depois eu ia, né? Pra resolver problema dos meus filhos, a menina doente, porque eram duas filhas que tinha problema, né? Sofri demais com essa menina, uma delas. As vezes eu não podia ver um carro passando, que eu já imaginava que era notícia ruim. Porque ela tomava os comprimidos e enchia a mão de comprimido e tomava. **E podia encher a mão?** Uai, era por causa que ela tava com problema na cabeça, sei lá...ela teve internada numa clínica, ai sabe? E eu enfrentando isso tudo e ainda na terra, ali e pra ali e ia pra lá. Ia pra li e ia pra lá e ficava naquela luta, maior sofrimento. Sofri demais pra conseguir esse pedaço de terra. Mas ai um dia, eu conversando com o Gaspar, né? Ai o Gaspar falou assim

“olha, vou falar uma coisa pra você, você é...quando você for assim, você pega um atestado e trás, porque ai acaba todos os problemas”. Eles me tiravam sempre que eu ia cuidar dela, eles me tiravam. Oh....teve um dia que eu cheguei lá no Pronto Socorro lá da Ceilândia, ela tava morta encima da cama, toda inchada, inchada. Eles me avisaram né? Ai eu peguei e sai doida, chorando e ela lá deitada morta, quase morta. Inchada, tudo inchado. Ai eu voltei fiquei lá fora, chorando, né? Porque era minha filha mais nova e tava dando esse problema. Mas ai depois eles passam a me atender lá, né? Então eu acho que essa foi uma carência muito grande na vida. Porque eu queria a terra e tinha que cuidar dos filhos, né? Nessa situação. **Uhum.** E as netas, neto que, ela não tinha filho. Eu que tinha que cuidar, cuidava um pouco, no fim de semana, o pai das crianças ficava lá um pouco. Mas com muita luta eu consegui, sabe? Graças a Deus. Sobreviver, porque eu também tenho problema de saúde. Muito! Eu tenho problema de chagas, não sei onde consegui isso, se foi na terra, porque lá onde a gente morava, tinha muito barbeiro, sabe? **Então eles te picaram.** Eu acho que eles me picaram lá, né? Ai eu tenho problema de coração, por causa disso. Porque a chaga, né? Dá no coração. **Em algum momento a Srª presenciou algum tipo de abuso ou assédio entre os assentados ou do seu parceiro? Violência?** Olha, teve uma vez que eu fiquei muito chateada, viu? E essa vez eu fui parar no pronto socorro de Sobradinho. Porque tem esse negócio da gente tirar guarda, né? Eae, da sexta pro sábado não trabalhava, porque sou adventista e eu não trabalhava. Ai vieram para eu tirar guarda na sexta-feira. Ai eu falei que eu não ia tirar porque não trabalhava da sexta pro sábado eu não trabalhava, porque há é sábado, né? **Uhum.** Ai a pessoa que tava lá fazendo falou assim pra outra mulher. “oh...pode tirar o ponto dela e tira o ponto, ela não vai trabalhar então põe falta aí”. Ai eu fiquei muito chateada, nossa eu fiquei tão chateada que dali pra frente, daquela hora em diante, num sábado eu fiquei passando mal, ai eu fui procurar uma pessoa, né? O que fazer? Porque se tirasse, tivesse falta a gente tinha que repor, ajeitar porque a gente não podia. Ai a pessoa falou “não sei o que vocês vão fazer, porque adventista aqui da agora pra frente vai ter que trabalhar no sábado”. Ai de lá eu só virei as costas e fui chorando pra minha casa, chorando no meio do caminho em diante, eu comecei a ficar toda dormente, ai me levaram pro pronto socorro. Uma pessoa me viu chorando, toda dormente, lá

né? E me levaram pro pronto socorro. Né? Quando chegou lá no Pronto Socorro, eles aplicaram soro em mim, era derramando, não era pingando não. Porque geralmente o soro é pingando, ai derramando, derramando, ai eu toda dormente. Ai olhava assim, e a moça falava “oh, fica tranquila, porque você tá precisando disso ai, tá, não fique mais nervosa não”? Ai eu lá nervosa e chorando, toda dormente, né? Eu não sei, né? Me darem uma coisa que eu não sei o que que é. Senão tivessem me levado, mas graças a Deus, eu tomei três pacotinhos de soro, derramando. Ai o quarto foi pingando. Ai isso ai me marcou muito, fiquei muito chateada com isso ai. Mas ai a pessoa que tava lá comigo, cuidou direitinho de mim, terminou, me levaram pra casa, pra lá...né? Ai ligaram pra minha família, mandaram vir me pegar e eu fiquei uns dias lá pra descansar. Fiquei péssima, quase que eu morri, foi só isso ai o problema maior que eu tive nesse acampamento, porque lá ainda era acampamento. Daí pra frente também as coisas melhoraram 100% pra mim. Porque as pessoas viram que eu tenho problema de saúde, sério. Cê entendeu? Mas eu procuro as vezes me controlar, porque eu não posso fazer conta, eu não posso. Não posso sofrer nervoso, raiva, pessoa que me fizer raiva pode saber que vai ser ruim pra mim, né? Porque eu passo muito mal. Graças a Deus que deu tudo certo. Já tô com os trens da minha terra. Estou feliz. **Venceu, né?** Eu venci uma batalha! **Porque a Srª se tornou assentada?** Porque eu gosto de terra, sempre gostei de terra. Trabalhei na roça a vida toda. Nunca a gente conseguiu nada porque era terra dos outros, né? **Era arrendada.** é. Ai eu falei assim “não, eu tenho que conseguir a minha terra”, porque nessa época eu viva com meu pai, quando era ele que arrendava pro uso, iai me tornei assentada por que tudo isso. Eu gosto de natureza, eu gosto, eu trabalho com artesanato e eu trabalhava e as coisas que eu faço com artesanato, é nessa área aqui do colégio agrícola. Mas eu nunca imaginei que eu ia ganhar uma parcela aqui. E ganhei uma parcela bem, porque tem muita coisa aqui ó...se for para sobreviver só do artesanato aqui...ó. Nessa área não precisa nem ir capinar, plantar, nem nada. Só a natureza, as coisas que tem aqui, sustenta a sua família. Pois eu sustentei minha família foi com isso ai. Essas coisas do cerrado, aqui...ó...tinha dia que a gente ia buscar muita coisa assim...folhas..pra fazer os arranjos. Ai vendia e sustentava a família. Mas agora que eu fui ter essa terra. **Como foi a participação das mulheres na mobilização? Houve reconhecimento? Nas**

**mobilizações do acampamento, nas atividades, reconheciam o que vocês faziam?** Sim, sempre...uhã. Sempre cuidávamos do acampamento, tanto lá como ali. Varria tudo e ajeitava. Nossa, nesse primeiro acampamento nosso, era muita gente boa. Nessa época tinha o Paraíba. **A srª possui contato com seu pai e sua mãe?** Meu pai mora logo ali, no acampamento dos sem teto. **Aquele que tá na BR?** Ele mora lá. Ele tem um lugarzinho lá, que é da minha filha, né? **Lá na ponta da Estância?** Isso, ali ó...não tem quando você vêm dali de baixo? Toda a semana a gente se vê, sim. **Como é a divisão das suas tarefas domésticas aqui da sua parcela?** Eu procuro plantar árvore e os meus filhos é que fazem as plantações, porque eu não dou conta de fazer. Então eu tenho dois filhos que vem sempre cuidar daqui. Sabe? Capinar ali, ó...deixar tudo limpo aqui em volta. Tão fazendo aquela casa lá atrás. Ai eles dois que fazem as benfeitorias aqui. Vão plantar o pomar. E a outra vai plantar a mandioca que eu vou receber. Então eles que vão fazer. Eles vem no final de semana, porque mora na Ceilândia então não dá para mexer aqui, né? Mas é esses dois. **Mas em termos de atividades domésticas, alimentação, cuidar de criança, lavagem de roupa?** Lavagem de roupa é com minha filha, minha filha lava roupa lá e cuidar desse aqui (pestinha) sou eu quer cuidado. Porque a minha filha que eu adotei, né? A mãe dele (apontando pra criança), ela mora no Paraná, ela tem outro menino. Ela levou um e deixou o outro. Ai eu cuido desse e ela cuida do outro. E alimentação a gente vai sobrevivendo aqui com artesanato, uma coisinha. É assim. Tenho uma família que trabalha ai e sempre ela me dá uma ajuda. E a gente vai levando. **A Srª já sofreu alguma violência doméstica? Alguma dia na sua vida? Uma violência simbólica, uma violência emocional? Uma violência física?** Não lembro não. Não lembro de coisas assim. **O que a Srª planta e cultiva da terra?** Nesse momento tô plantando quiabo, abóbora, frutas, né? Tá plantando aqui do jeito que pode, né? **A Srª sempre cultivou isso a sua vida toda?** Sim, desde sempre. Porque sempre morei em roça. Eu trabalhava na inchada junto com meu pai. Sempre cultivava, colhia, plantava. **Seu pai que te ensinou?** Sim. **A Srª possui ervas aqui na sua parcela?** Tenho. **Pra tratar qualquer tipo de doença?** Sim, sempre. **A Srª conhece alguma benzedeira, parteira?** Bom...parteira... a que eu conhecia já faleceu. Agora benzedeira, nós adventista não mexe com isso não. **Quais as sementes que a Srª cultiva?** Milho,

abóbora, melancia quanto tem, semente de girassol, essas coisas assim. **A senhora chegou a fazer cursos da EMATER? EMBRAPA?** já. Muitos. **Da EMATER?** Esses cursos que eles trazem, quase, quase todos. Apicultura, psicultura, né? Todos os cursos que a EMATER trazia pra cá, eu fazia. **Quais filhos que desejam seguir seus passos? Que querem dar continuidade nas suas atividades que a Srª faz aqui na parcela?** No momento, esse dois filhos que tão vindo fazer as coisas, eles vão seguir, mas quem vai mesmo seguir, vai ser a mãe desse aqui, que quando fizer a casa, ela vem pra cá, que eu vou ensinar pra ela, como ela deve fazer, que eu ver que ela é a que mais, seguir, né? E esses dois que já tão fazendo. Ai nesse eles três e essas duas crianças, porque já tem esse aqui que já mora aqui comigo, quero ensinar pra ele. Cê acredita que ele já quer plantar...já pega o jarrinho, desse tamazinho, não precisa nem eu mandar. Ele já faz isso. Eu já tô ajeitando os jarrinho ali. **Como sua mãe tratava as doenças?** Usava as ervas. Existe aqui uma horta comunitária? Quando a gente ficava lá embaixo tinha, agora não tinha como a gente vir aqui de cima e ir lá embaixo. **Como a srª se vê daqui a 5 anos?** Me vejo bem, pedindo a Deus proteção, vê a produção daqui, meus filhos vão plantar o pomar, plantar as coisas, eu tô ajudando no que eu posso. Porque não posso fazer muita coisa. Em 5 a gente quer tá bem. Se Deus quiser. **Como a srª vê a titularidade da terra em seu nome? Essa parcela?** Era uma coisa que eu queria muito. Então eu sou uma pessoa assim que uma das coisas me faz muito feliz, muito mesmo. Viu? Porque quando eu era assim mais nova não era assim, e agora nessa idade eu agradeço a Deus, todo dia. Sabe? Porque Deus me deu isso aqui pra mim, eu acho isso aqui a maior riqueza que eu consegui na minha vida. Eu abro essa porta aqui e saio aqui fora, agradecendo a Deus, não é pra qualquer um. **A srª reconhece que há um sistema e limita suas liberdades, que coloca a Srª em determinados espaços (em casa, na cozinha, lavando roupa) a Srª reconhece isso?** Eu não sei dizer, **(por exemplo, as mulheres ficam em casa com as atividades domésticas e homens não participam), vamos supor: eles tão lá trabalhando, A Srª lava roupa, a senhora cuida das crianças, faz a comida, colocar as criança para dormir. E ele não participa tanto assim. E há caso de homens que agridem as suas mulheres, né?** Quando eu tinha meu ex-marido, ele chegou a fazer coisas que, é porque as vezes eu não gosto muito de falar sobre esse assunto, porque eu

passo mal só de falar, mas eu levei murro na cara, muro de eu cair estatalada no chão e assim eu depois fiquei doente e assim meu ex-marido não ajudava assim, ele tinha os filhos, eu que tive que cuidar de casa, fazer comida, fazer tudo de casa, ele achava que eu tinha que trabalhar, só e pronto. Mas me ajudar, não. Chegou um ponto dele fazer isso comigo, cheguei que eu pus a mão assim ó...tirava aquela pele de sangue que saia da minha boca, que eu fiquei com um problema sério, eu tive que tratar no psiquiatra, por causa disso. Mas ai eu não gosto de falar. **Se sente mal, né?** Me sinto mal pra caramba. **Nessas questões de violência de gênero, o MST é atuante? Ele trabalha em oficinas?capacitação?** Sim, sim. Nossa aqui eles nos ensinaram a gente, que aqui o homem trabalha e a mulher também. Né? Os dois. Não pode ser só um. Se o homem tá ali plantando, a mulher pode tá lá também plantando. Fazendo as coisas. Eu aprendi muita coisa boa. Porque antes eu não sabia dessas coisas. **Você naturalizava como normais.** Normais, assim de eu viver só dentro de casa, de não ter liberdade de poder sair. Poder atuar. Muito obrigado Dona Zuleide.

## Apêndice C - Termos de Autorização



**UnB/Universidade de Brasília**  
FUP/Faculdade UnB Planaltina  
(LaPCIS) Laboratório de Pesquisa em Ciências Sociais, Métodos  
Qualitativos e Mobilização Social

### TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu ADRIANA FERNANDES SOUZA, CPF 549.344.401-80, RG 1433.540-DF,

depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, os pesquisadores Jonathas Felipe Aires Ferreira portador do CPF:034114901-28 e Tânia Cristina da Silva Cruz portadora do CPF:786390181-20 do projeto de pesquisa intitulado "**Mulheres na agricultura familiar do Pequeno Willian – Planaltina - DF: Condições de Vida, Trabalho e Meio Ambiente**" a realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

Planaltina, 16 de Abril, de 2016

Jonathas Felipe A. Ferreira

Pesquisador responsável pelo projeto

Adriana Fernandes Souza

Sujeito da Pesquisa



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS**

Eu Waldino S. Almeida CPF 020.05824158 RG 29.22392,

depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, os pesquisadores Jonathas Felipe Aires Ferreira portador do CPF:034114901-28 e Tânia Cristina da Silva Cruz portadora do CPF:786390181-20 do projeto de pesquisa intitulado "**Mulheres na agricultura familiar do Pequeno Willian – Planaltina - DF: Condições de Vida, Trabalho e Meio Ambiente**" a realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

Planaltina, 19 de Abril de 2016

Jonathas Felipe A. Ferreira

Pesquisador responsável pelo projeto

Waldino S. Almeida

Sujeito da Pesquisa



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS**

Eu Manue Camille Ornes, CPF \_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_,

depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, os pesquisadores Jonathas Felipe Aires Ferreira portador do CPF:034114901-28 e Tânia Cristina da Silva Cruz portadora do CPF:786390181-20 do projeto de pesquisa intitulado "**(Mulheres na agricultura familiar do Pequeno Willian – Planaltina - DF: Condições de Vida, Trabalho e Meio Ambiente)**" a realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto Nº 3.298/1999, alterado pelo Decreto Nº 5.296/2004).

Planaltina, 16 de Abril de 2016

Jonathas Felipe A. Ferreira

Pesquisador responsável pelo projeto

Manue Camille Ornes

Sujeito da Pesquisa



UnB/Universidade de Brasília  
FUP/Faculdade UnB Planaltina  
(LaPCIS) Laboratório de Pesquisa em Ciências Sociais, Métodos  
Qualitativos e Mobilização Social

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS**

Eu Gustaviana Alves de S. CPF 47325070157 RG 740-02

depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, os pesquisadores Jonathas Felipe Aires Ferreira portador do CPF:034114901-28 e Tânia Cristina da Silva Cruz portadora do CPF:786390181-20 do projeto de pesquisa intitulado "**Mulheres na agricultura familiar do Pequeno Willian – Planaltina - DF: Condições de Vida, Trabalho e Meio Ambiente**" a realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

Planaltina 05 de Junho de 2016

Jonathas Felipe de Ferreira

Pesquisador responsável pelo projeto

[Assinatura]

Sujeito da Pesquisa



**UnB/Universidade de Brasília**  
FUP/Faculdade UnB Planaltina  
(LaPCIS) Laboratório de Pesquisa em Ciências Sociais, Métodos  
Qualitativos e Mobilização Social

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS**

Eu, Fulvide Laurindo de Souza, CPF 546.834.635-91, RG 201102

depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, os pesquisadores Jonathas Felipe Aires Ferreira portador do CPF:034114901-28 e Tânia Cristina da Silva Cruz portadora do CPF:786390181-20 do projeto de pesquisa intitulado "**(Mulheres na agricultura familiar do Pequeno Willian – Planaltina - DF: Condições de Vida, Trabalho e Meio Ambiente)**" a realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto Nº 3.298/1999, alterado pelo Decreto Nº 5.296/2004).

Planaltina, 16 de Abril de 2016

Jonathas Felipe A. Ferreira

Pesquisador responsável pelo projeto

Fulvide Laurindo de Souza

Sujeito da Pesquisa